BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXX • MAIO DE 1955 • N.º 339

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde: Rua 15 de novembro, 111 - 15.º and.

Ano XXX | MAIO DE 1955 | Número 339

Sumário

COLABORAÇÃO:

Bases de uma política racional para o café — II — J. Testa
Ocorrência de aleurothrixus myrtacei em cafeeiros no Estado de S. Paulo — A. S. Costa e D. M. Silva
Formação de uma fazenda de café — F. R. Pupo de Moraes

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Adubação verde do cafèzal
Rêde de postos de classificação de café
Questões práticas de cafeicultura — Época de plantio — Lauriston Pousa Bicudo
Seguro método de proteção aos cafèzais contra as geadas
O emprêgo do azôto mineral na adubação do cafeeiro — Ferdinando R. Pupo de Moraes
A debatida questão dos sombreamentos dos cafèzais: Problema a reexaminar — José Gomes da Silva
A cochonilha verde do cafeeiro — Francisco de Assis M. Mariconi
Aplicação de adubos em cafèzal — Lauriston Pousa Bicudo
Observações práticas sôbre a adubação no cafeeiro — Sigmar Kaufmann
Há cêrca de 8 anos o café mundo novo lançou raízes na terra do bourbon
Como construir um viveiro de café
Lisbôa bebe café muito melhor que o de S. Paulo e do Rio — Mozart Monteiro
Café do Brasil apreendido pelas autoridades turcas
Além de ser a venda clandestina o café é entregue já adulterado
O café visto nos Estados Unidos (Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — abril)

ESTATÍSTICAS:

NOSSA CAPA

Aviação a serviço da cafeicultura.

Em diversas fazendas de S. Paulo, e em algumas do norte do Paraná, têm sido a aviação empregada, com sucesso, na pulverização dos cafèzais com inseticidas.

Principalmente a *broca* do café foi combatida, em várias regiões, por êsse moderno processo.

CAFÉS FINOS

Lavador MOREIRA

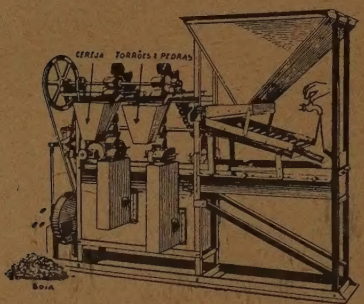
Com água de torneira

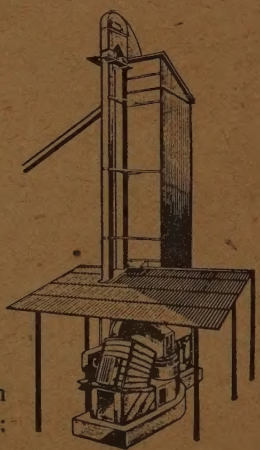
de ½ polegada, e consumo diminuto de água (5 litros para cada saco), o **Lavador Moreira** separa perfeitamente o **bóia**, o **cereja** e as **pedras** e **torrões**.

Secador MOREIRA

Constitue sua propria casa

O café, secado a ar quente, é despejado diretamente na tulha definitiva. Larvas e ovos de broca, são totalmente destruidos. Opera com apenas 1 homem.





- **Fôrça motriz:- 1 HP**
- **Pêso: 470 kg.**
- **Produção: 30 a 100 sacos por hora, conforme quantidades de cereja, pedra e torrões.**

Segue montado

Fabricamos tambem **SECADORES** para:

arroz, milho, feijão, alfafa, bagaço de cana, etc.

Consultem-nos sem compromisso.

Entregues prontos p/ funcionamento.

Fôrça motriz: 5 HP
Consumo de lenha: 1 m 3 cada 10 horas

Capacidade: 300 alqueires em cada carga. (150 sacos de 100 litros)

Montagem gratuita

PEÇA-NOS MAIORES INFORMAÇÕES E UMA LISTA DOS POSSUIDORES DE PRODUTOS MOREIRA

Promotion

Máquinas Moreira S.A.

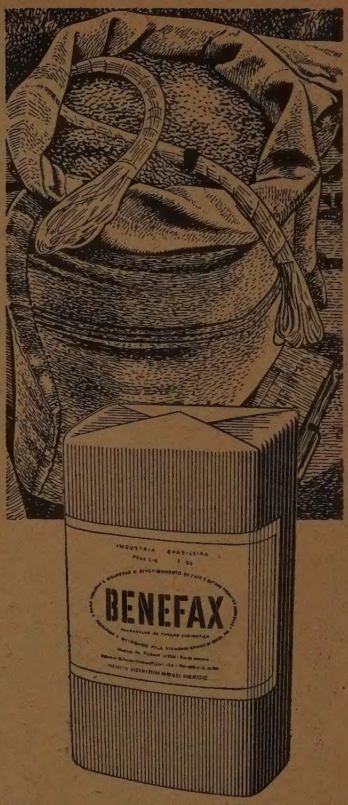
Rua da Mooca, 2100 - Fone: 9-1164 (14 ramais) - Caixa Postal, 5822 - End. Telegr. "SECADORES" - São Paulo

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, êste Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDERÊÇO

Você pode obter -em tôdas as safras- CAFÉ melhor e melhores preços!



USE

BENEFAX

no tratamento do café em cereja e AUMENTE SEUS LUCROS

Agora você pode conseguir a padronização de um tipo de café superior... e melhores cotações no mercado. Isto graças a *Benefax*, um pó à base de enzimas, que torna mais rápida a digestão da mucilagem ou mel do café. Usado na forma conveniente, *Benefax* atua sôbre a fermentação do café e oferece tôdas estas vantagens:

Economia nos tanques

Acelerando o processo de fermentação, evitá o congestionamento dos tanques na fôrça da safra, aumentando-lhes a capacidade, sem despesas para a sua ampliação.

Redução no processo - Diminuindo o tempo de fermentação para seis a oito horas, possibilita que, *no mesmo dia*, se possa colhêr, despolpar e fermentar o café, deixando-o em condições de ser levado aos secadores.

Elevação do tipo - Controlando a fermentação, possibilita a padronização de um tipo de café superior e a sua obtenção em tôdas as safras.

1 kg de Benefax dá para 400 kg de café despolpado. 1m³ equivale a 850 kg de café despolpado e exige 2,125 kg de Benefax. Deve-se remover o excesso de água do café despolpado antes de misturar, e misturar bem.

Mantenha Benefax bem fechado *na sua embalagem original, a fim de preservá-lo da umidade. Dessa forma êle conservará melhor suas propriedades.*

Para maiores informações, dirija-se à

STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.

Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro

STANDARD BRANDS — UM DOS MAIORES VENDEDORES DO CAFÉ BRASILEIRO NOS EE.UU.

Bases de uma política racional para o café

J. Testa

II

A) *PRODUÇÃO*

1) *Regiões de plantio* — Infelizmente, e contra o nosso ponto de vista que é o da economia livre, acreditamos que chegou a hora de se regulamentar o plantio, e isso pelas razões seguintes: para que o café seja produzido a um preço de concorrência e que ainda dê lucro ao produtor, deve-se jogar ao máximo com todos os fatores favoráveis: boas terras, semente selecionada, clima adequado, bons tratos culturais, perfeito beneficiamento, boas condições de armazenagem, transporte barato, financiamento conveniente, racionais processos de comercialização, eficiente propaganda, fretes módicos, rêde de acôrdos comerciais. Se, de início, já permitimos que o café seja cultivado em regiões impróprias, nosso plano, que compreende um todo, fica comprometido. E quais seriam essas regiões impróprias? As situadas a uma latitude muito meridional e, por conseguinte, sujeitas a possíveis e catastróficas geadas; as de desgaste rápido, ou por demasiado íngremes ou demasiado arenosas; de um modo geral, as terras pouco férteis, que melhor poderiam ser aproveitadas com produtos menos nobres, e, ainda de um modo geral, as terras que, normalmente, produzem um café de bebida inferior.

A delimitação de áreas para determinados plantios é medida curial, não se precisando invocar os países totalitários. Aliás, nem seria necessário o uso de proibições. Bastaria apenas instituir maiores vantagens de financiamento e escoamento aos que se cingissem às determinações pre-fixadas.

2) *Terras apropriadas* — Mesmo dentro da região geográfica estabelecida, poderia dar-se o caso — e é frequente — da ocorrência de *manchas* de terras inférteis, ou demasiado castigadas pelos ventos frios, ou demasiado baixas ou, ainda, de excessiva altitude. Cultivar em tais localizações a rubiácea é expô-la, na certa, a uma produção deficitária, que, depois, terá que ser mantida com subvenções e preços forçados e acabará levando à ruina seu produtor, após inflacionar por um certo tempo o mercado mundial. Já existem elementos para uma planificação geral e, dentro de cada Estado, zona agrícola, ou Município, técnicos competentes deverão ser consultados sôbre cada novo plantio.

3) *Proteção das florestas e dos cursos de água* — Não se trata, aqui, de proteção à flora ou à fauna, o que já bastaria para justificar a medida. O que se tem em vista é a conservação da umidade do ar, a defêsa contra a erosão e, até certo ponto, uma proteção contra as geadas, ou pelo menos contra os ventos frios. O corte das matas, para o plantio do cafeeiro, não pode ser realizado de modo a formar um desmatamento contínuo, ininterrupto. Capões e faixas de mato devem ser obrigatòriamente deixados, de tal forma que os cafèzais pràticamente sejam plantados em clareiras. Uma legislação

adequada, fácil, aliás, de ser votada e de ser executada, deve ser feita, a fim de acabar com êsse imediatismo do rápido enriquecimento a qualquer custo.

4) *Semente selecionada* — E êste um ponto muito importante. Já se foi o tempo em que os cafèzais eram formados com a "semente do vizinho". Hoje, com as modernas conquistas da genética, e principalmente para quem dispõe de institutos científicos como os que possuimos, seria absurda tal prática. Depois de muitos anos de experimentação e de trabalho exaustivo e meticuloso conseguiu o Instituto Agronômico de Campinas, notadamente, progênies selecionadas de cafeeiro que reunem tôdas as melhores qualidades que se possam procurar numa planta, pois são ao mesmo tempo *mais rústicas, mais produtivas* e *mais precoces*. E são, além disso, melhor indicadas para tais ou quais terrenos. Desprezar tais linhagens para preferir a semente do vizinho, apenas porque está mais à mão, é um êrro manifesto, cujas consequências não aparecem no momento, mas posteriormente.

5) *Modo de plantio* — Por modo de plantio se pode entender muita coisa, tanto no que se refere à forma de reprodução da planta (plantio direto da semente na cova, enviveiramento prévio, muda por estaca, enxertia, etc.), como ao modo de colocar a muda, profundidade da cova, proteção de plantinha ainda tenra e outros detalhes, como ainda, ao modo de disposição das linhas de cafeeiro no terreno. Todos êsses detalhes têm sua importância, e têm sido detidamente estudados pelos técnicos. O mais importante, todavia, pelas consequências que acarreta para o cafèzal, no sentido da facilidade do trato e barateamento da cultura, é o que se refere ao modo de alinhamento.

Realmente, o que precisa ficar bem estabelecido é que não mais interessa, hoje, o sistema de plantio em linhas geométricas rígidas e esquadrejadas com precisão. Quer se tratasse de terreno plano ou acidentado, o que interessava ao lavrador era que o alinhamento ficasse perfeito, embora pudesse favorecer a erosão e dificultar os tratos culturais. À vista dos modernos princípios, o cafèzal deve ser plantado em renques ou fileiras, paralelas ou não, geométricas ou não, porém em linha de nível e defendido o solo contra o desgaste. De um pé de café a outro (dentro de cada fileira) uma distância de 2m,40; e de uma a outra fileira uma distância de 3m,20. Êsse espaço livre de 3m,20, de uma a outra fileira, permitirá a passagem de máquinas pulverizadoras, carpideiras, etc., devendo, para isso, cada fileira ter ligação estradal com a outra.

Não será preciso insistir, porque saltam à vista as vantagens que o processo faculta com relação à defêsa do cafeeiro contra a erosão, ao seu trato e à colheita do produto.

6) *Defêsa contra a erosão* — Na moderna cafeicultura, que não mais pode ser feita em terras de mata, pela simples razão de que estas já não existem, cumpre aproveitar as terras "velhas", desde que sejam de boa qualidade e localização. E, nestas, inexistindo o húmus gratuito que a mãe natureza acumulara, torna-se indispensável a adubação. Fazê-la, porém, em terrenos íngremes e sem defêsa, equivale a jogar fora o adubo. Torna-se absolutamente necessário, pois, de início, seja o terreno devidamente protegido. Aliás, mesmo em se tratando de terras de matas, que ainda seja possível destruir e devastar, indispensável se torna sempre a defêsa do solo, pois sem essa elementar

providência, num clima tropical e de chuvas torrenciais como o nosso, a terra "nova" torna-se "velha" em pouco tempo, arrastados os seus elementos nobres pelas enxurradas. Nem falemos, já, do Estado do Rio ou das velhas zonas de Minas e S. Paulo, pois no próprio setentrião paranaense, onde a cafeicultura é de ontem e de hoje, já existe uma zona "velha", onde os cafeeiros se estão tornando decrépitos e as terras "cansadas"...

Os processos de defêsa contra a erosão são hoje vários, indo desde o máximo do terraceamento até o mínimo de cordões de contôrno. Podem ser de vários tipos — mecânicos, vegetativos, culturais (capinas alternadas, culturas em faixa, etc.) e podem ser adotados em conjunto, quando possível e necessário.

A nenhum cafêzal novo se deveria permitir fôsse plantado sem adequados processos de defêsa do solo. E, com relação aos velhos, principalmente os situados em lugares íngremes, uma campanha educativa e de auxílio deveria ser feita de modo a que, dentro de um certo prazo, nem um único pé de café estivesse, em nosso país, sem a necessária, a imprescindível defêsa contra a erosão.

7) *Adubação racional* — Num terreno já protegido, *novo ou velho*, a adubação deve ser feita, pois já é tempo de nos capacitarmos, no Brasil, de que a agricultura não consiste apenas em plantar, de modo nômade, acompanhando desde o Atlântico até as fronteiras ocidentais o filão esquivo de húmus. Agricultura não é mineração. Cumpre devolver à terra o que dela se retira.

O solo, para nós, é simples mercadoria. Não o estimamos, ao contrário dos povos das velhas civilizações. Para os antigos romanos e para os chineses era êle sagrado. Passava dos pais aos filhos, sucessivamente. Sôbre êle ardia eternamente o fogo do sacrifício, o Deus Familiar. Nêle sepultavam seus mortos. Dêle retiravam suas colheitas. Era-lhes alimento, tradição e religião. Merecia-lhes respeito e homenagens. Mesmo na Europa hodierna, o solo continua sendo, para os camponeses, o amigo ancestral, e ainda não há muitos anos era instituído na Itália, por Mussolini, o "prêmio de fidelidade à terra", tendo sido contemplados proprietários que possuiam a mesma gleba, de geração em geração, há 500 anos!

Ao contrário do que ainda alguns supõem, a terra é tanto melhor quanto mais cultivada, mais trabalhada.

No estado atual de nossos conhecimentos, a adubação já atingiu a uma amplitude e um ecletismo que a situam em seu devido lugar. À reação "química" de Liebig, e de seus seguidores, que condenava como velharias ineficazes os processos de adubação orgânica, sucederam os partidários dos processos "naturais", de Indore e outros, que proscreviam os sais minerais como esterilizadores e "salgadores" da terra. Sabemos, hoje, que todos os processos são *naturais*, pois tanto ajudamos a mãe natureza ao trazer de volta os sais retirados pela planta, como dando à terra o húmus que lhe permite criar os micro-organismos fertilizantes e solubilizantes, sem o que seria nula, ou quase, a absorção dos alimentos minerais. Acresce que essa matéria orgânica tem outro e importante papel como modificadora da composição física da terra e

retentora da umidade. Atua, assim, sob o tríplice aspecto físico, químico e biológico.

Pode ser incorporada à terra, como é sabido, sob a forma de adubação verde, de estercos e compostos diversos, cada dia mais aperfeiçoados e de mais rápida obtenção. Nos últimos tempos, a consociação da pecuária com a agricultura é cada vez mais perfeita, havendo mesmo casos em que ao sub-produto da criação representado pelo estêrco é dada uma importância quase tão grande quanto à do produto principal.

Ainda no capítulo da adubação, precedendo-o, há um detalhe da mais alta relevância: o da calagem dos solos, sabendo-se que são êles, em maioria, desprovidos de cálcio, em nossas regiões, e não se ignorando que a adubação deixa de reagir favoràvelmente em terrenos ácidos.

8) *Combate às pragas e moléstias; ervicidas* — Não obstante o imenso progresso alcançado nestes setores, não sòmente quanto à descoberta de substâncias cada vez mais eficazes, como também relativamente aos aparelhamentos mecânicos usados, uma dúvida persiste: a da adaptabilidade dos inimigos naturais (insetos, bactérias, virus, etc.) às novas condições, tornando-se por vêzes imunes, nas suas gerações sucessivas, ao combate mortíferò que lhes é movido pelo homem. Não há dúvida, todavia de que perdem terreno, e talvez não esteja longe o dia em que um contrôle perfeito possa ser exercido sôbre todos êles. Surge, também aqui, uma interessante questão marginal: a da destruição, conjuntamente com os nocivos, dos insetos úteis e dos pássaros. Alertados que já estão os pesquizadores com relação a êsse aspecto do problema, é de crer que, de futuro, a aplicação de novos processos o leve cada vez mais em conta.

9) *Replantio; combate às falhas* — Vigorou durante muito tempo a noção de que o replantio com perfeito êxito era uma tarefa pràticamente impossível, deixando por isso de ser praticada pela grande maioria dos lavradores. Realmente, o problema não é fácil de resolver, tendo-se em vista que, exatamente o fato de haver perecido a planta primitiva, poderia revelar, até certo ponto e em certos casos, a inexistência de condições favoráveis no local onde a mesma se situava. Acresce que o talhe adulto das circunjacentes, bem como diversas outras circunstâncias, explica as dificuldades existentes quanto ao êxito do replantio. Sabe-se hoje, todavia, que êle é perfeitamente possível, desde que feito com a necessária e minuciosa técnica aconselhada.

A importância dessa prática não tem sido devidamente avaliada, mas o assunto pode ser aqui sintetizado como representando, também nêsse particular, a marcha para o plantio *intensivo,* ao invés do *extensivo,* pois numa mesma área de cafèzais falhados podem caber muito mais arbustos se as falhas forem eliminadas. Consequências: melhor aproveitamento da terra, redução das despesas com o trato e colheita, etc.

10) *Irrigação* — Processo moderno, no seu sistema de aspersão, êle é entretanto antigo como a própria agricultura, no sistema por gravidade. O processo de aspersão, ora adotado e cada vez com mais êxito, entre nós, chega quase a substituir a chuva natural (e dizemos *quase* porque lhe falta, no confronto com aquela, a maior umidade do ar e, principalmente, a nitrificação ponderável que as chuvas carreiam). No estágio atual a que atingimos, com

fábricas de aparelhos por emprêsas nacionais e com técnicos numerosos e competentes, só um entrave ainda lhe sobeja: os preços, que são ainda elevados. Resta dizer que a incontestável alteração climática experimentada nos planaltos centrais do país, especialmente nas zonas cafeeiras, vem impor aos nossos lavradores, e cada vez mais, essa prática, a qual, dado o seu elevado custo, deveria ser, ao máximo, facilitada e financiada pelo poder público; e que a irrigação, para apresentar seu pleno rendimento, não pode prescindir da defêsa do solo e da adubação.

11) *Mecanização* — Não iremos entrar, nesta breve exposição, em dados numéricos. Mas ninguém ignora, por serem informações já muito divulgadas, que é cada vez maior, nos Estados Unidos, o êxodo dos campos para as cidades. De mais de 70 por cento chegou a população rural a menos de 20, em poucas décadas. Entretanto — e aqui o ponto principal — a agricultura norte-americana produz cada vez mais, (como aliás também a indústria), a tal ponto que o problema daquêle país é agora o das *sobras* e não, como em outras regiões, o da carência. A explicação é simples: mecanização cada vez maior, especialização técnica dia a dia mais apurada e financiamentos e distribuição sempre aperfeiçoados. Há aspectos interessantes da agricultura americana, qual seja, por exemplo, o das "brigadas" particulares de colhedores de trigo, que atravessam todo o país, da fronteira do Canadá à do México, com imensos parques de "combinadas" e de máquinas diversas, colhendo o cereal por em preitada, em cada fazenda, num tempo mínimo; ou o do embarque do milho a granel, por meio de aspiradores, diretamente nos vagões, para o que deve o cereal ser padronizado, evidentemente. O que é fato é que nos Estados Unidos é tão grande a abundância de certos artigos que necessita o govêrno financiá-los e retirá-los do mercado, chegando a causar problemas de superprodução.

Não saiamos, todavia, do nosso ponto: a mecanização da cafeicultura já é um fato em muitas lavouras do país: desde o preparo do terreno até as carpas, adubação, combate às pragas e moléstias e, depois, a secagem, o beneficiamento, o embarque, tudo já vem sendo atingido pela mecanização. Até mesmo a abertura das covas para o plantio pode ser feita a máquina. Num aspecto, todavia, ainda não incidiu a mecanização: na colheita, que é exatamente o mais importante com relação a certas culturas. Estuda-se, não obstante, a aplicação de aparelhos vibradores que, conjugados com o emprêgo de hormônios capazes de favorecer a queda dos frutos, possam conseguir resultados nesse difícil setor. Para o trato a máquina do cafèzal, muito importante é a adoção de racionais práticas de plantio, como vimos atrás.

12) *Podas e desbastes; boa formação do cafeeiro* — Não basta, evidentemente, plantar bem e em terreno adequado. Necessário se torna que o cafeeiro seja acompanhado, em seus primeiros anos de vida, de modo a que se forme um arbusto de boa conformação. E, nos anos posteriores, principalmente quando já velhos, devem os arbustos ser permanentemente assistidos, com a eliminação dos galhos doentes ou secos e um debaste racional. Não apenas se tornam mais vigorosos, como ainda se consegue a eliminação de partes enfermas ou capazes de acolher perigosos hospedeiros.

13) *A questão do sombreamento* — Tem sido muito discutida, havendo acres partidários da cultura ao sol ou à sombra. Seria difícil resumir, aqui,

em tão breves períodos, tudo o que se tem dito a favor e contra o sombreamento. Algumas das vantagens, segundo os seus propugnadores: reumifica, de graça, a terra; fornece, de tempos a tempos, lenha para consumo; não exige carpas; dá cerejas maiores e de sabor mais suave; amadurecendo desigualmente, permite uma colheita mais prolongada, não agravando o problema da mão de obra; e tudo isso sem que produza menos e sem aumento das pragas e moléstias. Desvantagens, segundo seus adversários: produz muito menos que os cafèzais ao sol; há maior dificuldade de trato; e maior proliferação de pragas e moléstias. Além disso — afirmam — em certas regiões de pouca fertilidade ou de pouca água, o cafeeiro sofre rudemente a concorrência das árvores de sombra e definha ou mesmo perece.

As experiências feitas até hoje não liquidaram o assunto. Existem maravilhosos cafèzais à sombra e há outros que não provaram bem o que, segundo os partidários do sombreamento, deve ser atribuido à inobservância de certas regras essenciais quanto à escolha da espécie sombreadora e outros detalhes. O assunto comportaria uma ampla e sistemática pesquiza, por parte do poder público, em tôdas as regiões do país, por um tempo suficiente para esclarecer, de vez, a questão.

Prosseguiremos no exame dos itens subsequentes.

Adubação exata? exija de seu fornecedor

FÓRMULAS COMPLETAS EQUILIBRADAS COM **POTASSA**

o elemento indispensável para o bom efeito do fósforo e do azôto.

POTABRASIL

Informações e folhetos técnicos gratuitos:

COMPANHIA BRASILEIRA DE POTASSA E ADUBOS

Pr. da República, 270 - C. Postal, 6082 - Tel. 34-1247 - S. Paulo

OCORRÊNCIA DE ALEUROTHRIXUS MYRTACEI EM CAFEEIROS NO ESTADO DE S. PAULO[1]

A. S. Costa e D. M. Silva[2]

Várias observações vêm sendo feitas, há já alguns anos, sôbre insetos sugadores do cafeeiro (*Coffea arabica* L.) que poderiam estar associados à transmissão de moléstias de vírus desta planta. Verificou-se, desde 1949, que uma espécie de môsca branca pode ser encontrada com alguma frequência em cafeeiros cultivados em ripados e em outros lugares mais ou menos protegidos, na Estação Experimental Central do Instituto Agronômico de Campinas.

Duas referências foram encontradas sôbre a concorrência de môscas brancas em cafeeiros Bondar[3] assinalou *Aleurothrixus floccosus* Mask. sôbre cafeeiros na Bahia, e Hempel[4] descreveu uma nova espécie de aleurodídeo em cafeeiro no Estado de São Paulo que foi denominada *Aleyrodes albescens* Hempel. Como a espécie observada pelos autores aparentemente ainda não foi assinalada em cafeeiro, julgou-se de interêsse preparar a presente nota relatando a sua ocorrência.

DETERMINAÇÃO DA ESPÉCIE

Espécimes da môsca branca encontrada sôbre o cafeeiro foram coletados e enviados a Miss Louise M. Russel, Insect Identification and Parasite Introduction Section, U. S. Department of Agriculture, Washington, D. C., U. S. A., a quem consignamos aqui os nossos agradecimentos. Verificou-se essa especialista dêsse grupo de insetos que se tratava da espécie *Aleurothrixus myrtacei* Bondar, môsca branca encontrada e descrita por Bondar como ocorrendo sôbre várias plantas da família *Myrtaceae* na Bahia[3].

OCORRÊNCIA

A presença de môscas brancas sôbre cafeeiros em plantações da região de Campinas é rara, sendo mais frequente a sua ocorrência em plantas de viveiro, em ripados e em outros lugares protegidos. Além de Campinas, a sua presença só foi assinalada em material coletado por A. Carvalho em um viveiro na Estação Experimental de Pindorama, onde a infestação era relativamente grande. É

---

(1) Os autores agradecem, aos Drs. L. O. T. Mendes e H. C. Mendes, as sugestões apresentadas durante a confecção dêste manuscrito.

(2) Funcionários da Seção de Virologia, Instituto Agronômico de Campinas.

(3) BONDAR GREGORIO. Aleyrodideos do Brasil. Bahia, Secr. Agric. Ind. Obras publ., 1923. (182 p.).

(4) HEMPEL, A. Hemipteros novos ou pouco conhecidos da família Aleyrodidae. Rev. Mus. Paul. 13:1119-1194. 1923.

provável que esta espécie de môsca branca também ocorra em outras áreas do Estado.

Quando a môsca branca *Aleurothrixus myrtacei* foi criada sôbre cafeeiros em insetários, a população do inseto atingiu números elevados, tornando-se as fôlhas das plantas infestadas pràticamente cobertas de larvas na sua face inferior (Fig. 1). Isso indica que êste inseto poderá se tornar capaz de causar danos ocasionais a cafeeiros sob condições extremamente favoráveis à sua proliferação.

THE OCCURRENCE OF ALEUROTHRIXUS MYRTACEI ON COFFEE PLANTS IN THE STATE OF SÃO PAULO

SUMMARY

Aleurothrixus myrtacei Bondar is reported as occurring on coffee leaves of plants cultivated in nurseries and other favorable places. Field infestation is rare, but high populations of this insect were obtained on infested plants kept in an insectary. SEÇÃO DE VIROLOGIA DO INSTITUTO AGRONÔMICO DE CAMPINAS.

"PANCOMTEL"

COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.

Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:

CAFÉ — *ALGODÃO — BORRACHA — TÍTULOS — CAMBIO — METAIS AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO — COUROS — ETC.*

Assinaturas e mais informações nos seguintes enderêços:

RIO DE JANEIRO: Rua Beneditinos, 17 — 4.o andar Fone: 23-0012

SÃO PAULO: Rua Líbero Badaró, 488 — 2.º andar Fone: 33-4976

SANTOS: Praça Azevedo Junior, 14 — 4.º andar — Fone: 2-7278

Agências nos principais Estados do Brasil

FIGURA 1. — Fôlhas de cafèeiros muito infestadas por larvas de *Aleurothrixus myrtacei*.

FORMAÇÃO DE UMA FAZENDA DE CAFE'

F. R. Pupo de Moraes
Instituto Agronômico

Introdução — A instalação de uma fazenda de café é emprêsa que exige a mobilização de capital relativamente elevado durante um período de tempo mais ou menos longo. Depende o êxito dêste empreendimento de uma boa administração e da organização das atividades e serviços de um modo racional. Além disso, é necessário que o interessado possua uma soma de conhecimentos sôbre o cafeeiro e sua exploração econômica.

O cafeeiro, como planta perene que é, sòmente começa a produzir econômicamente de 3 a 4 anos após o plantio. Resulta disto que há uma aplicação grande de dinheiro durante um período mais ou menos longo, sem nenhuma remuneração.

O não conhecimento, por parte do fazendeiro ou responsável pela cultura, de certas particularidades sôbre o clima e a fertilidade dos solos da região escolhida, expõe esta exploração a uma série de riscos e contratempos que poderão limitar ou mesmo anular os resultados esperados.

Escolha da gleba — O cafeeiro é uma planta exigente quanto às condições de clima e solo.

Regiões demasiado quentes ou muito úmidas não são adequadas à sua cultura. O mesmo se dá com referência à existência de invernos frios com possibilidade de ocorrência de geadas frequentes ou períodos de sêca muito prolongados.

Não se considerando a fertilidade do solo, a ocorrência de geadas nos Estados do Sul do Brasil (São Paulo, Norte do Paraná e Sul do Mato Grosso) é o principal fator limitante da expansão da cultura cafeeira nessas regiões.

No palnalto goiano, a escassez de chuvas que normalmente ocorre no período de maio a setembro, afeta sensívelmente a produção do cafeeiro.

Altitude e topografia — As lavouras cafeeiras nos Estados de São Paulo e Paraná situam-se, em sua maioria, nas altitudes de 500 a 800 metros. As plantações feitas abaixo dêsses limites ficam sujeitas a ocorrências de geadas. Nas regiões onde êste fenômeno é frequente, é aconselhável evitar o plantio em altitude abaixo de 450 metros.

A topografia do solo nas regiões cafeeiras é muito variável, encontrando-se algumas lavouras em terrenos pràticamente planos, enquanto que outras estão situadas em declives muito acentuados.

Deve ser evitada a formação de cafezais em solos muito íngremes ou acidentados, pois, neste caso, a erosão torna-se um problema da maior gravidade, sendo de difícil contrôle.

Fertilidade do solo — O café é planta que sòmente se desenvolve satisfatòriamente em solos de boas propriedades físicas e orgânicas. Assim, as terras cobertas com matas devem ter preferência para uma exploração extensiva.

A pujança da cobertura vegetal, o seu vigor e a sua coloração nos dão uma indicação de fertilidade do terreno em que se situa. A existência de determinadas espécies vegetais, denominadas *padrões,* serve para identificar, com relativa segurança, o gráu de fertilidade do solo e certas particularidades do clima.

Asim, a ocorrência das espécies abaixo designadas, na mesma área de terra, é tida por numerosos lavradores de café como indício seguro de boa fertilidade sendo apropriada para o cultivo do cafeeiro.

1. Pau D'alho — *Gallesia gorazema* — (Vel.) Mig. fam. *Phitolaceaceae.*
2. Cebolão — *Bougainvillea praecos* Guism fam. *Nictaginaceae.*
3. Jaborandi — *Piper jaborandi.*
4. Figueira branca — *Ficus phliana.* Mig. fam. *Moraceae.*
5. Urtigão — *Urena subpeltata.* Mig. fam. *Urticeae.*
6. Cambará de meia légua — *Lantana* sp.
7. Jangada brava — *Sida densiflora.*

A presença da cresciuma — Chusquea capituliflora — e do caetê — *Canna edulis* — indicam solos frescos.

Certos padrões vegetais são sensíveis às baixas temperaturas. Assim, a existência da embauba verde — Cecropia adenopus — e do jaracatiá — Carica dodecaphyllæ do palmito branco — Euterpe edulis — indicam que nessas áreas a ocorrência de geadas não é frequente. A existência de um palmital indica solos profundos. Grandes massas de cresciuma indicam o inverso: solos rasos, com pedra ou piçarra.

Todos os padrões citados não dão madeira de lei, sendo chamados madeiras moles ou mato mole.

A presença de um certo número de perobeiras — Aspidosperma sp. — e cedros — Cedrella sp. — é comum nas boas terras para café. Entretanto, a predominância destas essências numa gleba indica a existência de solo sêco, não apropriado ao cafeeiro.

Exposição — Para o caso de São Paulo e Paraná e provavelmente o sul de Mato Grosso, sujeitos a geadas e ventos frios, a exposição sul deve ser evitada, assim como as vertentes e baixadas por onde se escoem as massas de ar frio.

A exposição para o nascente também é contra-indicada, pois possibilita um degêlo muito rápido, prejudicial durante as geadas.

O plantio nas faces norte e poente é o mais indicado.

Não sendo possível evitar-se o plantio na face sul, deverá ser mantida uma faixa de mato ou plantado um quebravento como cortina protetora.

Plantio do café — Depois de escolhida e localizada a gleba, o lavrador que pretende iniciar a plantação de café deve levar em conta, além da parte econômica, a possibilidade de conseguir o pessoal necessário para a derrubada da mata e para os trabalhos preliminares que precedem o plantio; assim como providenciar condições básicas favoráveis à subsistência dos formadores e de suas famílias, durante um período de tempo mais ou menos longo, que é o da formação de um cafezal.

Distribuição das áreas na propriedade — Para uma exploração racional e equilibrada dos recursos existentes, é preciso que seja feito um planejamento para a distribuição e localização das diferentes atividades da fazenda.

Deve haver um perfeito equilíbrio entre as áreas destinadas ao plantio de café e aquelas reservadas à exploração de outras culturas, pastos, etc..

De um modo geral, pode-se afirmar que em um regime de exploração racional, a área ocupada pela cultura cafeeira na fazenda não deveria exceder de 1/3 do total.

Poderíamos tomar como base o seguinte esquema:

café	33% do total
mato	25% do total
pastagens e culturas diversas	30% do total
séde, construções, caminhos e áreas reservadas aos colonos, etc.	12% do total

Derrubada da mata virgem — Escolhido o local para plantio do café, no espigão e na face mais favoravel, são construidos alguns ranchos rústicos, cobertos de fôlhas de palmito ou tabuinhas, para os machadeiros. Tem início então a derrubada da mata virgem. Êste serviço é geralmente contratado com empreiteiros que trabalham com turmas de peões.

As derrubadas são feitas geralmente de abril a agôsto, sendo pagas na razão de 2 a 3 mil cruzeiros por alqueire de 24.200 metros quadrados.

O serviço inicia-se pela roçada do mato mais baixo, que é feita a foice, sendo que as árvores de maior porte são abatidas posteriormente a machado.

Queima — Depois de sêco o mato é feita a queima. Antes, porém, devem ser tomadas providências para que o fogo não atinja as áreas vizinhas. Isso é conseguido com a abertura de faixas limpas de mato, denominadas aceiros, com a finalidade de impedir a passagem do fogo.

A queima não deve ser feita com o mato muito sêco, pois nêsse caso seriam elevados os prejuízos causados à fertilidade do solo.

A ação da queima deve ser a de eliminar o excesso da tranqueira existente, fôlhas e galhos pequenos, com a finalidade de facilitar os trabalhos posteriores.

Pode-se fazer o plantio sem a queima. Do ponto de vista da técnica agronômica, êste seria o procedimento ideal. Entretanto, dificuldades de ordem prática e econômica dificultam a generalização do processo. Entre os inconvenientes que aparecem no plantio sem queima do mato, podem ser mencionados os seguintes: excesso de tranqueira que dificulta a alinhamento e a abertúra das covas, impossibilidade de culturas intercalares, carpas dificeis e onerosas, maior ocorrência de gafanhotos e outros insetos prejudiciais, perigo de fogo, etc..

Após a queima é feito o rebaixamento dos galhos que resistiram ao fogo. Esta operação é executada a foice e a machado e tem por objetivo facilitar o alinhamento e a abertura das covas.

Alinhamento — Até muito recentemente todo o plantio em São Paulo e norte do Paraná se fazia em alinhamento. Adotava-se um compasso a ser usado entre as árvores, por exemplo, 16 palmos (3,52 m.)3 e as plantas ficavam distantes umas das outras por esta medida. Podia-se usar a distribuição em quadra ou em *quincôncio*.

Plantio em contôrno — O único processo recomendavel para uma lavoura a ser formada dentro dos requisitos da técnica moderna é o do *plantio em con-*

tôrno. Para os cafeeiros de porte normal, como o bourbon, em terra de boa qualidade deve ser recomendado o espaçamento de 4,000 x 2,50 m. Para os cafeeiros de porte menor, tipo caturra, o espaçamento nas mesmas condições de solo deverá ser de 3,50 x 2,00 m. Êstes espaçamentos foram calculados prevendo uma provavel mecanização da lavoura no futuro. Caso essa mecanização não seja possível ou aconselhavel, poderão se usados respectivamente os seguintes espaçamentos para o bourbon e o caturra: 3,5 x 2,5 m. e 3,0 x 2,0 m.

Distribuição dos talhões — Após o alinhamento é feita a distribuição do cafezal em talhões de mais ou mênos 5.000 covas cada um. Os talhões são separados entre si por carreadores. Parte dos carreadores poderá ser aberta em nível, os demais serão transversais a êstes e devidamente protegidos da erosão.

Coveamento — As covas deverão ter no mínimo 40 x 40 de boca por 30 cm. de fundo. A semeação profunda é particularmente importante nas zonas sujeitas a geadas, pois oferece segura proteção às planas novas.

Os lados da cova são protegidos com madeira, a fim de evitar a invasão da terra sôbre as plantinhas por ocasião das enxurradas. Sôbre a cova é feita uma proteção contra o excesso de luz por meio de lascas de madeira.

Semeação — Deve ser feita, sempre que fôr possível, com sementes provenientes de cafeeiros sslecionados e de alto valor genético. O plantio em terras de derrubada é feito pela semeação direta nas covas. A quantidade de sementes geralmente empregada é de 20 por cova, em 2 linhas de 10.

Debaste — O desbaste é praticado quando as mudas tiverem 3 ou 4 pares de fôlhas, deixando-se então 6 mudinhas por cova. As covas devem ser frequentemente examinadas a fim de ser evitada a concorrência de ervas más e o afogamento das plantas pela terra desprendida das paredes.

Culturas intercalares — Com a finalidade de baratear o custo de formação do cafezal e também para facilitar a subsistência dos empreiteiros e formadores, é geralmente permitido o cultivo de cereais entre as ruas de café até o 4.º ano de idade. Após este período essas culturas devem ser abolidas.

Formas de se contratar a formação de uma lavoura cafeeira em terras de mata — Esquemàticamente são duas as modalidades empregadas:

1.º) **Por administração direta da fazenda;**

2.º) Por empreitada, pór meio de contratos entre o proprietário e os formadores encarregados do plantio e formação da lavoura.

A primeira modalidade é utilizada pelas fazendas já montadas, geralmente possuindo cafezais em plena produção e dispondo de uma organização própria.

Nêste sistema, tôdas as operações, desde a derrubada da mata até os tratos culturais na lavoura, são feitas sob a administração direta da fazenda, sendo o pessoal utilizado pago por dia de serviço, ou por tarefa.

A segunda modalidade é a da empreitada. Este é o sistema empregado pelas fazendas que iniciam a exploração do cafeeiro e que não dispõem ainda de uma organização adequada nem de recursos suficientes.

Inúmeros são os tipos de contratos utilizados para a formação de uma lavoura de café. A duração dêstes e de suas cláusulas variam de acôrdo com as particularidades de cada região, com a maior ou menor disponibilidade de numerário e também com as exigências e caprichos das partes contratantes.

Quanto à duração, duas são as formas mais comumente empregadas:

1. Contrato por 4 anos — Nêste tipo de contrato, as despesas iniciais do plantio são pagas pela fazenda. O empreiteiro recebe sua área limpa, alinhada e coveada e, em certos casos, também semeada, além de um rancho ou uma casa de madeira para a moradia.

O empreiteiro se compromete a tratar e replantar o cafezal confiado a seus cuidados durante 4 anos, recebendo em paga uma certa quantia — 2 a 3 cruzeiros — por cafeeiro (cova), entregue nas condições estipuladas no contrato. Dispõe ainda de todo o café produzido nêste período. O contrato estabelece ainda as limitações que deverão ser observadas pelo empreiteiro em suas culturas intercalares no cafezal. Recebe ainda uma pequena área e um pequeno pasto para o seu usofruto durante a vigência do contrato.

2. *Contrato por 6 anos* — Este tipo de contrato é utilizado por aquêles que possuem apenas a terra, não dispondo de capital para a sua exploração. Nesta modalidade, tôdas as despesas com a plantação e formação da lavoura correm por conta do empreiteiro, recebendo êste em paga tôda a produção obtida até 6.º ano, inclusive, além do uso, uma certa área para as suas culturas e criações, durante a vigência do contrato.

Este tipo de contrato dá origem a lavouras muito mal formadas, pelo abuso das culturas intercalares e pelo desinterêsse que o formador quase sempre demonstra em entregar o cafezal em boas condições, no fim do prazo.

Custo e condições para a formação de uma fazenda com 100.000 cafeeiros a ser instalada em zona de desbravamento recente — a) Área total mínima exigida para uma exploração racional do solo e um futuro equilíbrio entre as diferentes atividades da propriedade: 300 hectares ou 125 alqueires paulistas.

b) Área máxima a ser ocupada pela cafezal, 1/3 do total ou sejam 100 hectares.

DESPESAS COM O PLANTIO DE 100.000 PÉS DE CAFÉ (NA BASE DE CONTRATO POR 4 ANOS)

1.1 — Capital invertido em terras à razão de ..... Cr$ 5.000,00 por hectare 300 ha.	Cr$	1.500.000,00
1.2 — Derrubada, queima e rebaixamento de 150 ha, de mata virgem, à razão de Cr$ 1.200,00 por ha (100 ha para o cazeral)	Cr$	180.000,00
1.3 — Alinhamento em nível de 100.000 covas Cr$ 0,60	Cr$	60.000,00
1.4 — Abertura das covas de 40 x 40 x 30, à razão de Cr$ 2,00	Cr$	200.000,00
1.5 — Custo da semente, à razão de Cr$ 0,25 por cova	Cr$	25.000,00
1.6 — Semeação e proteção das covas, à razão de .... Cr$ 0,60	Cr$	60.000,00
1.7 — Construção de 14 casas de madeira para formadores (1 casa para mais ou menos 7.000 pés), à razão de ... Cr$ 10.000,00 cada	Cr$	140.000,00
1.8 — Estradas e carreadores (Cr$ 0,50 por cafeeiro)	Cr$	50.000,00
(a transportar)		

transporte		
1.9 — Despesas com mudança e acomodação dos formadores e suas famílias, à razão de Cr$ 3.000,00 cada 2 famílias	Cr$	21.000,00
1.10 — Pagamento inicial aos formadores, à razão de .. Cr$ 1,00 por cova	Cr$	100.000,00
1.11 — Casa para o administrador, servindo como sede provisória	Cr$	40.000,00
1.12 — Administração, despesas gerais, carroças e animais de custeio	Cr$	150.000,00
Total dispendido no 1.º ano	Cr$	2.526.000,00

2 — *Despesas no 2.º ano de exploração.*

2.1 — Juros (10% sôbre Cr$ 2.526.000,00)	Cr$	252.600,00
2.2 — Pagamentos aos empreiteiros (Cr$ 0,50 por cova)	Cr$	50.000,00
2.3 — Administração e despesas gerais	Cr$	80.000,00
Total do 2.º ano	Cr$	382.600,00
2.4 — Total dispendido até o 2.º ano	Cr$	2.908.600,00

3 — *Despesas do 3.º ano de exploração.*

3.1 — Juros (10% sôbre Cr$ 2.681.260,00)	Cr$	290.860,00
3.2 — Administração e pagamentos a empreiteiros ...	Cr$	130.000,00
Total do 3.º ano	Cr$	420.000,00
3.3 — Total dispendido até o 3.º ano	Cr$	3.329.460,00

4 — *Despesas no 4.º ano*

4.1 — Juros (10% sôbre Cr$ 3.329.460,00)	Cr$	332.946,00
4.2 — Resto do pagamento devido aos empreiteiros, à razão de Cr$ 1,00 por cova	Cr$	100.000,00
4.3 — Administração	Cr$	80.000,00
4.4 — Construção de um terreiro de 50 x 40 m. à razão de Cr$ 100,00 o m^2	Cr$	200.000,00
4.5 — Construção de uma tulha para 5.000 sacos de café em côco	Cr$	50.000,00
Total do 4.º ano	Cr$	732.946,00
4.6 — Total dispendido até o 4.º ano	Cr$	4.162.406,00

Este é o custo aproximado da formação de uma fazenda de 100.000 cafeeiros plantados de uma só vez, e não dispondo a propriedade de outra fonte de renda, como geralmente ocorre nas chamadas zonas novas.

Por êste cálculo, vemos que o custo do pé de café (cova) formado, com 4 anos, importa em aproximadamente Cr$ 42,00, computadas tôdas as despesas, inclusive juros e benfeitorias.

Do 5.º ano em diante a fazenda passará a produzir renda; o lavrador terá, então, a recompensa dos seus esforços e sacrifícios.

Uma parte da renda obtida deverá ser reservada para novas benfeitorias e ampliações das existentes, de forma a completar a instalação da propriedade.

* Aula proferida no I CURSO POST-GRADUADO DE CAFEICULTURA, realizado sob os auspícios do INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ, no INSTITUTO AGRONÔMICO DO ESTADO DE SÃO PAULO, em Campinas, em 21-6-54.

Resumos e Transcrições

Adubação verde do cafèzal

Para a produção de sementes, o feijão de porco deverá ser plantado a 50 cm entre as fileiras e 20 cm de planta a planta, na fileira. Os tratos culturais resumem-se em capinas, quando necessárias. Semeado em outubro, já em abril aparecerão as primeiras vagens maduras. A colheita é realizada em duas ou três vêzes. As vagens maduras, depois de apanhadas, são levadas para o terreiro, postas a sêcar e depois malhadas com vara, para separar as sementes.

Atualmente, há máquinas que, bem ajustadas, executam perfeito benefício desta e das demais sementes de legumes.

"CROTALARIA JUNCEA"

E' semeada com o espaçamento entre fileiras de um metro e em filete, na fileira. A semeação se faz a máquina. As capinas são feitas com carpideira, enquanto fôr necessário. As plantas com vagens maduras são cortadas e levadas para o terreiro, onde as vagens se abrem, soltando as sementes. Para finalizar a operação, malha-se com vara.

MUCUNA ANÃ

O plantio deverá ser feito com o espaçamento de 50 cm entre as fileiras, por 10 cm entre as plantas na fileira. A semeação pode ser feita a máquina.

SOJA

A verdade indicada até o presente é a otootan. Os últimos ensaios vêm demonstrando, no entanto, que a cultura a aliança preta é a maior produtora de massa. Estão sendo tomadas as providências necessárias para a rápida multiplicação desta leguminosa, de modo que, nos próximos anos, a lavoura cafeeira disponha de quantidade abundante de sementes. O espaçamento indicado para a produção de sementes é o de 60 cm entre as fileiras por 10 cm entre as plantas na fileira.

Tôdas essas leguminosas devem ser plantadas no início do período chuvoso, com exceção da soja, cuja melhor época de semeação é o mês de novembro.

A produção média de qualquer dessas leguminosas assim semeadas é de mais ou menos 3.000 quilos por alqueire. Com o feijão de porco, no entanto, tem sido observada fraca produção de sementes em muitas localidades devido, principalmente, ao ataque de moléstias.

SEMEAÇÃO NO CAFÈZAL

Antes da semeação no cafèzal será conveniente, sempre que possível, e principalmente quando a análise do solo revelar acidez média, fazer-se uma correção com a aplicação de calcário. Este será dado a forma de carbonato de cálcio e na dose de uma a três toneladas por hectare, de acôrdo com o tipo de solo. A distribuição deverá ser feita entre as ruas de cafeeiros nas quais vai ser semeada a leguminosa.

Outra operação de importância capital é a inoculação das sementes. O emprêgo de leguminosas na adubação verde decorre da propriedade que possuem estas plantas de fixar o azôto atmosférico, incorporando-o ao solo. Este fato se deve à associação que mantém com bactérias de "Rhizobium".

Os adubos verdes comumente utilizados no cafèzal, isto é, o feijão de porco, a "Crotalaria juncea" e a mucuna anã são inoculados com o "Rhizobium sp". A soja possui inoculante específico que é "Rhizobium" japonicum. Nos casos da lavoura são encontrados êsses dois tidos de inoculantes.

Uma caixa de pó inoculante (200 gramas) é suficiente para 50 quilos de sementes. Para o feijão de porco e a mucuna anã essa quantidade poderá ser reduzida à metade em virtude do tamanho das sementes.

A inoculação se faz misturando o conteúdo da caixa em 1 litro de água. Em seguida, a quantidade de sementes a ser inoculada é completamente revolvida com a suspensão que se forma. As sementes precisam ser semeadas no mesmo dia em que forem inoculadas. Caso isto não seja possível, repete-se a operação no dia seguinte.

A semeação no cafèzal é feita a partir do início das chuvas, de preferência nos meses de outubro e novembro.

DISTÂNCIAS DE SEMEAÇÃO NO CAFÈZAL

Entre as ruas de cafeeiros, as distâncias a serem adotadas são as seguintes:

Feijão de porco — 40 cm entre as fileiras e 20 cm entre as plantas na fileira. Semeação feita a mão ou a máquina (nêste caso é preciso preparar uma chapa especial para colocar na semeadeira).

"Crotalaria juncea" — 40 cm entre as fileiras e semeação em linha cheia na fileira. Semeação a máquina.

Soja — 40 cm entre as fileiras, 3 ou 5 cm na fileira. Semeação a máquina.

Mucuna anã — 40 cm entre as fileiras e 10 cm entre as plantas na fileira. Semeação a máquina.

O número de fileiras entre as ruas de cafeeiros dependerá do espaçamento e do estado do cafèzal. Cafeeiros encorporados, grandes, assim como espaçamento pequeno, admitem menor número de fileiras.

As fileiras das leguminosas empregadas são sempre dispostas no sentido contrário ao das águas, quando o cafèzal é plantado em quadrado.

QUANTIDADE DE SEMENTES

A quantidade de sementes gastas em uma determinada área de cafèzal (por exemplo, a área correspondente a 1.000 cafeeiros) é proporcional ao número de fileiras de leguminosas empregadas.

Lavouras plantadas a 16 palmos (3 cm 52 entre plantas) comportam de 3 a 4 fileiras de leguminosas entre cada rua de cafeeiros. Usando-se os espaçamentos indicados, o gasto de sementes por 1.000 cafeeiros será o seguinte:

Leguminosas	*3 fileiras*	*4 fileiras*
Feijão de porco	65 quilos	87 quilos
"Crotolaria juncea"	32 quilos	43 quilos
Soja otootan	45 quilos	60 quilos
Mucuna anã	60 quilos	80 quilos

Os novos cafèzais estão sendo formados em contôrno. Para estes não se aplicam os números que citamos, relativos ao emprêgo de sementes por 1.000 cafeeiro, pois é variável a distância entre as fileiras, conforme a topografia e o tipo de solo.

A Seção de Café aconselha que, nêste caso, se adote o critério do peso de sementes gastas por 100 metros de sulco. Foram determinados os seguintes:

Sementes gastas por 100 m de sulco

Leguminosas	*gramas*
"Crotolaria juncea"	310
Mucuna anã	560
Feijão de porco	620
Soja otootan	400
Soja abura	600
Soja aliança	960

A distância adotada para a semeação da soja foi de 40 cm entre as fileiras por 3 cm entre as plantas na fileira. Pode-se usar o espaçamento de 40 X 5 cm para a variedade aliança, o que reduz o gasto de semente a 580 gramas por 100 m de sulco.

PRÁTICA DA ADUBAÇÃO VERDE NO CAFÈZAL

Quando se vai plantar uma leguminosa no cafèzal, faz-se, inicialmente, o preparo do meio das ruas do cafeeiro, sulcando-se na distância de 40 cm entre as fileiras, sempre no sentido contrário ao do maior declive no terreno. No caso de ser semeado o adubo verde em tôda a volta do cafeeiro, o terreno será sulcado nos dois sentidos; faz-se primeiro o sulco a favor das águas e, em seguida, corta-se com sulco em sentido contrário, para evitar o arrastamento da terra afofada.

ÉPOCA DO CORTE

A semeação das leguminosas para adubo verde no cafèzal é feita no início do período chuvoso. Far-se-á o corte assim que se obtiver uma massa verde abundante, quando ainda as chuvas não escassearam. Realizado o plantio em outubro ou novembro, o corte deverá ser executado em meados de fevereiro, ou, o mais tardar, em princípios de março.

A "Crotolaria juncea" permite dois cortes no período em que deve permanecer no cafèzal. Plantada em outubro poderá ser cortada em fins de dezembro, tendo-se o cuidado de deixar as plantas com 15 a 20 cm de altura. Haverá nova brotação e um segundo corte será feito na época normal para as demais leguminosas, isto é em meados de fevereiro ou princípios de março.

ROTAÇÃO DOS ADUBOS VERDES NO CAFÈZAL

Nenhuma das leguminosas empregadas na adubação verde dos cafèzais preenche cabalmente todos os requisitos que seriam necessários, principalmente no que se refere a pragas e moléstias. A "Cotolaria juncea" é suscetível à murcha, moléstia causada por um fungo ("Ceratostomela fimbriata"). O feijão de porco é prejudicado em alguns lugares por moléstias de virus. A soja é muito atacada por nematóides.

Não se deve, por isso, adotar uma única leguminosa para adubação verde e sim tôdas as que forem mais indicadas.

Convirá sempre fazer a rotação da leguminosa empregada. Assim, no cafèzal, ou na parte dêste em que se plantou o feijão de porco, será cultivada no ano seguinte a soja; esta onde foi plantada a "Crotolaria juncea", que será passada para onde esteve o feijão de porco.

VANTAGENS DO EMPRÊGO DA ADUBAÇÃO VERDE

As principais vantagens de emprêgo da adubação verde no cafèzal são: massa orgânica, que é incorporada ao solo; fixação do azôto atmosférico; formação de canalículos no solo pelo apodrecimento das raìzes das leguminosas após o corte, o que melhora suas qualidades físicas; proteção contra a erosão no período chuvoso do ano; diminuição do trabalho de capinas; menor exposição do solo aos raios direitos do sol durante o período de vegetação da leguminosa.

(Instruções elaboradas pelo engenheiro agrônomo J. E. Teixeira Mendes, do Instituto Agronômico de Campinas).

(Da "Fôlha da Manhã")

Rêde de postos de classificação de café

A Divisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura, por intermédio da Seção de Fiscalização e Classificação de Café, programou a instalação de uma rêde de postos de classificação de café, nas principais zonas produtoras do Estado, com auxílio financeiro do I. B. C..

Destinam-se êsses postos a classificar os cafés dos lavradores interessados, proporcionando-lhes elementos para negociar a sua produção em base mais sólidas.

Com recursos fornecidos pelo I. B. C., a Divisão de Economia Rural adquiriu equipamentos para a instalação de mais dois postos, que se localizarão em Marília e Catanduva, já que o primeiro foi instalado em Jaú e entrará em funcionamento nos próximos dias.

(Do Correio Paulistano)

QUESTÕES PRÁTICAS DE CAFEICULTURA
ÉPOCAS DE PLANTÍO

Lauriston Pousa BICUDO
(Engenheiro-agrônomo)

Para o replantio das falhas dos cafèzais antigos ou na formação de pequenas culturas sob moldes racionais, a tendência atual predominante é utilizar mudas de café preparadas em viveiros. E a grande prática já está consagrando a melhor época para levar ao terreno as mudas, no Estado de São Paulo: fins das chuvas. Os meses ótimos são março, abril e maio, podendo ainda aproveitar-se o fim de fevereiro e o comêço de junho, êste apenas em caráter excepcional. Fundamenta-se essa escolha por se tratar de época de dias curtos, frescos e com umidade satisfatória. Ao contrário, os meses de outubro, novembro, dezembro e janeiro são desfavoráveis, porque frequentemente correm veranicos, os dias são longos e a insolação demasiado intensa.

Sem embargo, mencionar qual é a época correta para plantar mudas de café é muito fácil. O "x" do problema é providenciar MUDAS BOAS, VIGOROSAS, NEM "PASSADAS" NEM MUITO NOVAS, PARA SEREM USADAS EXATAMENTE NESSA ÉPOCA. Ao estabelecer viveiros, ao semear nos canteiros ou nos jacàzinhos, o cafeicultor deve ter em mira, antes e acima de tudo, a estrita observância dessa contingência. Disto é que iremos tratar, a seguir.

A melhor época para a semeadura do café nos viveiros, começa em agôsto e vai até novembro, inclusive. E' essa a ocasião em que se consegue a maior porcentagem de germinação é mais rápida. O rumo será êste: obtêm-se as sementes em julho ou agôsto e semeia-se sem perda de tempo, durante agôsto e setembro DIRETAMENTE nos jacàzinhos e a partir de outubro e em novembro, inclusive, nos canteiros, para posterior transplante. O preparo da terra dêsses canteiros ou de enchimento dos "cartuchos" é que é muito importante: deve ser feita uma mistura, bem caldeada, de terra do mato (60%), estêrco bem curtido (30%) e pó calcário (10%), acrescentando-se porções adequadas dos adubos químicos devidos (farinha de ossos, cloreto de potássio e um azotado). Todos os trabalhos nos viveiros devem ser feitos com o maior capricho possível, desde a distribuição das sementes, as operações de irrigação, o transplante — quando for o caso — até as aplicações profiláticas ou curativas contra pragas e moléstias. O objetivo é conseguir breve germinação, dentro de 20 a 35 dias após a semeação, e propiciar às plantinhas condições excelentes de desenvolvimento. Mudas assim preparadas estarão no ponto ideal de serem usadas ao fim de 5 ou 6 meses de germinadas as plantas, o que quer dizer que serão plantadas no terreno definitivo na época certa.

Em agricultura, não se pode estabelecer pròpriamente um critério de idade: uma muda de 5 ou 6 meses pode ser melhor, maior e mais vigorosa que outra de 1 ano, porém preparada sem os necessários cuidados técnicos. O que nos interessa é que a muda de café, ao ser plantada, tenha de 20 a 25 centímetros na parte aérea, ainda conserve o par de fôlhas cotiledonares ("orelhas de onça"),

apresente-se ereta, vigorosa e de verde intenso, sendo que o seu "pão" ainda não tenha, a não ser muito ligeiramente ultrapassado o limite inferior representado pela base do recipiente.

Semeando-se cedo e facultado ao viveiro condições excepcionais de trato, obtêm-se em cinco ou seis meses mudas tão boas quanto as de um ano, porém trabalhadas sem maiores cuidados. E assim procedendo, ganha-se tempo, conseguem-se mudas de mais baixo custo, a ter-se-á à disposição, para o plantio definitivo, a melhor época do ano. O plantio nessa época conduzirá a um mínimo de perda, dará cafeeiros mais bem formados e mais viçosos e ficará mais econômico por não ser necessária a proteção das covas. Em outubro ou novembro seguintes, as mudas plantadas em março, abril ou maio já estarão por assim dizer formadas e melhor aproveitarão a estação quente e chuvosa que se inicia em outubro, pois que o sistema radicular de cada planta teve, durante a estiagem, oportunidade de se desenvolver e bem assim as plantas estarão completamente adaptadas ao novo ambiente. Estes cafeeiros, sob todos os pontos de vista, levam a melhor sôbre aqueles que, embora semeados nos viveiros mais ou menos na mesma ocasião, permaneceram durante um longo ano em um ambiente artificial, para sòmente serem levados ao terreno no início das águas. Além do mais, quando se plantam mudas no começo da estação quente, é mister uma proteção adequada, sempre onerosa, as perdas são maiores, frequentemente ocorre queda de fôlhas, acabando por determinar atraso no desenvolvimento da cova e não raras vezes patente desequilíbrio vegetativo entre as plantas da mesma cova. Êsses fatos, não sòmente são fàcilmente compreensíveis, como estão fartamente demonstrados na grande prática cafeeira.

Alguns lavradores menos avisados, embora não ignorando a melhor época de plantar mudas de café, não se orientam acertadamente quando estão cuidando de preparar suas próprias mudas. Semeiam em outubro, novembro ou dezembro, sem maiores preocupações e sem a adoção rigorosa dos preceitos aqui recomendados no preparo dos canteiros e dos recipientes. Nessas condições, aguardam o porte normal e ideal das mudas, para então usá-las. Via de regra, tais mudas estarão no ponto em outubro ou novembro seguintes... São as mudas de um ano, que podem ser muito boas, mas precisam ser plantadas logo, para não ficarem passadas. Deficilmente essas plantas resistirão até março do ano seguinte. Então, terá forçosamente que ser adotada a pior época (início das águas), com todo o cortejo de inconvenientes já relacionados acima. Mencione-se, a propósito, que a muda de um ano é evidentemente mais dispendiosa, para o produtor, do que uma muda de seis meses. E se essas mudas vão ser plantadas na época de intensa insolação, necessitam de proteção, o que implica não sòmente em despesas extras como também no consumo de uma mão de obra escassa e preciosa nessa altura, para os demais trabalhos agrícolas da fazenda.

Todo o esfôrço, a organização e o contrôle do cafeicultor devem ser no sentido de que as mudas por êle preparadas estejam prontas para ser plantadas em março, abril ou maio. Este é o lema geral a seguir. Não quer isto dizer que é proibitivo, tècnicamente, plantar mudas de café em outros meses. Nossa obrigação é nos organizarmos de tal forma, de maneira que a maior parte de nossos serviços de replantio ou plantio com mudas seja feita o mais possível dentro dos melhores auspícios técnicos e econômicos — que são os apontados nêste trabalho: plantio no fim das águas, com mudas vigorosas de seis meses. Na prática, muitas dificuldades surgirão, muitas variantes se oferecerão, mas o decantado bom senso do cafeicultor saberá como superá-las. O objetivo é que o

grosso dos serviços de plantio de mudas seja feito dentro das condições que preconizamos. E' difícil, em agricultura, marcar datas e estabelecer limites rígidos — tal a complexidade dos fatores que circundam as atividades agrícolas. Mas nunca é demasiado repetir que, no preparo de mudas de café, capricho, adubo e água nunca são demais — além do que tudo isso redundará em economia e vantagens orgânicas definitivas para o cafeeiro.

(Da "Fôlha da Manhã")

SEGURO MÉTODO DE PROTEÇÃO AOS CAFÈZAIS CONTRA AS GEADAS

É, indiscutìvelmente, o Dr. Reinhard Mack, chefe do Serviço de Geologia e Petrografia do Instituto de Biologia e Pesquizas Tecnológicas do Paraná e professor de Geografia Física de nossa Universidade — com estudos na capital alemã e formatura pela Universidade de Bohn — a maior autoridade, entre nós, no assunto de proteção aos cafèzais, assim como, de um modo geral, no que diz respeito à questão climática. Decidiu, pois, nossa reportagem, ouví-lo, não apenas acerca do problema de proteção aos cafèzais, como no tocante às variações de clima reinantes em nosso Estado.

INFLUÊNCIA OCEÂNICA — Declarou, à nossa pergunta inicial, o Dr. Reinhard Mack: "Além de uma parte do Estado de Mato Grosso, o Paraná é o único Estado brasileiro que possui a singular situação geográfica de região tropical limítrofe, do que resultam zonas climáticas de transição especiais. Entretanto, a corrente marítima quente nas costas e as diversas altitudes dos três planaltos, de constituição geológica diferente, originam uma modificação das zonas climáticas matemàticamente limitadas em climas regionais dependentes da latitude, altitude e influência oceânica. Do gráu têrmico de continentalidade das diferentes estações meteorológicas resultam, para o Paraná, de acôrdo com meus cálculos, índices de oceanidade que oscilam entre 65 Paranágua, 67 e 73 no terceiro planalto e 33 nas outras regiões do Estado, com precipitações de 1.100 a 3.000 mm anuais.

O característico dessas precipitações — acentuou — era, até há pouco, a sua distribuição sôbre todos os meses do ano, sem estágio sêco pronunciado, como é habitual para o oeste do Estado de São Paulo e os campos cerrados do planalto central.

Assim — frisou — no Paraná predomina um clima influenciado pelo oceano."

MATAS MAIS RECENTES QUE OS CAMPOS — Prosseguindo, asseverou o entrevistado: "O resultado dêsses climas ricos em precipitações foi o desenvolvimento de maravilhosas matas sôbre antigos solos pleistogênicos de estepes, desde o início do holocênio. Segundo minha opinião, as matas do Estado do Paraná são mais recentes que os campos. A enorme modificação no revestimento florístico refletiu, aliás, sôbre os fatores climáticos e a circulação da água."

PLANTA SENSÍVEL AO FRIO — Pronunciando-se sôbre o fenômeno das geadas, afirmou o ilustre homem de ciência — "O desaparecimento da vegetação primitiva no norte do Paraná facilita a extensão das ondas de frio na zona cafeeira. O cafeeiro, original da África e sul da Arábia. É uma planta tropical muito sensível ao frio, principalmente por ser plantada isoladamente, sem outras associações florísticas. Atualmente existem no Paraná aproximadamente 797.600.000 de pés de café, dos quais 682 milhões estão em produção. A falta de colheita por dois anos após as grandes geadas é um enorme prejuízo para os cafeicultores, para o Estado e a economia nacional. Tais prejuízos sempre se repetirão, se não forem tomadas medidas de proteção contra as geadas. Uma vez que as matas foram destruidas em favor das plantações de café, o

homem tem o dever de protegê-las contra os fenômenos naturais relativamente raros."

TABELAS DE GEADAS — Sôbre o referido fenômeno, esclareceu o Dr. Maack: "Calculei em algumas tabelas o número de geadas e os meses em que devem ser esperadas anualmente num período de 10 anos, nas diversas regiões da Paraná. Ei-las:

ESTAÇÃO:	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGÔSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	OBS.
LITORAL:								
Paranaguá:	—	—	—	—	—	—	—	GEOU EM JULHO, 1955
1.º PLANALTO:								
Curitiba	0,1	1,7	2,4	3,6	2,7	1,5	—	

ESTAÇÃO:	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGÔSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	OBS.
2.º PLANALTO:								
Castro	0,2	2,0	2,5	3,0	2,8	1,2	0,2	
Ponta Grossa	—	0,2	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5	
Jaguairiaiva	—	1,8	3,1	2,4	2,1	0,9	—	
Tibagí	—	—	1,5	1,0	0,5	—	—	
Ivaí	0,2	2,3	3,6	3,8	3,6	0,6	0,1	
3.º PLANALTO:								
Jacarèzinho	—	—	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	
Nomura	—	—	—	0,1	—	—	—	
Três Barras	—	—	—	0,3	—	—	—	
Londrina	—	—	—	0,2	—	—	—	
Apucarana	—	0,1	—	0,3	—	—	—	
Rolândia	—	—	—	0,3	—	—	—	
Faxinal	—	—	—	0,1	0,2	—	—	
Guarapuava	0,2	0,8	2,8	1,2	0,6	1,5	0,2	
Ilha	0,3	1,0	3,5	1,5	1,0	1,5	0,2	
Palhas	1,0	3,0	5,0	6,0	4,0	3,0	0,2	
Foz do Iguaçú	—	—	—	—	—	—	—	

OBSEVAÇÕES DE 60 ANOS — Aduziu o eminente geólogo "êsse quadro demonstrativo é o reflexo de tôdas as observações no decorrer de sessenta anos. Segundo o mesmo, devem ser esperadas, então, dentro de 10 anos, no mês de julho, na região de Londrina, duas geadas, na região de Rolândia três, na zona de Jacarèzinho duas e na zona de Apucarana uma em maio e três em julho.

As poucas noites de geada — prosseguiu — não significam que o norte do Paraná não seja mais apropriado para a formação de cafèzais. Ao contrário, a colheita de 1.000 pés de café, em média de 35 a 40 sacas de 60 qquiqlos, mostra que os solos e o clima são muito propícios à sua formação. Indubitàvelmente, a zona do café tem seus limites naturais, estabelecidos pelas regiões climáticas e eu não pertenço aos otimistas que estendem as plantações de café muito ao

sul do rio Ivaí. Porém, contra as poucas noites de geadas na região tropical limítrofe existem suficientes meios de proteção por modernos processos químicos."

MÉTODOS DE PROTEÇÃO AOS CAFÈZAIS — Em prosseguimento às suas considerações resaltou. "Em suma, sôbre o assunto, cabe-lhe declarar o seguinte: 1.º Para combater as desastrosas consequências da desmatação, pertubação da circulação da água e erosão do solo, são necessários, em primeiro lugar, o reflorestamento de áreas apropriadas e a criação de reservas de matas. 2.º Para proteger os cafèzais do Estado do Paraná das possíveis ondas de frio, torna-se necessária a instalação de um serviço meteorológico no norte do Paraná e organização de um serviço de proteção por meio de nevoeiro artificial."

COMO COMBATER AS GEADAS — No que concerne aos recursos para combater as geadas, esclareceu o Dr. Reinhard Maack: "Existe, já, um produto que combate as geadas ou melhor, que defende os cafèzais. Êsse produto é alemão e tem a denominação de "Nevoeiro de proteção contra a geada". Defende igualmente as plantações de um modo geral."

O APARELHO PROTETOR — Assegurou o nosso entrevistado, relativamente ao aparelho protetor de cafèzais e outras plantações "O aparelho a ser utilizado para provocar a camada de nuvem protetora custará ao cafeicultor, ou ao agricultor, a importância de Cr$ 1.276,00 acrescido de um gasto de Cr$... 610,00 por alqueire, para a aquisição da composição química. Dêsse modo, num alqueire plantado, que pode ser de 1.500 a mais pés de café, conforme a cultura, cada pé de café protegido custará 45 centavos, isso se falando na rubiácea e não em cultura geral."

ACESSÓRIO FABRICADO EM CURITIBA — Prestando maiores esclarecimentos sôbre o parelho aludido, declarou: "O aparelho destinado a provocar a camada de fumaça protetora, desprende uma gôta de certo líquido no tambor de baixo, iniciando-se a nuvem. Imediatamente essa nuvem espalha-se pela área tôda, acontecendo que, quando há vento, existe sempre um vácuo de cem em cem metros, em locais onde, em tais circunstâncias, são colocadas espécies de velas, cujo preço é infinitamente barato e podem ser fabricadas em Curitiba."

ÊXITO COMPROVADO — Êsse método de proteção — adiantou — teve pleno êxito na Dinamarca e na Alemanha e foi, inclusive, presenciado por mim." " O material para a experiência está a caminho de Curitiba, já tendo sido desembarcado em Santos, procedente de Hamburgo. Ainda, segundo o ilustre entrevistado, em dias de janeiro será levada a efeito experiência na região norte do Estado. Contará essa experiência com a presença de autoridades em assuntos cafeeiros e representantes da imprensa.

(Do "Boletim da "APAC" — n.º 1-56 de janeiro 1956")

O emprêgo do azôto mineral na adubação do cafeeiro

Ferdinando R. PUPO DE MORAIS
(Engenheiro-agrônomo)

O azôto é essencial para o desenvolvimento das plantas, pois constitui parte integrante do protoplasma das células e de todas as suas proteínas.

A deficiência de azôto no cafeeiro é fàcilmente verificada por um crescimento muito limitado da parte aérea da planta. A formação de ramos primários é mínima, não havendo emissão de ramos secundários. As folhas apresentam uma clorose generalizada de coloração amarelo-limão. As raízes são menos afetadas pela falta de azôto, dando origem, em consequência, a um sistema radicular maior em relação à parte aérea. (1)

A dificiência menos intensa de azôto pode ser caracterizada por uma folhagem verde claro sem brilho, sintoma êsse muito comum nas lavouras situadas nos sólos arenosos.

Quando há boa disponibilidade de azôto no solo observa-se um grande desenvolvimento da parte aérea com formação abundante de ramos primários e secundários. As folhas são bem desenvolvidas, de coloração verde escuro, apresentado-se macias ao tacto.

Não obstante estar a grande maioria dos cafèzais paulistas situados em solos onde a disponibilidade de azôto é geralmente insuficiente para o bom desenvolvimento do cafeeiro, a adubação *mineral azotada* não tem sido usada entre nós na escala que seria de se esperar, tendo em vista a grande importância que apresenta.

A adubação mineral azotada na forma como geralmente é empregada pelos nossos lavradores não tem apresentado resultados satisfatórios. Mais eficiente tem sido o emprêgo do azôto em sua forma orgânica (tortas, estêrco, de aves, gado, etc.). Esse insucesso ou emprêgo do azôto mineral deve ser atribuido, a nosso ver principalmente a dois fatores que são: a utilização de quantidades insuficientes de adubo e modo inadequado de sua aplicação na lavoura. Uma colheita básica de 100 arrobas retira do solo 45 quilos de azôto, o que corresponde a 225 quilos de sulfato de amônio com 20% de N. (2)

Sabendo-se que os adubos azotados comumente empregados estão sujeitos a grandes perdas por lavagem do solo, é evidente que necessitamos empregar quantidades muito maiores daquele fertilizante para satisfazer às necessidades da cultura. Admitindo-se um aproveitamento excepcional de 50% do adubo aplicado pela cultura, teriamos que empregar 450 gramas de sulfato de amônio ou 600 gramas de salitre por cafeeiro, para satisfazer às necessidades de azôto para uma produção daquela ordem.

Outro ponto é o modo de aplicar o fertilizante na lavoura. É o fato comprovado que todos os adubos azotados empregados atualmente, quando incorporados ao solo tendem a passar mais ou menos ràpidamente para a forma nítrica, quando não são aplicados diretamente nesse estado.

O azôto nítrico, como se sabe, é ràpidamente lavado pelas chuvas. Em terras arenosas uma precipitação da ordem de 300 milímetros de chuva provavelmente arrastará quase todo o azôto nítrico para fora do alcance das raízes.

(3) Por esta razão não é recomendável o emprêgo de todo o adubo azotado de uma só vez, pois o salitre aplicado em outubro provàvelmente não estará mais à disposição das plantas no mês de dezembro seguinte. Deve ser acrescido o fato de o teor de nitratos no solo ser muito variável, baixando consideàvelmente após chuvas intensas. (4)

A necessidade de azôto nas plantas, por outro lado, aumenta à medida do desenvolvimento dos frutos. Assim, a quantidade absorvida por um fruto nos últimos meses de seu desenvolvimento é sensìvelmente maior do que o necessário no início de sua formação.

Todos êsses fatos nos levam à conclusão de que o emprêgo dos adubos azotados deverá ser feito parceladamente em várias aplicações por ano, como temos recomendado e já é usado como normal em outros paises.

O número de parlamentos dependerá evidentemente de fatores diversos, como a qualidade do fertilizante empregado, a rapidez de sua nitrificação, o tipo do solo e a intesidades das precipitações.

A forma mais eficiente e economicamente mais conveniente de fazer-se a adubação azotada em nossas lavouras cafeeiras deverá ser determinada através de ensaios de campo bem conduzidos, os quais poderão estabelecer quais as épocas mais adequadas para a aplicação dêsses fertilizantes.

Para os adubos que apresentam o azôto na forma amoniacal ou em outras formas que não a nítrica, será provavelmente suficiente subdividi-los em três aplicações: a primeira, em meados de outubro ou novembro, a segunda, em janeiro e a terceira em março ou abril.

No caso do salitre, um número maior de parcelas no seu emprêgo possivelmente aumentaria ainda a sua eficiência, especialmente para os solos arenosos. Neste caso, particularmente, deverá ser empregado em 4 ou 5 parcelas no mínimo, nos meses de novembro, dezembro, janeiro, fevereiro e março.

Mesmo nos solos de tipo de terra roxa que geralmente apresentam boa disponibilidade de azôto, o teor de nitratos pode cair, em certas ocasiões, a um nível insuficiente para atender às exigências da cultura. Nêstes casos, a aplicação parcelada do adubo azotado pode apresentar resultados surpreendentes.

Evidentemente não se poderá esperar uma reação satisfatória da adubação azotada sem que sejam satisfeitas as necessidades da cultura quanto aos demais fertilizantes, os quais *deverão ser determinados para cada caso em particular.*

BIBLIOGRAFIA: 1 — Franco, C.M. e Mendes, H.C. "Sintomas de deficiencias minerais no cafeeiro" — "Bragantia" vol. IX-165-173.

2 — Catani, R. R. — "Análises de partes do cafeeiro" — ainda não publicado.

3 — Kuper, A., Grohmam, F. e Gargantini, H. — "Movimento de ions NO3, NH4, K, PO4 em solos massapé, roxa misturada e arenito bauru". Bol. n. 34 do Inst. Agronômico — Fev. 1953.

4 — Verdade, F. C. — "Estudo da variabilidade dos nitratos em um solo tipo terra roxa misturada" — "Bragantia" — volume XI; 269-276.

(Da "Folha da Manhã")

A debatida questão dos sombreamentos dos cafèzais: Problema a reexaminar

José GOMES DA SILVA
(Cafeicultor no Norte do Paraná)

A controvertida questão do sombreamento dos cafèzais vem sendo levantada com redobrada insistência nos últimos tempos, seja através da imprensa, seja nas ocasiões de debates ou reuniões de cafeicultores. Este recrudescimento em torno de um assunto que parecia definitivamente resolvido pela ciência oficial leva os interessados nos problemas agronômicos da nossa principal cultura econômica a matutar detidamente sôbre êles. Mesmo para os que, como nós têm exaustivos trabalhos do Instituto agronômico de Campinas, mantendo-se também constantemente em contacto com os depauperados talhões onde os cafeeiros sombreados das Estações Experimentais de Campinas, Pindorama e Ribeirão Preto exibem sua tremenda inferioridade em relação aos seus vizinhos cultivados a pleno sol, êsses recentes pronunciamentos de lavradores e técnicos não deixam de constituir um convite a um franco reexame do problema.

Ainda recentemente, afora a manifestação do jornalista Rubens do Amaral, tivemos três pronunciamentos respeitáveis relativamente à momentosa questão: o editorial do redator do "Suplemento Agrícola do Estado de São Paulo", o trabalho do ilustre diretor da Divisão de Conservação do Solo e o recente artigo do sr. Joaquim Bento Alves de Lima intitulado "Defesa do Cafeeiro Contra as Geadas".

Os novos argumentos invocados, principalmente com relação a proteção que as árvores de sombra podem proporcionar aos cafèzais sujeitos à geada, transformam substancialmente o "veredictum" com que se condenara o sistema e que se resume na afirmativa de que "o sombreamento tem uma centena de vantagens e apenas esta desvantagem: derrubar a produção do cafeeiro". De fato, possibilitando pela proteção que oferece à planta (contra a geada) e ao solo (contra a erosão), uma produção segura, mesmo que mais reduzida, o sombreamento poderá resultar numa prática vantajosa, mesmo sem levar a seu crédito a outras 98 vantagens que têm sido apregoadas.

Considerando os dois grandes tipos de lavouras cafeeiras — plantações derrubadas e culturas em terras velhas — existem dois aspectos fundamentais que não poderão ser desprezados num novo ciclo de experimentação a respeito do sombreamento: a substituição imediata da mata pela cultura sombreadora, antes de ocorrer a destruição da mata vegetal natural, no primeiro caso; e o emprêgo de árvores de folhas caducas para testar o valor do sombreamento quando a prática é ensaiada em condições onde se possa verificar concorrência em unidade entre árvore de sombra e os cafeeiros.

Nas culturas plantadas em terras virgem é totalmente desconhecida a influência que a camada de matéria orgânica, legada pela mata, possa ter sôbre o wilting point" do cafeeiro e sôbre a capacidade do solo em armazenar água em quantidade suficiente para suprir as necessidades da rubiácea e da essencia protetora. As culturas feitas com sombreamento natural, isto é, na própria mata roçada e releada, como aquela de que fala o sr. Alves de Lima em seu artigo, constituem uma indicação sugestiva no sentido de se ensaiar experimentalmente essa prática.

Por outro lado, devem merecer investigação acurada o magnífico resultado que está sendo obtido por essa propriedade modelar e progressiva que é a fazenda Monte d'Este, em Campinas, a qual mediante o sombreamento com o tungue (planta que derruba totalmente suas folhas por ocasião do inverno) conseguiu evitar a concorrência, em unidade na época crítica em que o cafeeiro mais se ressente dessa competição danosa. Quem passa pela estrada pavimentada que vai de Campinas a Mogi Mirim têm sua atenção despertada por um fato novo em matéria de sombreamento de cafèzais em terras de espigão do planalto paulista: uma lavoura sombreada, com magnífico aspecto e produção contrastando com a plantação vizinha não protegida. E a explicação desse sucesso geogràficamente tão próximo da irrefutável experiência da fazenda Santa Elisa, parece encontrar sua explicação no tipo de árvore de sombra, que ali não é o ingazeiro ou o pisquim, mas uma planta que se despe no período de seca, diminuindo o bombeamento da escassa água do solo e evitando assim que a reserva de unidade desponível atinja o perigoso ponto de murchamento.

Do ponto de vista agronômico e conservacionista, deve-se procurar escolher as essências para sombra entre as espécies da família das leguminosas. Entretanto, a característica mencionada (folhas caducas), parece-nos ser também fundamental para o correto equacionamento do problema, nas condições de suprimento de água no planalto paulista.

(Da "Folha da Manhã")

A cochonilha verde do cafeeiro

Francisco de ASSIS M. MARICONI
(Do Instituto Biológico de São Paulo)

Entre as várias espécies de cochonilhas que atacam o cafeeiro destaca-se a "cochonilha verde", assim denominada por ser de côr esverdeada. Esse inseto é de maior importância econômica que a "cochonilha parda" e a "cochonilha branca", ambas também do cafeeiro.

A cochonilha verde não ataca sòmente o cafeeiro; outras plantas atacadas são as seguintes: laranjeira, cacaueiro, chá da Índia, goiabeira, etc. O inseto ataca diversas espécies de plantas, porém, em caráter de praga, sòmente duas: cafeeiro e laranjeira.

OCORRÊNCIA

O inseto é muito comum no Estado de São Paulo; talvez esteja presente em todos os municípios. Os maiores danos, porém, ocasionados pela praga têm sido constatados em Jaú, Bocaina, São Manuel, Regente Feijó, Garça, Pirajuí e Biriguí.

DESCRIÇÃO

A fêmea adulta é de coloração verde-clara; a forma é elíptica, achatada. A consistência é muito mole. As dimensões são as seguintes: cêrca de 4,5 milímetros de comprimento, por 2 milímetros de largura. Esta cochonilha, ao contrário de muitas outras, não tem o corpo protegido por laca ou cera.

NOTAS BIOLÓGICAS

A cochonilha verde ataca as folhas, frutos e extremidades dos galhos do cafeeiro. Nas folhas do cafeeiro, de um modo geral, o inseto prefere localizar-se nas páginas inferiores, ao longo das nervuras; entretanto, também é comum aparecer na página superior. A presença da cochonilha numa planta é percebida fàcilmente, pois êsse inseto segrega uma certa quantidade de um líquido açucarado; este líquido atrai certas formigas e favorece o desenvolvimento de um fungo negro, a "fumagina", que cobre as folhas e os ramos, impedindo a respiração da planta e a formação normal da clorofila.

As formigas fazem seus ninhos nos pés das plantas, rente ao tronco. Constantemente as formigas percorrem os galhos do cafeeiro, à procura da substância adocicada expedida pelas cochonilhas. Em troca, as formigas protegem as cochonilhas contra seus inimigos naturais, facilitando-lhes, assim, a rápida multiplicação e disseminação.

Nos cafèzais do Estado de São Paulo, a cochonilha é mais abundante nos meses de novembro a janeiro, isto é, nos meses mais quentes e chuvosos; entretanto, pode ser encontrada o ano todo. A praga tem preferência pelas

plantas de terrenos úmidos ou sombreados, condições essas encontradas de preferência em viveiros. Nos anos chuvosos, a praga se faz mais notada, pois infesta milhares de cafeeiros, no campo, com grande intensidade. Passada a época de chuva, a praga entre em declínio, desaparecendo ou quase desaparecendo.

COMBATE

A cochonilha verde tem, na natureza, diversos inimigos naturais (insetos e fungos); estes, em condições normais, são auxiliares do agricultor pois mantém a praga com população baixa. Entretanto, frequentemente torna-se necessária a intervenção do homem, para combater o inseto. As medidas a serem tomadas pelo fazendeiro são as seguintes; a) localização da praga — devem-se marcar todos os pontos da lavoura onde ocorra inseto, mesmo em plantas isoladas; b) pulverização com óleo emulsionado. No comércio, aparecem os seguintes produtos já prontos para uso: Albolineum, Volck e Citro-Mulsion. As pulverizações devem ser feitas a 1% isto é, um litro do óleo, em 100 litros de água. Em meses mais frescos, pode-se pulverizar o inseticida a 15%. para haver mais eficácia. No verão, não se deve pulverizar com suspensão mais forte que 1%, por motivo do perigo que o óleo oferece de "queimar" as fôlhas do cafeeiro. Depois da pulverização, faz-se uma segunda, 25 a 30 dias depois. Geralmente duas aplicações bem feitas são suficientes. Em plantas adultas gastam-se de 2 a 3,5 litros por planta, conforme a riqueza em folhas e altura; c) tratamento contra as formigas — após a limpeza das forquilhas raspam-se de um a dois centímetros de terra, na área de projeção da copa. A seguir, com uma polvilhadeira manual, polvilha-se B.H.C. de 1% a 2% de isômero gama, no chão e no tronco das plantas, até uma altura de 50 centímetros; d) adubação orgânica — as plantas bem adubadas suportam melhor o ataque das cochonilhas; as plantas fracas sucumbem mais fàcilmente. Recomenda-se a aplicação de "composto", de esterqueira, torta de algodão, etc., com complemento ou não de adubos minerais.

(Da "Folha da Manhã")

APLICAÇÃO DE ADUBOS EM CAFÈZAL

A simples abertura de covas deixa muito a desejar — Sugestão para melhorar essa prática, sem gastar mais

Lauriston Pousada BICUDO
(Engenheiro-agrônomo)

São poucos os cafeicultores de São Paulo que conseguem estercar todo o café, anualmente. A maior parte dispõe de matéria orgânica para apenas um quarto da lavoura e os mais bem organizados quanto à produção de composto ou estêrco têm possibilidades de adubar a metade do cafèzal. Embora todos quase sem exceção, tenham em mira administrar matéria orgânica todo ano na totalidade dos cafeeiros, a escassez e as dificuldades práticas para produzir massa orgânica e especialmente a carência de pessoal para aplicá-la convenientemente, em tempo certo, constituem óbices para a concretização daquele ideal. Afortunadamente, sem embargo, o emprêgo das leguminosas como adubos verdes, vêm contornando de modo satisfatório aquelas dificuldades. Mercê de eficiente ação oficial e da compreensão de nossos homens da lavoura, o uso de adubos verdes em café pegou, como se diz vulgarmente — representando, talvez, a mais importante conquista da cafeicultura patrícia dos últimos tempos.

Seja como fôr, em vias de regra admite-se que o estêrco ou o composto ou qualquer outra forma de matéria orgânica concentrada ainda é o modo de se conseguir *o mais rápido revigoramento* do cafeeiro e de conduzí-lo para produções volumosas, em curto espaço de tempo. Muito especialmente quando se adiciona, na massa orgânica, uma mistura judiciosa de adubos químicos. Pessoalmente, achamos que melhores e mais definitivos resultados — conquanto bem mais lentos — poderiam ser obtidos simplesmente procurando manter, a maior parte do ano, o solo do cafèzal coberto com restos vegetais, leguminosas ceifadas no local (adubação verde), palha de arroz, de café, "capim gordura" ou samambaia, enfim, qualquer matéria orgânica mesmo de constituição celulosica (palhosa, fraca quimicamente), sem a necessidade de estar esburacando o cafèzal para enterrar outras massas orgânicas de maior valor fetilizante. E' mais barato, mais praticável e, a nosso ver, mais indicado tècnicamente também, para uma cultura como a do café tão exigente em solo vivo, isto é, protegido, com razoável teor de húmus, meio de vida microbiana ativa. Quando se promove a cobertura intensiva do terreno (aliada à aplicação de calcário em pó, nos casos indicados, que são a maior parte) cogita-se essencialmente de restaurar *o solo* — objeto básico e definitivo. Ao contrário, quando se enterra estêrco ou composto, a meta ou o resultado evidente é *restaurar o pé de café*. Malgrado a possível vantagem econômica *imediata* dêste procedimento fica patente o seu caráter *provisório*, unilateral. Por isso que o estêrco e químicos que se colocam numa cova, ou num sulco, ao lado do cafeeiro, é alimento em marmita que se dá a um ser vivo que continua a residir em casa sem dispensa...

SULCO COVA OU MEIA-LUA?

Cingimo-nos, porém, a uma imposição da realidade econômica, traduzida pela necessidade de "fazer o cafeeiro dar frutos, a maior quantidade e no menor prazo possível" — pois que nem os profetas se arriscam a prever nosso mercado de café. Antes, esclareçamos: não somos contra o enterrio de matéria orgânica; julgamos, tão sòmente, que bem mais importante do que isso é procurar manter, permanentemente, o solo do café coberto com farta vegetação de qualquer natureza ou qualquer valor alimentício, como fertilizante. Se fôr possível a doção simultânea dos dois procedimentos ter-se-á o ideal.

Qual é a melhor maneira de enterrar matéria orgânica no cafèzal, do ponto de vista técnico e prático? Estabelecemos que:

a) O objetivo visado é "dar comida" ao pé de café isto é, colocar à disposição de sua zona radicular rativa o fertilizante imediatamente aproveitável (imediatamente, em cafeicultura, vai de três mêses a um ano).

b) O diâmetro médio dos cafeeiros, em São Paulo, é de 2m40 e assim a periferia radicular útil, que acompanha aproximadamente a periferia da saia, é de 7m50. O que quer dizer que se fizermos uma corôa completa ao redor do pé, essa corôa, estendida, medirá sete metros e meio.

c) As mais úteis raízes (a leiteiras) quando expostas pela remoção de terra, secam e morrem em poucas horas, dependendo da insolação. De outro lado, elas se desenvolvem e extraem o "alimento" *da terra* (mais quando essa terra está adubada) e nunca do estêrco ou do composto ou (muito menos) do adubo químico. Com base nêste preceito, qualquer que seja o sistema adotado, o cafeicultor deve exigir que "a terra seja removida, o adubo colocado e bem caldeado com a terra e a abertura seja fechada no mesmo dia".

d) Nem sempre as condições do terreno — topografia, presença de pedras os "cordões em contôrno" ou as "banquetas" — permitem o emprêgo de sulcamento. Nestes casos, a escolha terá que ser feita entre um dos outros processos, que são manuais.

e) Também as condições do cafêzal, quanto ao maior ou menor vão livre entre suas ruas, influem na escolha do método de enterrío. Assim é que nos talhões mais fechados, o sulcamento central é o mais indicado, enquanto nos cafèzais muito abertos terá que ser usado sulcamento raso, rente à saia, ou um dos métodos manuais já referidos.

"A priori", não há dúvida que deve sempre ser dada preferência aos sulcamentos, pela sua maior praticabilidade, especialmente nos serviços extensivos. Examinaremos, dêsse modo, tão sòmente os casos em que, por um motivo ou por outro, devem ser usados processos manuais de abertura para enterrío, com o enxadão.

Do ponto de vista técnico, tôdas as vantagens estão com a meia-lua tal como é recomendada pelos órgãos técnicos da Secretaria. Basta atentar para o seguinte ponto: a meia-lua aduba pràticamente *a metade* do cafeeiro, enquanto que a cova, como é executada comumente, abrange sòmente cêrca de *um sétimo* da zona radicular útil. Por outro lado, o caldeamento da matéria orgânica com a terra é bem mais perfeito na meia-lua. Sem embargo, do ponto de vista *ùnicamente de exequibilidade*, é evidente a vantagem da cova. Na grande prática, a meia-lua vêm sendo decididamente posta de lado, sob a alegação até certo ponto procedente de impraticável.

Para nós, o que está se dando é uma defeituosa interpretação da meia-coroa: não podendo executá-la "como manda o figurino", muitos cafeicultores se decidem pela simples aberturas de covas, que são enchidas com estêrco ou similiar e fechadas, sem um caldeamento ao menos razoável com a terra. Essas covas medem, geralmente, 30 cm de largura (dois enxadões), cêrca de 40 cm de profundidade e mais ou menos 1 metro de comprimento. Volume, portanto, de terra removida de 120 litros e capacidade para a aplicação de 50 litros de matéria orgânica. Sendo de cêrca de 7 metros a periferia radicular a ser adubada, vê-se que apenas um sétimo do cafeeiro recebe o benefício. Além disso, mercê do deficiente caldeamento com a terra e da aplicação muito concentrada, o aproveitamento do adubo deixa muito a desejar. Temos sugerido (e com êxito) uma "meia-lua prática" — não tão satisfatória quanto a verdadeira meia-corôa, técnicamente — para substituir vantajosamente o coveamento, sem que o lavrador gaste *um centavo a mais*. Abre-se, com o enxadão, uma meia-lua da largura dessa ferramenta (mais ou menos 15 cm), com cêrca de 25 cm de profundidade e 3m20 de comprimento. O volume de terra removida é o mesmo da cova (120 litros) e o preço de custo da operação absolutamente igual, o que foi por nós comprovado em serviço de empreitada. E as vantagens técnicas, em cotejo com a cova são marcantes: em primeiro lugar, propicia-se adubação à pràticamente a metade da periferia radicular útil do cafeeiro (ontra apenas um sétimo, no coveamento); secundàriamente, mesmo quando por empreita, o indispensável caldeamento do adubo com a terra se faz mais perfeitamente e mais fàcilmente. Este fato compensa, na prática, a maior demora para "fechar" a abertura. Não há, portanto, porque não executá-la, em lugar de abrir as covas — as quais, absolutamente, não vêm satisfazendo.

A aplicação de adubos em uma maior extensão, em tôrno do cafeeiro, determina um mais rápido e mais amplo aproveitamento, que é precisamente o objetivo colimado por quem se dispõe a enterrar o adubo junto ao pé de café. E o emprêgo dessa meia-lua prática — mercê dos evidentes bons resultados que trarão, em cotejo com o coveamento — poderá conduzir, de futuro, à adoção da verdadeira meia-corôa, cujo mérito é indiscutivelmente, mas que hoje vêm afugentando tantos cafeicultores...

(Da "Fôlha da Manhã")

OBSERVAÇÕES PRÁTICAS SÔBRE A ADUBAÇÃO NO CAFEEIRO

Sigmar KAUFMANN

Um dos pontos mais importantes na aplicação do adubo, é saber se deve ser profunda ou superficial. Pretendo abordar mais detalhadamente este assunto básico, visto que tal aspecto fundamental da adubação do café merece ser estudado com detalhes, pois se trata de problemas nunca antes profundamente ventilado e que sofreu serias restrições durante anos. Tais restrições eram baseadas no seguinte: fazendo covas, cortam-se as raízes e adubando profundamente as radicelas são atraidas para o fundo, contrariando o seu desenvolvimento natural, que se encontra na superfície. A idéia de que se estava cortando as raízes e, consequentemente, prejudicando o cafeeiro, é absolutamente anulada pelos fatos verificados e que são os seguintes:

1) — Se as raízes cortada prejudicam o cafeeiro o meu cafèzal depois de uma adubação de seis anos seguidos em volta do cafeeiro deveria ficar aniquilado, ao passo que justamente em 1950, depois de um ano de seca, forneceu a maior carga comparativamente aos anos anteriores.

2) — As raízes cortadas aumentam o poder absorvente dos fertilizantes, formando depois de cortadas, muitas radicelas. São justamente estas radicelas que absorvem os alimentos para o cafeeiro e não as raízes grossas.

A suposição de que as radicelas se desenvolvem principalmente na superfície, ou perto do solo tem, portanto, seus fundamentos. Estas radicelas se desenvolvem na superfície, porque foram ali chamadas pelo fato de que a presença do ar favorece também o seu desenvolvimento. Também na ocasião da esparramação pode-se observar tecidos brancos desmanchados. Tudo isto não é um fenômeno da natureza, mas antes um estado criado ou favorecido pela maneira do trato. As razões de se encontrarem as radicelas à superfície são as seguintes:

1) — Pela palha de café posta na superfície.

2) — Pelas próprias fôlhas caidas em redor.

3) — Pelo húmus que se encontra geralmente mais na superfície que no fundo.

4) — Pelo fato natural, de que as raízes laterais têm maior vigor e extensão na parte superficial, diminuindo gradualmente com a profundidade.

5) — Aqueles que pensam, realizar uma adubação profunda, fazendo uma nova cova de 20 ou 30 cm, mas enchendo-a com os tradicionais 50 litros, a quantidade do adúbo passa à flor do solo. As radicelas, como dissemos devido ao vigor superior das raízes laterais e presença do ar, formam-se em primeiro lugar na parte superior.

Nas carpas (sem falar em mecanização, especialmente com o "flanet") e na coroação, estas radicelas, únicos transmissores dos elementos fertilizantes, ficam constantemente cortadas, muitas vezes até arrancadas, afetando assim sensìvelmente e gradualmente a produção.

Com uma adubação profunda e sistemática, as radicelas se desenvolvem depois de certo tempo de concentradas no fundo, protegidas contra a enxada ou outras ferramentas.

EFEITOS ILUSÓRIOS DA ADUBAÇÃO SUPERFICIAL

Na adubação superficial, o efeito positivo é mais imediato e visível; a reação da planta pode ser apreciada no decorrer de pouco tempo. O cafeeiro reage depressa e o resultado torna-se evidente. Mas, precisamos em primeiro lugar que a planta resista no tempo da seca, o que não acontece com este modo de adubar. Enquanto o lavrador fica satisfeito no tempo das águas e atribui as vantagens à adubação superficial, o que está certo, no tempo da seca, quando as plantas estão murchando e desfolhando-se repentinamente, ao invés de atribuir esta reação também à adubação superficial, geralmente atribui, neste caso, o desfolhamento ao fenômeno natural: a seca.

A adubação superficial reage mais depressa no tempo das águas mas deixa de reagir, depois, em proporção positiva no tempo da seca, quando ela mais se faz necessária.

Há casos em que os efeitos da adubação artificial se mostram bem, mas isto geralmente nas terras vidradas e cujos efeitos são mais de caráter físico do que mineral. Neste caso, uma cobertura do solo com capins comuns faria bem ao seu efeito e o adubo poderia ser posto na cova.

OS EFEITOS BÁSICOS DA ADUBAÇÃO PROFUNDA

Quando comecei a fazer sistematicamente a adubação profunda sempre ouvi dúvidas e opiniões que admitiam ser totalmente negativo este sistema de adubação. Havia certas adubações que se apresentavam sem nenhuma reação (às vezes só parcialmente); somente depois de diversos anos de observação consegui tirar as minhas conclusões.

Foi em 1940. Devido à seca prolongada, só pude começar as minhas adubações de novembro em diante. As chuvas começavam quase sem parar até o fim de março. Como sempre, estava acompanhando os efeitos dentro das covas. Enquanto na terra arenosa podia-se observar os primeiros efeitos depois de quatro semanas (o que nas secas se observa, já nos primeiros dias), na terra roxa não observei nenhum sinal de reação durante todos os meses de chuva até o fim de março, apesar de estas covas terem dez centímetros menos de profundidade (40 cm) que as da terra arenosa. Constatei que devido às chuvas ininterruptas, o adubo e a terra formavam um lameiro, interrompendo assim o fenômeno da "respiração do solo", o qual se processa sòmente num solo arejado, ambiente esse tão importante para atirar os efeitos da adubação. Verifiquei também os efeitos do "branco do estêco", que temos também de atribuir ao estado do solo e à falta de ar. Sempre ouvi falar que "chuva nunca é demais", mas, o que verifiquei foi que as chuvas continuas e o excesso de umidade desfavorecem enormemente a adubação profunda, especialmente na terra roxa. Sòmente de abril em diante, quando a terra começava a ressecar e as beiradas das covas a arrebentar, introduzindo-se assim o ar, podia-se enxergar os primeiros efeitos da adubação, mas a qualidade do adubo já estava consideràvelmente reduzida.

E' justamente sôbre os fatores que favorecem ou que desfavorecem os feitos da adubação que devemos dirigir nossa atenção e também sôbre o próprio solo. Não é sòmente o pró-

prio adubo que dá resultados positivos e não podemos também tirar conclusões negativas, quando um certo adubo posto em determinadas terras e condições não reagiu favoràvelmente e não existe uma fórmula universal em assunto de adubação que determine seu uso em qualquer terra e em qualquer condição.

Tenho que citar uma das últimas obras de um dos líderes da agronomia moderna, J. Goerbing, que diz textualmente: "Devo lembrar que executamos mais de 50 mil exames, os quais nunca eram feitos sem se conhecer o solo em próprio lugar".

Citei as vantagens e desvantagens da adubação profunda e superficial. Tenho ainda que incluir um fator de primeira importância. Trata-se da parte biológica. Não há uma adubação perfeita e completa sem a sua participação. Apesar de termos tantas provas e respeito da fertilização mineral das plantas, tudo que cresce no solo e o solo próprio só se fertilizam com a atividade microrgânica. Justamente por isso temos que dar preferência à adubação profunda (mas temos que levar em conta a respiração, como dissemos) onde a flora microbiana encontra ambiente favorável para o seu desenvolvimento e cuja atividade não fica tão prejudicada pelos raios solares ou pela seca. Citei os casos negativos da atenção dos lavradores para continuarem observando o andamento do seu trabalho, distinguindo as terras e os fatores que reagem em cada ambiente totalmente diferente, e a epoca certa da adubação.

CONCLUSÃO

Apresentei um resumo de minha longa experincia sôbre a cultura cafeeira, que está longe de estar completa. Depois do exemplo de Banharão Velho, restaurando cafeeiros velhos em plantações novas, cujos resultados são magnifícos. Como já disse, temos de distinguir entre alimentação das plantas e a do solo. Na restauração do solo esgotado e na manutenção do seu estado de fertilidade e da sua estrutura; devemos antes de tudo introduzir a matéria orgânica sob qualquer forma que seja (composto ou estêrco de cocheira). O lavrador prático tem de acompanhar o que ele mesmo está fazendo e observar resultados positivos do vizinho.

Surge agora um outro ponto: restaurar cafeeiros velhos ou formar plantações novas? A minha própria experiência na restauração, e as obtidas por fazendeiros adiantados na formação de novos cafeeiros, permitiram-me tirar conclusões e orientar-me neste sentido; espero, em futuro próximo, apresentar resultados práticos obtidos em plantações novas que estou conduzindo, simplificando a técnica e resolvendo o sério problema da erosão, cem por cento, problema este primordial para à manutenção da fertilidade do solo, especialmente nos terrenos ondulados.

Para concluir, não posso deixar de repetir mais uma vez as palavras de grande autoridade mundial, o o prof. Mitscherlich: "Visto que todos os métodos rápidos de análise do solo falham totalmente, cada lavrador deveria, tanto quanto possível, realizar ensaios em seu campo, a fim de obter uma conclusão sôbre sua adubação e constatar os aumentos de rendimentos deste solo. No momento em que se possibilite formar estes ensaios de campo tão simples quanto possível, o lavrador não terá sòmente prazer nestes ensaios, mas o seu olhar se fixará no futuro em outros trabalhos de campo e alcançaremos uma prosperidade agrícola como nunca".

(Da "Fôlha da Manhã")

HÁ CÊRCA DE 8 ANOS O CAFÉ MUNDO NOVO LANÇOU RAÍZES NA TERRA DO BOURBON

A fazenda pioneira, pertence a uma família de desbravadores da Mogiana, só produz para sementes — Vantagem à primeira vista sôbre o café tradicional — Considerado mais produtivo e rústico

O café Mundo Novo também denominado Urupês, foi introduzido na zona de Ribeirão Prêto, há cêrca de 8 anos, pela fazenda Santa Amélia, pertencente à sra. Amélia Junqueira, tradicional cafeicultora na Mogiana e vinculada, por laços de família, aos primeiros desbravadores daquela área do "oeste paulista". Trata-se, como se sabe, de um novo café que surgiu pela primeira vez, como plantação comercial definida, em cafèzais do município de Urupês, hoje Mundo Novo (Araraquarense) onde existem cafeeiros da variedade de cêrca de 25 anos e, segundo se afirma, em satisfatórias condições de produtividade. O Mundo Novo, conforme depoimento de técnicos do Instituto Agronômico, teria sido localizado inicialmente na região de Jaú e resultaria de uma hibridação natural entre o café Bourbon e o Sumatra: o híbrido teria assimilado a qualidade do primeiro e a produtividade e rusticidade do segundo.

A NOVA COQUELUCHE DOS CAFÈZAIS

O café Mundo Novo é a coqueluche dos formadores de café de muitas regiões deste Estado, e se o seu plantio não se estendeu ainda na mesma medida que as novas linhagens do Bourbon (vermelho e amarelo) e do Caturra, é porque tem encontrado limitação na produção selecionada de sementes, que ainda é pequena. Os próprios meios oficiais ainda não multiplicam a semente de Mundo Novo em condições que se aproximem do nível atingido pelas demais, a respeito dos quais existe trabalho mais antigo de seleção e multiplicação. Esse fato contribui para atrair numerosos plantadores, pioneiros do Urupês, para a produção de sementes, à vista do interêsse despertado pelos maiores índices de produtividade que se observam com o Mundo Novo, pelo menos nas áreas paulistas (Araraquarense e Mogiana) onde êle se acha aparentemente mais cultivado.

VANTAGENS À PRIMEIRA VISTA SÔBRE O BOURBON

A reportagem das FOLHAS, acompanhada do general Stenio Caio de Albuquerque Lima, comandante da 2.ª Região Militar, do sr. Plínio Travassos, diretor do Museu do Café(Ribeirão Prêto), da sra. Maria Pagano, do sr, Sebastião Maximiano Junqueira e familiares, teve oportunidade de percorrer, recentemente, a plantação de café Mundo Novo da Fazenda Santa Amélia. De cêrca de 140 mil cafeeiros ali existentes, cêrca de 100 mil, de diferentes idades, pertecem à nova variedade. Há cêrca de 8 anos que não se planta outro café na propriedade, que vai assim reformando completamente os velhos cafèzais. O que salta logo à vista, a favor do Mundo Novo é o confronto com cafèzais vizinhos (de descendentes da

sra. Amélia), ainda da variedade Bourbon vermelho e plantados aproximadamente na mesma época. Separados apenas por um carreador, as diferenças de carga e de estado vegetativo favorecem acentuadamente o mérito do Mundo Novo. O trato aparentemente vem sendo o mesmo e o sr. Sebastião Junqueira afirmou-nos mesmo, em certo trecho, que o cafèzal Bourbon ao lado (com grande índice de galhos secos e menor carga) vinha sendo irrigado, o que não acontecia com o Mundo Novo. Naturalmente, o confronto só pode valer a rigor depois de bem ponderados diversos fatores, inclusive a origem das sementes, os pormenores de plantio e cultivo e poderá acontecer que a própria irrigação (sem adubação) poderia ter causado desequilíbrios no talhão do Bourbon acima referido. Mas, à primeira vista, a diferença é marcante e constitui excelente propaganda a favor da variedade nova.

ÍNDICES DE PRODUTIVIDADE E RUSTICIDADE

Quase todo o cafèzal de Mundo Novo instalado na Fazenda Santa Amélia se acha em terra de derrubada recente (a propriedade ainda possui apreciável quantidade das velhas e bôas matas de pau d'alho de Ribeirão Prêto). Existem também plantações em terras anteriormente cultivadas com algodão, e mesmo aí o aspecto da plantação é excelente. Até hoje (o plantio mais antigo data de 8 anos) não se fez adubação, o que em parte se explica pela conhecida fertilidade das terras da região. Por experiência em baixadas, onde geou em 1953, o Mundo Novo se mostrou bem mais resistente aos efeitos do distúrbio climático. Os índices de produtividade são dos mais animadores: cafèzais de 4 anos aparentando carga de 70 arrobas por mil pés e outros de 8, que renderam 80 arrobas na safra passada, prometendo colheita semelhante em 1955.

PENETRAÇÃO NO REDUTO TRADICIONAL DO BOURBON

A Fazenda Santa Amélia não está colocando a safra de café Mundo Novo no mercado comum. Para consumo, só vende as colheitas das velhas plantações de Bourbon. Tôda a produção do famoso híbrido alí vêm sendo vendida para semente, quer em estado de cereja, quer sêco ou despolpado. Segundo nos informou o sr Sebastião Maximiano Junqueira (filho da sra. Amélia e também lavrador), a procura permanece intensa, e cresce na Mogiana o interêsse pelo Mundo Novo. A antiga pátria do Bourbon, o café de apostolalo de Luís Pereira Barreto, estar-se-ia rendendo, esportivamente, ao Urupês, mostrando que a melhor tradição não contraria a renovação.

(Da "Fôlha da Manhã")

COMO CONSTRUIR UM VIVEIRO DE CAFÉ

Indispensável a toda fazenda e pode ser feito pelo próprio fazendeiro — Escolha do local — Tipos de viveiros — Preparo do terreno — Dímensões dos canteiros — Semeação — Época da semeadura — Transplantação — Semeação direta nos recipientes — Tratos culturais — Plantação — em local definitivo — Combate a pragas e doenças — Material necessário para construir um ripado de bambú

O viveiro de café é indispensável em tôda fazenda. Quanto maior o capricho em obter uma boa muda, tanto maior a possibilidade de se conseguir uma boa replanta.

Estas considerações abrem um instrutivo trabalho do *eng. agrônomo H. J. Scaranari, do Instituto Agronômico de Campinas,* destinado, em forma de instruções práticas, a fornecer um conjunto de informações aos lavradores de café, despertando-lhes o interêsse para formar seu próprio viveiro de mudas e fazê-lo acertadamente. A ocorrência da geada está indicando mais do que nunca a necessidade do replantio das falhas do cafèzal, devendo ser considerados principalmente; lavouras novas, em que os prejuízos foram muito acentuados e lavouras em plena produção, em que já existiam falhas. Nesta página, (na quinta-feira de onze do corrente) já cuidamos do replantio das falhas na cultura do café. Trataremos hoje da formação dos viveiros de mudas. Em primeiro lugar temos que cuidar da:

ESCOLHA DO LOCAL

a) deve ser próximo à sede, para melhor fiscalização;

b) deve ter água acessível para a necessária irrigação;

c) as terras não podem ser muito pobres, para que haja economia de adubos.

TIPOS DE VIVEIRO

O viveiro pode ser de 2 tipos. O primeiro, feito debaixo de árvores cuja sombra não seja muito intensa, apresenta a vantagem de ser mais barato, porém traz o incoveniente de serem prejudicadas as mudinhas de café pelas raízes das árvores. O segundo, exige a construção de um ripado. E' o melhor sistema, apesar de ser mais caro. Um bom ripado pode ser construido com colunas de alvenaria, vigotas trabalhadas e ripas. E' muito estético, sólido, porém dispendioso.

Há, ainda, um tipo mais modesto, mais acessível, que alcança plenamente a mesma finalidade: é aquele construido com mourões de eucaliptos e bambús.

O bambú, para melhor aproveitamento, é partido ao meio, no sentido do comprimento e o espaço entre um e outro é igual à largura do próprio bambú. A sua posição na coberta é N-S. Obtem-se assim uma meia sombra durante quase todo o dia.

Em caso de muita urgência ou se as condições do fazendeiro não permitirem no momento a construção do ripado, deve-se lançar mão do seguinte recurso: prontos os canteiros em um local prèviamente estudado, são construidas sôbre êstes, com forquilhas e galhos de árvores, armações baixas, (mais ou menos 50 centímetros). Sôbre estas armações, então, estendem-se esteiras de bambús. Essas esteiras protegem os canteiros, evitando uma insolação muito intensa.

E' aconselhável, em qualquer dos casos, cobrir os canteiros uma vez semados, com uma camada leve de capim sêco. O canteiro ficará assim protegido contra os estragos das chuvas.

PREPARO DO TERRENO

Inicialmente, é feita nos canteiros, com enxadão ou pá, uma cava muito bem trabalhada e logo a seguir se faz o nivelamento destes. Este serviço pode também ser feito com enxada rotativa.

No caso do viveiro ser instalado debaixo de árvores, em terra boa, onde haja terriço, é suficiente o revolvimento da terra.

Se a terra for pobre, deve-se adicionar uma adubação, por metro quadrado do canteiro de:

Estêrco	5 a 10 kg
Farinha de ôssos	200 g
Cloreto de potássio	100 g
Sulfato de amônio ou salitre do Chile	100 g

DIMENSÕES DOS CANTEIROS

O comprimento variará de conformidade com o terreno. A melhor largura é de 2 metros. Os canteiros serão feitos cortando sempre as águas. Entre um e outro, deve haver um caminho de 50 cm para a passagem dos operários. De distância em distância, faz-se um caminho maior de 3 metros, para facilitar o tráfego interno e a saida das mudas.

A água deve ser distribuida de tal maneira que todos os canteiros a recebem com facilidade.

Para a adição do adubo, procede-se assim: após o nivelamento, espalha-se o estêrco sôbre o canteiro, em camada uniforme e sôbre êle se põe o adubo químico. Também esta operação pode ser realizada com o auxílio da enxada rotativa.

Assim, para o caso de um canteiro que tenha as dimensões de 20 m x 2 m, ou seja, 40 m2, empregar-se-ão as seguintes quantidades:

Estêrco	200 a 400 kg
Farinha de ossos	8 kg
Cloreto de potássio	4 kg
Salitre do Chile	4 kg

SEMEAÇÃO

As sementes distribuidas tanto pelo Instituto do Café como pela Secretaria da Agricultura de São Paulo são despolpadas (sementes em pergaminho). Germinam mais ràpidamente do que quando em côco, são de mais fácil manejo no viveiro e dão apenas uma muda em cada lugar, o que facilita o transplantio.

A distância de semeação nos canteiros para sementes despolpadas, pode ser:

Entre linhas: 15 cm (de fileira a fileira).

Nas linhas: 5 cm (de sementes a semente).

As linhas são riscadas no sentido da largura do canteiro. Um metro quadrado de canteiro comportará 133 sementes. Normalmente, obtêm-se cêrca de 80% de germinação, e, portanto, 100 mudinhas mais ou menos.

Isso servirá de base para o fazendeiro saber qual a área de viveiro de que vai precisar.

ÉPOCA DE SEMEAÇÃO

A semeação no viveiro deverá ser feita no início das águas. De setembro a novembro, a ocasião é ótima para se fazer esta operação.

TRANSPLANTAÇÃO

A transplantação pode ser feita para jacàzinhos (de bambú ou de sapé) ou, preferìvelmente, para recipientes formados de madeira laminada (41 x 23 cm). A melhor ocasião é de abril a maio, quando as mudinhas têm uns 10 cm. de altura e cêrca de 5 a 6 meses de idade.

Os laminados devem ser preparados com antecedência. São submersos em água por uma ou duas horas. Em seguida, são pregados com dois grampos, o que se faz com grampeador usado para papel. Assim presos, basta uma volta de arame n.º 22 para mantê-los na forma devida.

Se houver interêsse em conservá-los por tempo mais ou menos longo, a imersão deverá ser feita em uma solução de sulfato de cobre a 5%, durante 3 horas. Neste caso, há necessidade do emprêgo de arame mais grosso.

A muda é retirada cuidadosamente do canteiro, com torrão de terra. Se a raíz principal da mudinha fôr grande, há conveniência em ampará-la.

A operação de transplantação têm de ser feita com muito cuidado, por operário habilidoso, para que a raíz não fique enrolada ou torta.

As mudas assim transplantadas, ficam no viveiro até um mês antes do plantio, quando deverão ser expostas ao sol.

SEMEAÇÃO DIRETA NOS RECIPIENTES

Pode-se fazer a semeação direta nos recipientes, sejam êles jacàzinhos ou laminados. Estes se prestam melhor para esta finalidade que torna o processo menos dispendioso (18 cm x 14 cm).

Os laminados são preparados com terra misturada com estêrco ou serapilheira de mato. E' conveniente regá-los durante quatro a cinco dias antes da semeação, para que a terra assente bem.

A época de se fazer a semeação é a que vai de maio a julho. Colocam-se duas sementes em cada laminado e, por sôbre elas, uma camada fina de terriço.

Os laminados devem ser agrupados em blocos bem compactos, em forma de canteiros com 2 m de largura e com ruas de 50 cm entre êles.

As mudas estarão com um ou dois pares de fôlhas de outubro a dezembro, época em que poderão ser levadas para o local definitivo.

TRATOS CULTURAIS

No viveiro, os únicos tratos culturais exigidos são simples capinas para manter os canteiros livres do mato.

São indispensáveis regas constantes.

PLANTAÇÃO EM LOCAL DEFINITIVO

A plantação em local definitivo é iniciada de outubro em diante, podendo prolongar-se até janeiro. E' condição primordial serem as mudas plantadas em ocasião chuvosa.

COMBATE A PRAGAS E DOENÇAS

No viveiro aparecem com frequência coccídeos. O tratamento será feito com Rhodiatox — emulsão — nas quantidades indicadas na própria lata do inseticida. Poderá também ser aplicado, Albolineum, na dose de 1%.

Das moléstias as mais frequentes são: a "Cercospora coffeicola" (Berck et Cooke), comumente conhecida por ôlho pardo, que se apresenta em forma de manchas arredondadas e pardacentas. A incidência dêsse fungo se deve, geralmente, à má nutrição das plantas ou ao excesso de água de irrigação e "Rhizoctania solani" Kuhn, que causa o tombamento das mudinhas. O tratamento para ambas deverá ser o de diminuir as regas, se estas forem excessivas, e aplicar calda bordalesa a 1%.

RIPADO DE BAMBU

Para se ter uma idéia do material que vai ser necessário para a construção do ripado, basta que se tomem por base os dados referentes a uma dessas construções, suficiente para a semeação e manejo de 10.000 laminados de 41 x 23 cm. O material empregado será o seguinte:

40 mourões de eucalipto de 3,50 m. com 15 cm., mais ou menos de diâmetro;
125 metros de linhas de eucalipto com 10 cm., mais ou menos, de diâmetro;
100 duzias de bambus.

Os mourões serão fincados no chão, a uma distância de 3,5 m. uns dos outros.

A distribuição dos mourões e dos caminhos deverá obedecer ao desenho que publicamos, para um viveiro de dez mil mudas. Observe-se a localização dos mourões marcados com um ponto em preto. Na fotografia temos uma vista interna de um viveiro feito com tôdas as boas regras. Observe-se o ripado da cobertura e a filtração da luz.

(Do "Correio Paulistano")

LISBÔA BEBE
CAFÉ MUITO MELHOR QUE O DE SÃO PAULO E DO RIO
AFIRMA MOZART MONTEIRO

Em crônica datada de Lisbôa e assinada por Mozart Monteiro, o diário "O Globo", do Rio de Janeiro, escreve:

"Talvez o leitor brasileiro, que esteja a ler esta crônica, tenha curiosidade de saber se o café que se toma em Lisbôa é o café do Brasil. Não, não é. Os portugueses da Metrópole dispõem de ótimos cafés, produzidos em diversas partes do seu vasto império ultramarino". E mais adiante:

"O café que se bebe nas casas do ramo, em Lisbôa, costuma ser excelente — o que ,aliás, não está, por via de regra, acontecendo agora, nem no Rio, nem em São Paulo. Na Paulicéia, onde se devia beber o melhor café do Mundo, introduziu-se, há pouco, o mau hábito de serví-lo já açucarado, sem se atender ao paladar de cada cliente, como se fazia outrora, no Brasil, nas estações dos caminhos de ferro — e porque havia pressa.

"Por incrível que pareça, toma-se hoje melhor café em Lisbôa do que em S. Paulo, onde na maioria dos estabelecimentos comerciais, já se não prepara, nem se serve, essa preciosa bebida com o cuidado que ela exige, para ser maravilhosa". — ANI.

CONSUMO DE CAFÉ NA ALEMANHA OCIDENTAL

HAMBURGO — O consumo de café na República Federal Alemã e na zona ocidental de Berlim, calculado à base do café em grão, subiu em 1954 em relação a 1953, de 314 gramas para 1.950 por habitante.

No entanto, nos quatro últimos meses de 1953, em que já vigorava a diminuição dos impostos, não se registrou qualquer aumento.

Os círculos ligados ao comércio do café frisam que a estagnação verificada no consumo se explica pela alta do café nos mercados internacionais, na Primavera e no Verão de 1954. — ANI.

(Diário de Luanda — Angola).

CAFÉ DO BRASIL APREENDIDO PELAS AUTORIDADES TURCAS
12.500 TONELADAS BROCADAS

Segundo chegou ao nosso conhecimento, 12.500 sacas (750 toneladas) de café vendido pelo Brasil foram apreendidos pelas autoridades sanitárias da Turquia, no porto de Izmir. Êsse café — parte de um carregamento de 60 mil sacas — fôra transportado pelo navio turco "Aidin", achando-se quase todo brocado. Além dessa irregularidade, que depõe contra o nosso país, foi verificado que a mercadoria era de tipo 5 e 6, quando as licenças haviam sido concedidas pelo Ministério do Comércio da Turquia apenas para importação de café tipo 3.

Saúde daquele país, foi aberto inquérito para se apurar responsabilidades no caso.

(Do Diário de Notícia, Rio")

Além de ser a venda clandestina o café é entregue já adulterado

Uma carta de um turista argentino, de volta à sua terra, depois de passar pelo Brasil, trouxe à baila um assunto já ventilado anteriormente que tem causado não pequenas dores de cabeça à alfândenga do Porto do Rio de Janeiro. Trata-se de comércio irregular e altamente desprimoroso para os nossos foros de país civilizado e tradicionalmente hospitaleiro para com os estrangeiros que nos visitam, como seja a venda clandestina de pacotes de café aos passageiros de navios surtos no Porto em que, de café, há menos da metade do volume comprado, sendo o restante preenchido com milho em grão.

O PASSAGEIRO DO "SALTA"

Diz o missivista que foi ludibriado quando aqui esteve como passageiro do "Salta". — "Felizmente — acentua o cidadão argentino — só levei um quilo. Considera o incidente prejudicial ao bom nome do honesto e laborioso comércio carioca, além de representar uma contra-propaganda do Brasil".

ALGUNS CONSEGUEM ESCAPAR

A propósito deste assunto, O GLOBO ouviu o coronel Barnabé Rodrigues de Barros, inspetor da Polícia Portuária. Afirmou-nos que indivíduos inescrupulosos se introduzem na faixa do Cais pelas borboletas do Touring Club e oferecem saquinhos contendo "café" aos viajantes dos navios. Alguns têm sido retidos e postos para fora, mas um ou outro consegue, sempre escapar à fiscalização.

VÃO AO LARGO

O Sr. Emiliano Sidrin, guarda-mor da Alfândega, também se pronunciou sôbre o caso, dizendo, inicialmente, que nenhum passageiro tem permissão para comprar café, sem licença, nem mesmo um quilo, pois se trata de produto de exportação, controlado pelas leis brasileiras.

Já se têm registrado casos de apreensão, por parte dos fiscais, de centenas de pacotes contrabandeados para bordo por tripulantes ou, mesmo, vendidos antes dos navios atracarem, pois os traficantes vão de bote, ao largo onde as embarcações fundeiam e conseguem vendê-los aos passageiros. Acrescentou o Sr. Emiliano que a fiscalização tem sido rigorosa nêsse sentido.

(Do "O Globo")

O Café visto nos Estados Unidos

(Cartas semanais do escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 926 CARTA SEMANAL DO MERCADO 1.º de Abril de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: A atividade dos negócios no segundo trimestre do ano será tão intensa, segundo os indícios disponíveis no momento, à do primeiro trimestre. A indústria dos automóveis, que produziu 2.100.000 veículos no primeiro trimestre, tem planos de produção para 2.300.000 veículos no segundo trimestre. Há indicações de que em certos tipos da produção de aço, os preços se acham acrescidos de um tanto, para que se assegurem as encomendas dos mesmos, embora as usinas siderúrgicas estejam funcionando com mais de 90% da sua capacidade no momento, e não há sintomas de que a procura diminuirá. Os relatórios do comércio varejista mostram que os consumidores continuam a comprar em grande escala e, com a vinda da Páscoa, são naturais as expectativas de vendas ainda maiores de artigos de uso individual. As encomendas feitas aos manufatureiros continua a aumentar, e é de presumir-se que essa situação não se modifique durante muitos meses ainda.

Custo de vida: O Índice do Custo de Vida continuou inalterado em Fevereiro (1947/49=100). Nos últimos três meses, a média do custo de vida tem permanecido a mesma. Durante o mês de Fevereiro, houve um aumento nos preços dos alimentos, mas êsse aumento foi contrabalançado pela diminuição dos preços de outras mercadorias.

Fabricação de máquinas-ferramentas: O volume das encomendas de máquinas-ferramentas — que é um dos mais sensitivos indicadores das atividades industriais do momento e das que estão sendo planejadas — é o maior observado durante os últimos 17 meses. O total de Fevereiro foi de 31% maior do que o de Fevereiro do ano passado, e os porta-vozes da indústria predizem uma intensa atividade nos meses próximos. As expectativas gerais têm sido, entretanto, as de um declínio gradual nas encomendas, declínio êsse baseado nas estimativas de que as atividades industriais permaneceriam mais ou menos nos níveis atuais. A contínua procura de máquinas-ferramentas pode constituir um índice de que a produção industrial aumentará no futuro imediato.

Construções: De acôrdo com uma estimativa oficial serão construidas em 1955 1.300.000 casas residenciais, total êsse que excede de 100.000 o de 1954. Essa estimativa indica que as autoridades federais continuarão a seguir uma orientação de apôio às atividades em grande escala que atualmente se observam no setor das construções, malgrado a opinião predominante, nos círculos bancários e em outras partes do mundo financeiro, de que essa expansão das construções não constitui um fator de estabilidade para a economia do país. As autoridades federais são de opinião que as novas construções serão absorvidas pelas famílias de parcos rendimentos que deixarão suas moradas atuais, abaixo dos padrões estabelecidos para as residências. Essas famílias preencherão

a diferença entre o número de casas construidas em 1955 e o número de famílias que se formaram no mesmo ano, aproximadamente de 600.00.

Mercado de valores: Os preços das ações parece que se estão consolidando perto de um nível-recorde alcançado recentemente, antes das bruscas flutuações da Bôlsa, também recentes. O volume das transações é atualmente um pouco menor do que os últimos meses em geral, sendo a média atual, na Bôlsa de Nova York, de 2.500.000 ações, ou menos. As ações das indústrias pesadas é que estão no momento despertando o maior interêsse. O ambiente geral no mundo das finanças em Wall Street é de optimismo presentemente, aguardando-se relatórios favoráveis das corporações referentes ao primeiro trimestre do ano. A opinião geral é de que nenhuma regulamentação importante resultará das investigações feitas recentemente pelo Congresso Federal no Mercado de Valores.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos gerais: Circularam esta semana vários boatos a respeito de medidas tomadas para a estabilização dos preços e para a manutenção de um mercado firme. Continuaram os rumores de que os países da FEDECAME contribuirão com $70.000.000 para a formação de um Banco do Café, com a finalidade de financiar os produtores; constou que certos países das Caraíbas estabelecerão uma agência em Nova York, com a função de comprar o seu café no mercado de físicos, quando os preços baixarem além de um certo mínimo; que o govêrno do Brasil acumulará estoques de café, com certa porcentagem da produção, para vendê-los em épocas oportunas, tanto no mercado interno como no estrangeiro; e que o Brasil estaria negociando um empréstimo nos Estados Unidos, dando o café como garantia. Além disso, um exportador brasileiro afirmou que o Brasil ia queimar café, e esse rumor teve tantas repercussões que o Sr. Horacio Cintra-Leite, Representante do Instituto Brasileiro do Café nos Estados Unidos, fêz uma declaração a respeito, dizendo que tal rumor não tem cabimento e que o Brasil não vai queimar café nenhum. Desmentindo o rumor como pura fantasia, o Sr. Cintra Leite disse mais que "o Brasil não está interessado em queimar café, mas sim em vender café", havendo bastantes mercados ainda não explorados, mesmo nos Estados Unidos, para absorver a produção brasileira. Êsses rumores, de modo geral, indicam, entretanto, que os países produtores de café talvez estejam considerando medidas no sentido de reduzir as extremas flutuações dos preços do café, o que contribuiu aparentemente para que o mercado se mantivesse firme esta semana. Do fechamento do mercado a têrmo na quinta-feira passada até o fechamento de ontem, os preços subiram de 75 a 215 pontos, sendo negociados apenas 1049 lotes durante a semana, ao passo que na semana anterior foram negociados 1434 lotes.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, houve poucas alterações nos preços em relação aos da quinta-feira, no fechamento. A posição de Março/56 se manteve inalterada e a de Dezembro ganhou 4 pontos, mas as demais perderam de 5 a 10 pontos. Foram negociados 205 lotes. A posição de Março/1955 foi liquidada, com 60,30 cents, tendo sido feitos 49 avisos de entrega. Na segunda-feira, os preços tiveram ganhos de 56 a 93 pontos, num total de 152 lotes apenas vendidos. Na têrça-feira, registraram-se novas altas, de 87 a 7 pontos, sendo os aumentos maiores nas posições mais próximas e os menores nas mais distantes. O total de lotes negociados foi de 216. Na quarta-feira, Julho ganhou 30 pontos, mas os preços das outras posições tiveram baixas de 6 a 10 pontos. Lotes nego-

ciados, 157. Ontem, ocorreu no ganho geral, de 18 a 65 pontos, num volume de 319 lotes vendidos.

Mercado de físicos: Durante a semana que acaba de terminar, êsse mercado esteve tranquilo, observando-se a realização de negócios de rotina. Ontem os colombianos estavam cotados a 59 1/2 cents e os Santos 4 a 58 cents.

Outras notícias: As importações de café nos Estados Unidos durante o mês de Janeiro foram de 1.688.963 sacas. Segundo estimativas não oficiais, as importações de Fevereiro foram de 1.293.275 sacas, e as de Março cêrca de 1.375.000 sacas. Assim, o total do primeiro trimestre de 1955 foi de 4.357.238, tendo o Brasil, segundo cálculos não oficiais, contribuido com 27,6% dêsse total. Durante o primeiro trimestre de 1954, o total das importações de café nos Estados Unidos foi de 6.115.600 sacas, sendo, dêsse total 35,1% fornecidos pelo Brasil.

O total do café torrado nos Estados Unidos, nas primeiras 12 semanas de 1955, é calculado em cêrca de 89,3% do total correspondente ao mesmo período do ano de 1954. A partir do dia 12 de Março, o total tem entretanto sido superior ao da média para o referido período.

Última Hora: O mercado abriu esta manhã com ganhos de 5 a 45 pontos em relação ao fechamento de ontem. O número de lotes dependendo de entrega era de 2.989, ao passo que o total da passada sexta-feira, pela manhã, era de 3.047.

Nota especial: O Bureau Pan-Americano do Café teve o prazer da visita do Sr. Attilio Vivacqua, Senador Federal pelo Estado de Espírito Santo, que tomou parte recentemente na Conferência de Investimentos de Nova Orleans, certame de grande importância para o estreitamento dos laços econômicos entre os países do Hemisfério Ocidental. O ilustre senador brasileiro, que conversou com o Sr. Cintra-Leite e os demais membros da Junta Executiva e visitou as instalações do Bureau, elogiou os esforços e as finalidades desta entidade, em relação aos serviços que presta aos interêsses pan-americanos.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ PELO BRASIL E PELA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos principais*			
		U.S.	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	3-26-55	78,000	72,000	12,000	162,000
	3-19-55	116,000	144,000	18,000	278,000
	3-27-54	207,000	74,000	40,000	321,000
COLÔMBIA (**)	3-26-55	36,609	13,408	882	50,899
	3-19-55	74,066	15,128	—	89,194
	3-27-54	26,683	25,422	352	52,457

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*Países de origem*			
	BRASIL	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
3-26-55	65,540	154,974	27,114	247,628
3-19-55	66,055	148,363	34,654	249,072
3-27-54	97.889	117.948	94.818	310,655

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	*26-3-55*	*19-3-55*	*27-3-54*
BRASIL (*)	Santos	1,936.000	1,965.000	1,777,000
	Rio	186,000	205,000	384,000
	Vitória	121,000	111,000	121,000
	Paranaguá	337,000 (°)	343.000 (%)	637,000 (&)
	Pernambuco	20,000	16,000	19,000
	Bahia	16,000	14,000	19,000
	Angra dos Reis	22,000	22,000	17,000
	TOTAL	2,638,000	2,676,000	2,965,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	46,730	39,988	70,860
	Cartagena	56,423	41,276	34,136
	Buenaventura	80,492	65,344	94,806
	Cúcuta	158,693	153,857	45,668
	TOTAL	342.338	300,465	245,470

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DO INTERIOR DE S. PAULO:

Safra	*Fevereiro 1955*	*Janeiro 1955*	*Fevereiro 1955*
1951-52	1,000	1,000	—
1952-53	13.000	13,000	13,000
1953-54	—	—	1,986,000
1954-55	3.112,000	3,768,000	—
	3,126,000	3,782,000	1,999,000

DESPACHOS DE CAFÉ NAS ESTRADAS DE FERRO DO INTERIOR DO PAÍS:
JULHO 1 A FEVEREIRO 28, 1955, DESTINADO A:

Santos	6,774,000
Rio	262,000
Angra dos Reis	7,000
Outros (")	548,000
TOTAL	7,591,000

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(°) 257,000 livres e 80,000 retidos.
(%) 266,000 livres e 77,000 retidos.
(&) 584,000 livres e 53,000 retidos.
(&) 584,000 livres e 53,000 retidos.
(") Incluidos sacas do Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

ESTADOS UNIDOS:

A "Pausa para o Café" e os contratos sindicais: A "Pausa para o Café", originada pelo trabalho de propaganda do Bureau Pan-Americano do Café constitui realmente um dos maiores triunfos da publicidade nos Estados Unidos, tendo-se tornado pràticamente uma instituição nacional. Não só já é parte de muitas atividades de ordem mundana, social e industrial, como hábito estabelecido, como tem até a consagração da caricatura política e da imitação de outras campanhas de publicidade comercial. Um dos aspectos mais interessantes e mais recentes da aceitação da "Pausa para o Café" é o que se refere aos contratos que as Uniões realizam com as emprêsas empregadoras, pois que cada vez mais a "Pausa para o Café" está fazendo parte dêsses contratos, isto é, como mais uma reivindicação dos trabalhadores organizados, os quais se acham, como se vê, com direitos adquiridos quanto ao hábito, geralmente já aceito nas indústrias, de fazer uma ou duas breves interrupções na jornada do dia para tomar uma xícara de café. Em reportagem publicada pelo jornal Herald Express, de Los Angeles, Califônia, o Sr. W. J. Bassett, Secretário-Tesoureiro do Conselho Central do Trabalho de Los Angeles, declara que a "Pausa para o Café" está sendo adotada oficialmente em quase tôdas as emprêsas. "Em nossos contratos sindicais", diz o Sr. Bassett, "a "Pausa para o Café" é mencionada como "período de descanso", mas é, realmente, uma interrupção de 10 a 15 minutos no trabalho, para tomar "java"... Muitas emprêsas não só favorecem a "Pausa " mas até fornecem o próprio café gratuitamente aos seus empregados".

Essa aceitação favorável da "Pausa para o Café" se deve também ao fato de que, de acôrdo com o "National Safety Council", o novo hábito dos trabalhadores norte-americanos contribui para se reduzir o número dos acidentes nas indústrias, os quais ocorrem, segundo as estatísticas daquela organização, no meio da manhã e no meio da tarde, quando a fatiga do trabalho é a mais intensa. Por essa razão, a Comissão deAcidentes Industriais, da Califônia, reconhece os períodos da "Pausa para o Café" como parte das horas de trabalho dos operários, de modo que o trabalhador que sofrer um acidente nos períodos dessas "Pausas para o Café" está habilitado a reclamar compensação. A Comissão ordenando, em certo caso, que se pagasse compensação a uma mulher, ferida durante uma das "Pausas para o Café", afirmou que durante êsses períodos os empregados se acham sob a responsabilidade dos empregadores, o que não sucede durante a hora do almôço.

O Sr. Bassett observou que atualmente cêrca de 35.000.000 de pessoas fazem pelo menos uma "Pausa para o Café" diàriamente no trabalho e que 59% delas bebem café grátis, oferecido pelos empregadores.

(Herald Express, Los Angeles, 3/Março/1955).

O valor social e mundano do café: O café é talvez um dos artigos de consumo mais democráticos nos Estados Unidos, pois é preferido e usado igualmente em tôdas as camadas sociais e econômicas do país. Não só é parte dos contratos trabalhistas, como vimos acima, mas também elemento de cortesia e associação de outros grupos da sociedade norte-americana. Por exemplo, na semana passada, em Nova York, o Sr. E. Wolfson, em campanha para conseguir o contrôle da emprêsa Montgomery Ward, convidou 16.000 acionistas da mesma para

tomar café no famoso Hotel Astor! Certamente, nunca houve uma "Pausa para o Café" de tal ordem em Nova York, apinhando-se os enormes salões de banquete do Astor simplesmente para se tomar café e... discutir negócios! O Sr. Wolfson pagou 40 cents por essas xícaras de café para acionistas, mas segundo tudo indica o café deve ser propício para o sucesso de tais reuniões, pois o mesmo senhor vem fazendo o mesmo com outros acionistas, em Jacksonville, Los Angeles, São Francisco, Shicago e Detroit...

Em outros setores, menos espetaculares, o café também é o elemento mágico que serve para criar uma atmosfera de cordialidade entre os fregueses de certos negócios. Certos cinemas de Nova York oferecem café grátis, em suas salas-de-esperas, e até num Salão de Beleza de Bedford, Estado de Ohio, da Sra. Sylvia Blatnick, o café é também servido, segundo lemos nos Times Register, daquela cidade, como tratamento regular das freguesas, tanto pela própria dona como pelas suas amáveis empregadas...

(The New York Times, 22/Março/1955)
(Times Register, Bedford, 4/Março/1955)

N.º 927 **CARTA SEMANAL DO MERCADO** **7 de Abril de 1955**

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: Ao iniciar-se o segundo trimestre de 1955, são animadores os indícios econômicos. Na maioria das indústrias os altos níveis de produção e de vendas alcançados no primeiro trimestre estão sendo mantidos, não havendo sintomas de que essa situação se modifique. As fábricas de aço continuam a funcionar com 90% da sua capacidade e consta que os preços do aço subirão ainda mais no terceiro trimestre. A produção de automóveis e a construção em geral permanecem em altos níveis também, estabelecendo récordes, e os relatórios das corporações são em conjunto favoráveis.

Mão de obra: Em Fevereiro, 200.000 pessoas ficaram desempregadas, diminuindo o número dos trabalhadores ocupados para o total de 59.900.000. O aumento da mão de obra nas indústrias foi eliminado pela diminuição dos trabalhadores agrícolas e de outros gêneros que tinham apenas ocupações de temporada. A média das horas de trabalho semanal nas indústrias subiu para 40,5, o que representa um aumento de 0,3 de hora em relação a Janeiro. Essas cifras indicam que o aumento de mão de obra nas indústrias está sendo feito em grande parte com a utilização de trabalhadores regulares e não com trabalhadores adicionais. O número das pessoas desempregadas nas indústrias aumentou ligeiramente, sendo de 36.000.

Indústrias de automóveis: Os negociantes de automóveis venderam um total de 710.000 carros durante o mês de Março, o que é um récorde, mas foram fabricados 775.000 veículos nêsse mês. Essa produção corresponde a um total anual de 9.000.000 de veículos. Estimando-se em 6.000.000 o número de carros que serão vendidos em 955, espera-se naturalmente que daqui por diante a produção diminua, não se podendo todavia predizer quando é que essa diminuição ocorrerá e qual será seu efeito sôbre a economia de um modo geral. Os economistas do govêrno estão procurando achar indícios de expansão em outras indústrias que contrabalancem essa esperada diminuição na manufatura de automóveis.

Preços agrícolas: Em meados de Março, os preços dos produtos agrícolas estavam 0,4% mais baixo do que os do mês anterior, tendo influido nesse declí-

nio os preços mais baixos dos alimentos e do algodão. Os preços declinaram muito em relação ao ano de 1951, estando agora num nível 24% inferior ao daquele ano. Êsse declínio nas rendas dos lavradores e criadores constitui uma das grandes preocupações da Administração Federal, acrescendo-se o fato de que êsse declínio se torna muito mais agudo em virtude do aumento dos preços dos produtos industriais e de outros gêneros que trabalhadores agrícolas têm que comprar.

Rendas individuais: Segundo informa o Departamento do Comércio, o total das rendas individuais em Fevereiro ascendeu à razão anual de ..... $292.400.000.000. Essa razão anual corresponde a um aumento de 2,8% ao ponto mai baixo em que a razão anual chegou, no recente período de retraimento das atividades econômicas do país, e é a mais alta até agora registrada. Os salários e os ordenados representam a maior parte do aumento, ao passo que outras rendas pessoais, como os dividendos, os juros e os alugueis, têm se mantido relativamente estáveis. O total das rendas pessoais no ano passado permaneceu notàvelmente estável no ano passado, declinando apenas de 0,8%, quando as atividades econômicas declinaram de uns 10%. Se continuar o aumento atual das rendas individuais, o poder aquisitivo dos consumidores terá mais uns ..... $8.000.000.000 no ano corrente.

Mercado de valores: Os preços médios das ações industriais recobram cêrca de 75% das perdas sofridas nos recentes declínios, e o mercado parece ter entrado um período de consolidação nos níveis presentes. Estiveram ativas as transações relacionadas com as indústrias de extração mineral, notando-se um aumento em muitas ações, em consequência de um aumento de 3 cents por libra no preço dêsse metal. Registrou-se uma certa quantidade de liquidações nesse período, ao aproximar-se a data final para pagamento dos impostos sôbre as rendas, no dia 15 de Abril corrente. O volume das transações continuou de certo modo reduzido, aguardando-se a confirmação de uma tendência mais definitiva nas atividades do Mercado da Bôlsa.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos gerais: A notícia mais importante desta semana foi a de que o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Dr. Eugenio Gudin, e o Gerente da Fereración Nacional de Cafeteiros de Colombia, Dom Manuel Mejia, chegaram a um acôrdo a respeito dos meios pelos quais poderão ser evitadas as flutuações anormais dos preços do café, mantendo-se os mesmos dentro de limites razoàvelmente estáveis. Os têrmos dêsse acôrdo, segundo consta, serão submetidos à consideração dos demais países produtos de café da América Latina, não sendo conhecidos ainda os detalhes do referido acôrdo. Essa notícia se refletiu no mercado de maneira favorável, mostrando-se mais firmes os preços. Mas na têrça-feira, como o pedido de demissão do Dr. Gudin, o mercado a têrmo teve uma decaída, especulando-se sôbre o sucessor do ministro demissionário e a orientação que o mesmo seguirá em relação com a política do café. Comentando essa situação, o Sr. Horacio Cintra-Leite, Representante do Instituto Brasileiro do Café em Nova York, declarou que, sem dúvida nenhuma, qualquer Ministro da Fazenda levará adiante uma política do café que será firme. O Sr. Cintra-Leite acrescentou que havia recebido confirmação, do Brasil, de que o acôrdo realizado no Rio, entre o ex-Ministro e o Sr. Mejia, não seria afetado de maneira nenhuma pela demissão do Dr Gudin. Disse mais o Sr. Cintra-Leite

que os diminutos estoques de café verde nos Estados Unidos constituem uma verdadeira advertência, uma vez que êsses estoques são atualmente de 1.500.000 sacas apenas, ao passo que eram de 4.287.000 sacas há um ano — o que representa um declínio de 65%. Em declarações feitas à imprensa, o Sr. Mejia confirmou o ponto de vista expresso pelo Sr. Cintra-Leite, de que a saída do Dr. Gudin do Gabinete não afetaria o acôrdo a que haviam chegado no Rio, dizendo que as discussões levadas a efeito foram inteiramente aprovadas pelo Presidente Café Filho e pelos dirigentes do Instituto Brasileiro do Café. O Sr. Mejia afirmou estar seguro de que os líderes brasileiros se manteriam firmes em relação ao plano que se realizará em conjunto sôbre o problema do café. Disse mais que o problema do café, nas nações produtoras, é demasiado importante para que dependa de qualquer indivíduo, e que, por essa razão, o acôrdo a que se chegou no Rio não será alterado pela demissão do Dr. Gudin. Outra notícia de destaque, nesta semana, foi a de que, no dia 2 do corrente, a Comissão Federal de Comércio confirmou o acôrdo a que haviam chegado os representantes da Comissão e a Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York, no sentido de que seriam ampliados os Contratos da Bôlsa, no mercado a têrmo. Essa confirmação era aguardada, fazendo-se agora os preparativos na Bôlsa para pôr em vigor o acôrdo.

Mercado a têrmo: Os preços em geral subiram, desde o dia 28 de Março, depois da eliminação da posição de Março de 1955, mas na têrça-feira, com a demissão do Dr Gudin, houve um brusco declínio no mercado a têrmo. No dia 28 de Março, a posição de Maio fechou com 53,88 cents e na segunda-feira passada fechou com 56,05 cents, mas na têrça-feira baixou para 54,05 cents... Na sexta-feira, os preços registraram ganhos de 15 a 200 pontos, com 439 lotes negociados. O movimento de ascenção continuou na segunda-feira, com ganhos de 90 a 198 pontos na posição de Maio e na posição de Julho e 200 pontos em tôdas as outras, com 454 lotes negociados. Na têrça-feira, o mercado abriu com perdas de 38 a 93 pontos e, com a notícia da demissão do Dr. Gudin, tôdas as posições baixaram ao limite de 200 pontos, sendo negociados 335 lotes. Na quarta-feira, ontem, a posição de Maio ganhou 75 pontos, mas as outras tiveram baixas de 86 a 155 pontos. Foram vendidos 480 lotes. Do fechamento da quinta-feira passada ao fechamento de ontem, a posição de Maio baixou 20 pontos, mas as outras posições ganharam de 40 a 60 pontos, tensdo sido negociados nêsse período 1708 lotes. Durante a semana anterior, foram negociados 1049 lotes.

Mercado de físicos: Compras para substituição de estoques e firmeza nos preços — eis as duas características na sexta-feira e na segunda-feira. As atividades diminuiram na têrça-feira, com a demissão do Dr. Gudin. Os Santos 4 foram cotados ontem a 58 cents e os colombianos a 59 1/2cents.

Última hora: Ao se abrir o mercado, esta manhã, o número de lotes dependendo de entrega era de 2.770; na manhã da quinta-feira passada, era de 2.989. Os preços estavam entre 20 pontos acima e 60 pontos abaixo, em relação aos preços do fechamento de ontem.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ PELO BRASIL E PELA COLÔMBIA:

	Semanas	*Destinos principais*			
	terminadas em:	*U.S.*	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL(*)	2-4-55	140,000	80,000	10,000	230,000
	26-3-55	78,000	72,000	12,000	162.000
	3-4-54	217,000	97,000	13,000	327.000

COLÔMBIA (")	2-4-55	89,042	7,908	879	97,829
	26-3-55	36,609	13,408	882	50,899
	3-4-54	105,953	7.981	3,284	117,218

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*Países de origem* *BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
2-4-55				
26-3-55	65,540	154,974	27.114	247,628
3-4-54	91,205	109,749	83,283	284,237

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	*2-4-55*	*26-355*	*3-4-54*
BRASIL (*)	Santos	1,890,000	1,936,000	1,750,000
	Rio	95,000	186,000	371,000
	Vitória	109,000	121,000	115,000
	Paranaguá	238,000 (°)	337,000 (%)	596,000 (&)
	Pernambuco	18.000	20,000	18,000
	Bahia	18,000	16,000	22,000
	Angra dos Reis	22,000	22,000	17,000
	TOTAL	2,390,000	2,638,000	2,889,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	43,068	46,730	85,928
	Cartagena	57,201	56,423	36,880
	Buenaventura	44,092	80,492	49,328
	Cúcuta	162,506	158,693	46,835
	TOTAL	306,867	342,338	218,971

(*) Bôlsa de Café de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(°) 183,000 livres e 55,000 retidos.
(%) 257,000 livres e 80,000 retidos
(&) 570,000 livres e 26,000 retidos.

TOTAL DO CAFÉ IMPORTADO PARA CONSUMO NOS E. UNIDOS

Janeiro 1954 e Janeiro 1955 — Comparado
(Sacas de 60 quilos ou 132.276 libra pêso)

Países de origem:	*Janeiro 1945*	*Janeiro 1955*	*Porcentagem sôbre importação total Jan.-54*	*Jan.-55.*	*Diferença para + ou — sôbre Janeiro de 1954 Volume*	*Percent.*
Hemisfério Ocidental						
Escritório Pan Americano de Café						
Brasil	965.672	545.136	42.5	32.2 —	420,536 —	43.5
Colômbia	456,841	383,481	20.1	22.7 —	73,360 —	16.1
México	161,152	159,427	7.1	9.4 —	1,725 —	1.1
El Salvador	233,855	208,887	10.3	12.4 —	24,968 —	10.7
Guatemala	137,504	82,587	6.1	4.9 —	54,917 —	39.9
Venezuela	49,578	29,961	2.2	1.8 —	19,617 —	39.6
Republica Dominicana	87,417	37,107	3.8	2.2 —	50,310 —	57.6
Equador	15,862	26,974	0.7	1.6 +	11,112 +	70.1
Costa Rica	15,395	25,656	0.7	1.5 +	10,261 +	66.7
Honduras	—	1,015	—	0.1 +	1,015 +	—
Cuba	—	—	—	—	—	—
Total do Escrit. Pan Americano do Café	2,123,276	1,500,231	93.5	88.8 —	623,045 —	29.3

Outros do Hemisfério Ocidental

Nicaragua	19,757	16,136	0.9	1.0	—	3,621	— 18.3
Haití	27,056	15,247	1.2	0.9	—	11,809	— 43.6
Peru	3,783	7,178	0.2	0.4	+	3,395	+ 89.7
Indias Ocidentais Britânicas	306	619	—	—	+	313	+ 102.3
Panamá	1,149	—	—	—	—	1,149	+ 100.0
Bolívia	—	154	—	—	+	154	+ —
Chile	—	512	—	—	+	512	+ —
Canadá	—	3	—	—	+	3	+ —
Total	52,051	39,849	2.3	2.3	—	12,202	— 23.4
TOTAL do Hemisfério Ocidental	2,175,327	1,540,080	95.8	91.1	—	635,247	— 29.2

ÁFRICA

África Portuguesa	39,837	28,535	1.8	1.7	—	11,302	— 28.4
Etiópia	22,650	17,070	1.0	1.0	—	5,580	— 24.6
África Francesa e Madagascar	—	20,037	—	1.2	+	20,037	+ —
África Oriental Britânica	13,181	13,836	0.6	0.8	+	655	+ 5.0
Congo Belga	9,112	63,648	0.4	3.8	+	54,536	+ 598.5
União Sul Africana	—	17	—	—	+	17	+ —
Total da África	84,780	143,143	3.8	8.5	+	58,363	+ 68.8

ÁSIA E OCEANIA

Indonésia	5,680	483	0.2	—	—	5,197	— 91.5
Arábia..	4,664	6,376	0.2	0.4	+	1,712	+ 36.7
Índia	—	365	—	—	+	365	+ —
Ásia Britânica	—	267	—	—	+	267	+ —
Total Ásia Britânica	10,344	7,491	0.4	0.4	—	2,853	27,6
Total da importação	2,270,451	1,690,714	100.0	100.0	—	579,737	25.5

Importação das principais origem

Brasil	965,672	545,136	42.5	32.2	—	420,536	43.5
Colômbia	456,841	383,481	20.1	22.7	—	73,360	— 16.1
Outro Hemisfério Ocidental	752,814	611,463	33.2	36.2	—	141,351	— 18.8
	95,124	150,634	4.2	8.9	+	55,510	+ 58.4
Total da importação	2,270,451	1,690,714	100.0	100.0	—	579,737	25.5

Fonte: Dados básicos do Dep. de Comércio dos Estados Unidos.

N.º 928 CARTA SEMANAL DO MERCADO 15 de Abril de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: Os índices econômicos, em sua maioria, especialmente os da produção da indústria pesada, continuam a mostrar no momento tendências favoráveis. Acumulam-se, entretanto, os indícios de que em breve começará a ser notada uma baixa na produção de automóveis e na construção de casas — dois elementos básicos da grande prosperidade econômica que se vem observando nos Estados Unidos desde o verão do ano passado. A produção de automóveis, quebrando os récordes de Janeiro e Fevereiro, correspondeu a uma média anual de 9 milhões de carros, em Março. A Junta Federal de Reserva, em seu relatório anual sôbre as finanças dos consumidores, diz que talvez sejam comprados tantos automóveis novos êste ano como no ano passado (foram vendidos cêrca de 5 milhões de carros novos em 1954) e que, por conseguinte, a produção de autos declinará antes do fim do ano. Por outro lado, os últimos três meses tem diminuido contìnuamente o número das construções de casas particulares, fato que não se destaca muito porque as construções feitas nêsse período excedem em número as do mesmo período do ano passado. Se o declínio continuar na mesma proporção, o total das construções em 1955 será um pouco menor do que o de 1954, que foi de 1.216.000 casas. Muitos economistas se preocupam com êsse aspectos da economia, especialmente porque, como consequência da depressão de 1930, é menor o número das famílias que se formam nesta geração.

Crédito: Tornando-se mais curtos os prasos para os empréstimos, os juros se elevaram, como se vê dos créditos comerciais e das obrigações do Tesouro. O último aumento dos juros foi de 1/8 de 1%, tendo havido outro pouco antes, no fim de Março. Os créditos para compras continuam a ser maiores que os dos períodos semelhantes no ano passado, sendo o total dêsses créditos ..... $29.500.000.000, no fim de Fevereiro. Essa quantia foi um pouco inferior à do fim de Janeiro, mas $1.400.000.000 inferior à do fim de Fevereiro de 1954. Durante Fevereiro dêste ano, foi muito menor o total das compras de pagamento imediato do que o total das compras feitas a prestações.

Comércio varejista: Em 1954, as lojas de comestíveis vendidos a varejo tiveram um aumento de 6,2% em relação às vendas de 1953. Foi êsse o maior aumento no setor do comércio varejista, tendo diminuido as vendas dos revendedores de automóveis, dos grandes armazéns e das lojas e "5 & 10". As lojas de cadeias tiveram 36,3% das vendas totais de comestíveis, e os "supermarkets" 53,5%.

Balanças de pagamentos: O total do valor das mercadorias exportadas e dos serviços fornecidos ao estrangeiro (com exclusão dos de caráter militar) em 1954 foi de $17.600.000.000, o que representa um aumento de 4% em relação ao total do ano anterior, segundo dados do Departamento do Comércio. Êsse aumento, num período de moderado declínio no consumo do mercado norte-americano, serviu de estimulante para a economia nacionad em 1954. Tendo baixado as importações para $15.800.000.000 (em 1953 foram de $16.000.000.000), devido à diminuição da produção industrial, o balanço das exportações por sua vez aumentou de $1.800.000.000, quando havia baixado para $500.000.000 em 1953. As reservas dos países latino-americanos, na segunda metade do ano

passado, se tornaram relativamente menores, por causa da desvantajosa situação das suas moedas em relação ao dólar.

Mercado de valores: O mercado da Bôlsa registrou um novo récorde nos preços das ações, na têrça-feira desta semana, excedendo o nível máximo alcançado em 4 de Março. As ações que tiveram maiores altas foram as da emprêsas industriais e as das Estradas de Ferro, aumentado-se também as médias dos preços das ações em conjunto. Nas transações realizadas na Bôlsa de Nova York, esta semana, foram vendidas 2.770.000 ações — sendo essa a quinta semana de aumento consecutivo. Houve aumentos nas ações de 627 companhias, num total de 1.208 companhias, e baixas nas ações de 360 companhias, permanecendo inalterados os preços das ações de 241 companhias.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

NOTA: Com o objetivo de se evitar qualquer interpretação errônea das notícias apresentadas nesta seção da Carta Semanal, reafirmamos o seguinte: As informações dadas aqui são reproduzidas de outras publicações e consideradas pelo Bureau como de interêsse para a indústria do café em geral, nos países associados ao Bureau, e o fato de que tais informações algumas vezes revelem a existência de uma situação desfavorável aos interêsses do café nos referidos países não pode ser interpretado, sob forma nenhuma, como uma aprovação, direta ou implícita, por parte do Bureau, tal situação. As notícias são publicadas sem comentários, porque a Carta Semanal é exclusivamente informativa, e porque o Bureau julga que a indústria do café, nos países membros dessa Organização, está perfeitamente capacitada para interpretar, na devida forma, as informações que nesta seção transcrevemos.

Declarações do Sr. Holland: O Sr. Henry F. Holland, Secretário de Estado Assistente, encarregado dos negócios da América Latina, em artigo sôbre a política comercial dos Estados Unidos, salientou que os preços do café chegaram ao seu mais alto ponto em 1954, com 96,5 cents a libra, e agora estão em 58 cents a libra. "Os produtores de café", disse o Sr. Holland, "não sòmente tiveram que se ajustar a essa baixa de 40% no transcurso de um ano como se encontram atualmente apreensivos, receando que o declínio dos preços deixe de estimular o consumo do produto e que, assim, a produção, relativamente maior do próximo ano, não seja absorvida pelo mercado. Os produtores de café e os govêrnos dos países produtores se acham, e com razão, preocupados. Nossos exportadores, que têm, nos países produtores de café, excelentes fregueses, também se acham preocupados". O Secretário-Assistente declarou que os países produtores de café no Hemisfério Ocidental, por ocasião da Conferência realizada no Rio de Janeiro, no ano passado, estavam interessados em saber se não seria desejável tomar medidas no sentido de se impôr limitações às flutuações dos preços do café, em benefício tanto dos produtores como dos consumidores. "Em geral", afirmou o Sr. Holland, "nossa política tem sido a de depender nas fôrças normais da oferta e da procura no mercado, para que as mercadorias negociadas internacionalmente se mantenham em níveis de preços apropriados. Apesar disso, nossa Delegação no Rio de Janeiro concordou em os Estados Unidos participassem de um estudo da situação do café, com vistas a uma

possível solução para as flutuações dos preços, na escala em que observamos durante o ano passado".

Conferência da FEDECAME em San Juan: Segundo despacho de San Juan, Pôrto Rico, os quatorze países hispano-americanos produtores de café do Hemisfério Ocidental reunidos naquela cidade, na conferência convocada pela FEDECAME (Federación Cafetera de la America Central, el Caribe y México), assinaram no dia 13 do corrente uma Resolução, para a criação imediata de um Bureau Internacional do Café. Êsse Bureau Internacional armazenará uma "reserva" de emergência, conseguida mediante uma porcentagem proporcional das safras de café dos países membros, depois de satisfeita a procura normal do consumo mundial, segundo declara a referida Resolução.

O "Dia do Café" em Washington: O "Dia do Café", proclamado oficialmente no dia 11 do corrente pela União Pan-Americana não só foi um grande sucesso na capital como teve uma excelente repercussão na imprensa do país. O "Washington Post", por exemplo, observando que agora há mais uma data especial no calendário, o "Dia do Café", elogia o Mostruário apresentado oficialmente pelo Sr. Roberto Aguilar, e recorda aos seus leitores alguns dos aspectos mais importantes da indústria do café: "O café foi, no ano passado, o maior item isolado de importação dos Estados Unidos, e os países latino-americanos, por sua vez, compraram artigos norte-americanos no valor de muitos milhões de dólares. Êsse aspecto complementar do comércio do café acha-se demonstrado no Mostruário, por meio de um sistema de luzes de diagramas, que indicam o contínuo intercâmbio das transações entre os portos dos Estados Unidos e da América Latina, ademais de outros pontos de significação, tais como os seguintes; a) um pé de café produz anualmente o bastante para se conseguir uma libra de café torrado; b) são necessários 52 pés de café para suprir a uma família norte-americana do café que ela consome durante um ano".

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ PELO BRASIL E PELA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos principais U.S*	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL(*)	4-9-55	120.000	25,000	14,000	159,000
	4-2-55	140,000	80,000	10,000	230,000
	4-10-54	157.000	100,000	20,000	277,000
COLÔMBIA(")	4-9-55	30,889	10,456	---	41,345
	4-2-55	89,042	7,908	879	97,829
	4-10-54	84,515	1,283	---	85,798
	Dados do mês				
BRASIL(*)	Março 1955 (&)	490,000	369,000	64,000	923,000
	Fev. 1955	795,000	297,000	53,000	923,000
	Março 1954	228,000	447,000	167,000	1,409,000
COLÔMBIA(")	Março 1955	323,938	44,984	5,558	374,480
	Fev. 1955	249,357	47,463	7,290	304,110
	Março 1954	370,680	89,824	3,013	463,517

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	*9-4-55*	*2-4-55*	*10-4-54*
BRASIL (*)	Santos	1,824.000	1,890.000	1,723.000
	Rio	136,000	95.000	375,000
	Vitória	112,000	109,000	111,000
	Paranaguá	228,000 (°)	238,000 (%)	547,000 (")
	Pernambuco	20,000	18,000	20,000
	Bahia	18,000	18,000	22,000
	Angra dos Reis	27,000	22,000	17,000
	TOTAL	2,365,000	2,390,000	2,815,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	47,928	43,068	66,638
	Cartagena	59,018	57,201	27,269
	Buenaventura	73,942	44,092	111,189
	Cúcuta	165,085	162,506	43,984
	TOTAL	345,973	306,867	249,080

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:

Semanas	*Países de origem*			
terminadas em:	*BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
9-4-55	34,665	163,715	37,264	235,644
2-4-55	53,096	158,953	31,621	243,670
10-4-54	96,994	101,167	79,371	277,532

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(&) Sujeito à correção.
(°) Livres.
(%) 183,000 livres e 55,000 retidos.
(") 546,000 livres e 1,000 retidos.

MERCADO DO CAFÉ

Dia do Café: O Embaixador José A. Mora, Presidente do Conselho da Organização de Estados Americanos, proclamou oficialmente o "Dia do Café" (11 de Abril) como parte da semana de celebrações em comemoração do 65.º aniversário da Primeira Conferência Inter-Ameicana, realizada em Washington, em 1890. O Bureau Pan-Americano do Café, em cooperação com a União Pan-Americana, deu grande atenção a publicidade à observância dessa data, destacando-se a inauguração, no Dia do Café, do Mostruário do Bureau, no edifício da União Pan-Americana. O Sr. Roberto Aguilar T., Segundo Vice-Presidente do Bureau, presidiu à cerimônia da inauguração do Mostruário.

O novo Ministro da Fazenda do Brasil e o Café: O Ministro José Maria Whitaker declarou nesta quarta-feira, ao tomar posse do seu cargo, que não haveria mudanças imediatas na política econômica e cambial do Brasil, mas que, dadas as dificuldades em que o país atualmente se encontra, êle se comprometia

a fazer tudo para combater a inflação e liberalizar o sistema de câmbio do Brasil. O novo Ministro observou que seria relativamente fácil abolir os contrôles de câmbio em relação à maioria das exportações, mas que isso seria muito difícil em relação ao café, diante das repercussões que uma mudança súbita teria nos mercados estrangeiros. (O Ministro refere-se ao fato de que, os contrôles do câmbio fôssem removidos, o valor do Cruzeiro sofreria um reajustamento, voltando ao seu nível "natural", o queteria um severo efeito sôbre o café). O Sr, Whitaker prometeu estudar detalhadamente o problema e consultar com as partes interessadas, antes de se tomar qualquer decisão.

Conferência da FEDECAME: Essa conferência, depois de dez dias de trabalhos, na cidade de San Juan, foi encerrada ontem, e os seus resultados serão conhecidos na próxima semana.

Mercado de café em Amsterdam e Rotterdam: O mercado a têrmo dessas cidades depois de estar cerrado durante 15 anos, será aberto novamente dentro de algumas semanas. O Contrato será de 7.500 quilos, baseado em grãos chatos de padrão superior.

Mercado a têrmo: Na quinta-feira passada, os preços subiram de 35 a 90 pontos, num total de 169 lotes vendidos. Os preços subiram mais na quinta-feira, com 30 pontos a mais na posição de Maio e de 100 a 180 pontos a mais nas outras posições, com 193 lotes negociados. Na têrça-feira, houve um avanço de 5 a 30 pontos, em 263 lotes negociados. Na quarta-feira, registrou-se primeiro uma queda de 100 a 200 pontos, mas os preços voltaram a melhorar em parte e ao fechamento a baixa era só de 35 a 115 pontos, num volume de 360 lotes vendidos. Ontem, quinta-feira, os preços subiram de 25 a 42 pontos, sendo negociados 213 lotes. Do fechamento da quinta-feira passada até o fechamento de ontem, os preços subiram de 65 a 195 pontos, e o total dos lotes de café vendidos nesse período foi de 1.198, ao passo que o total da semana anterior foi de 1.708 lotes.

Mercado de físicos: Êsse mercado se manteve firme nesta semana, com bons negócios. Um aspecto notável observado nesse mercado foi o do aumento dos preços dos cafés colombianos e, em menor escala, dos outros cafés "lavados". Na quinta-feira, dia 7 de Abril, os colombianos estavam sendo vendidos de 59 1/4 a 59 1/2 cents, mas ontem estavam cotados a 62 cents e a mais. Os Santos 4 estavam cotados ontem nos arredores de 58 cents.

Última hora: O mercado a têrmo abriu esta manhã com ganhos de 25 a 69 pontos, em relação ao fechamento de ontem. O número de lotes dependendo de entrega era de 2.778, ao passo que o da sexta-feira passada pela manhã era de 2.770.

N.º 929 CARTA SEMANAL DO MERCADO 22 de Abril de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: A produção de mercadorias e de serviços durante o primeiro trimestre de 1955 foi a maior observada até hoje em qualquer período semelhante. De acôrdo com os dados do Conselho de Assessores Econômicos do Presidente Eisenhower, o valor total da produção e dos serviços nesse primeiro trimestre corresponde a uma média anual de 369.000.000.000 de dólares, a qual quase iguala a mais alta média anual dos trimestres de 1953, o segundo trimestre, de 371.000.000.000 de dólares. As estimativas preliminares, segundo a mesma fonte, indicam que não houve mudanças nos estoques comerciais e industriais

no transcurso do primeiro trimestre de 1955, ao passo que se verificou um declínio nos estoques durante todo o ano de 1954. O recorde das compras dos consumidores foi também o maior no primeiro trimestre dêste ano, com uma média anual de 242.000.000.000 de dólares, destacando-se as compras de mercadorias do gênero denominado "durável", como automóveis, geladeiras etc.. Embora a média anual das construções venha decaindo desde Dezembro, a atividade dêsse setor também registrou aumentos no primeiro trimestre de 1955, e a procura de materiais resultante dêsse aumento das construções serviu para contrabalançar o recente declínio em compras de equipamentos pesados. A diminuição também das despesas do govêrno federal, durante o primeiro trimestre, foi mais do que compensada pelo acréscimo das despesas dos govêrnos estaduais e municipais. O total líquido dos investimentos no estrangeiro continuou na base anual de 3.200.000.000 de dólares, a mesma do último trimestre de 1954.

Crédito: Persiste a tendência do aumento dos juros, iniciada nos fins do ano passado. A Junta da Reserva Federal reconheceu o aumento recente nos juros dos empréstimos, ao aprovar um aumento também na taxa de desconto, para 1 3/4%, de oito dos 12 Bancos da Reserva Federal. Êsse aumento, de 1/2% para os empréstimos de curto prazo, teve como efeito escassear um pouco mais os créditos disponíveis, os quais são necessários aos bancos nos breves períodos de baixas reservas em seus fundos. Por outro lado, a obtenção de créditos se tornou mais estrita esta semana, com os juros mais altos para os empréstimos comerciais, os quais são procurados em geral pelos bancos estrangeiros e largamente usados nas transações internacionais.

Mão de obra: Está aumentando o número das pessoas ocupadas, muito embora em proporção inferior ao aumento da mão de obra potencial do país. Calcula-se atualmente (Bureau of Labor Statistics) em 60.500.000 o número de pessoas empregadas, o que representa um acréscimo de 375.000 em relação ao mesmo período do ano passado. Mas, com a terminação do semestre escolar, haverá um aumento no número de pessoas em busca de trabalho, criando-se, assim, um ligeiro "excesso" da mão-de-obra disponível.

Mercado da Bôlsa: Estimulado pelos relatórios favoráveis das atividades comerciais e de substanciais lucros nas indústrias básicas da economia do país, o mercado registrou consideráveis ganhos durante nove dias consecutivos, havendo então uma pausa para a venda de ações e obtenção de lucros. Fato que indica a firmeza da Bôlsa é o de que o pagamento do impôsto sôbre as rendas não teve uma influência adversa no mercado. Os ganhos se observam numa grande variedade de combinações de ações, destacando-se, sucessivamente, os aumentos nas ações das estradas de ferro, das companhias de borracha e de aço. No começo desta semana, a média geral dos aumentos alcançou o ponto mais alto observado desde 18 de Outubro de 1929. O Presidente do Comitê Bancário e Monetário do Senado, Senador Fulbright, advertiu que o mercado se encontra novamente num período perigoso de atividade de especulação.

O MERCADO DO CAFÉ

Foi bastante firme a procura de café no mercado de físicos, embora o interêsse não fôsse particularmente intenso pelo café no mercado a têrmo, na semana que ora termina. Em geral, o mercado do café refletiu uma atmosfera de otimismo, em consequência das propostas feitas na Conferência da FEDECAME

em San Juan para o estabelecimento de um bureau internacional do café, para a expansão dos mercados do café e para a consecusão de medidas de estabilização dos preços. Tendo alguns observadores comentado, porém, que bastante tempo transcorreria até que tais propostas se convertessem em realidade, o mercado a têrmo declinou e o mercado de físicos também revelou certa debilidade.

Mercado a têrmo: Durante a semana que terminou na quinta-feira, foram negociados apenas 737 lotes de café, a têrça parte dos quais da posição de Maio. Houve uma grande quantidade de liquidações na posição de Maio, em antecipação do primeiro dia de aviso de entrega para o dito contrato. Apesar de certa debilidade, no meio da semana, o mercado a têrmo fechou a semana com ganhos de 2 a 18 pontos. Na sexta-feira, o mercado mostrou mais firmeza, fechando com avanços de 40 a 80 pontos, em 222 lotes negociados. Apesar das liquidações na posição de Maio, houve bastantes compras para coberturas, o que mais do que compensou as liquidações. Na segunda-feira, o mercado abriu firme, mas sofreu uma reação para pior durante o dia e fechou com preços inalterados e 40 pontos acima, num volume de 183 lotes negociados. Houve mais liquidações da posição de Maio, na segunda-feira. Na têrça-feira, os preços baixaram com as vendas feitas para a realização de lucros, e o mercado fechou com perdas de 25 a 80 pontos. O volume de lotes negociados foi diminuto, apenas 114 lotes. Na quarta-feira, as atividades declinaram ainda mais, sendo negociados apenas 113 contratos, fechando-se o mercado com perdas de 20 a 38 pontos. Ontem, quinta-feira, o mercado registrou ganhos de 10 a 21 pontos, mas foram negociados apenas 104 lotes.

Mercado de físicos: O mercado de físicos, que mostrou certa firmeza na semana anterior, continuou firme nesta semana. Os colombianos foram vendidos, segundo se informa, a 64,60 cents, na segunda-feira, aumentando a procura de cafés da América Central à medida que avançava o preço dos colombianos. Apesar da firmeza dos preços, o mercado esteve relativamente pouco ativo. Especulava-se nos círculos comerciais, constando que os torradores tinham começado a comprar para fazer estoques, mas tal não foi confirmado, uma vez que as compras feitas pelos torradores diminuiram. Em consequência de uma greve de curta duração, em Nova York, que demorou a entrega de uma certa quantidade de café, concorreu para intensificar o sentimento de otimismo produzido pelos acontecimentos da Conferência de San Juan, notando-se no mercado uma atividade um pouco maior. Os Santos 4 estão agora cotados a 57,75 cents e os colombianos a 63,00 cents, mais ou menos.

Sub-Comitê da Comissão Especial do Café: O Sr. Andrés Uribe C., Presidente do Sub-Comitê da Comissão Especial do Café, declarou que o Sub-Comitê já realizou cinco reuniões, tendo já organizado um grupo de peritos, economistas e estatísticos para o estudo das tendências da produção mundial, das perspectivas de consumo e de outros problemas do café. O Sr. Uribe indicou que foi marcada uma data, no princípio do verão, para a apresentação de um relatório dos trabalhos do Sub-Comitê à Organização de Estados Americanos.

Última Hora: Os preços no mercado, esta manhã, estavam entre inalterados e 18 pontos acima, em relação ao fechamento de ontem. O número de lotes dependendo de entrega era de 2.614. O da semana passada foi de 2.778.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ PELO BRASIL E PELA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Destinos principais U.S	EUROPA	OUTROS	TOTAL
BRASIL (*)	16-4-55	187,000	117,000	2,000	306,000
	9-4-55	120,000	25,000	14,000	159,000
	17-4-54	83,000	74,000	63.000	220,000
COLÔMBIA (")	16-4-55	45.130	4,496	291	49,917
	9-4-55	30,889	10,456	—	41,345
	17-4-54	51,282	10,548	292	62,122

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	Países de origem BRASIL	COLÔMBIA	OUTROS	TOTAL
16-4-55	27,632	163,021	36,474	227,127
9-4-55	34,665	163,715	37,264	235,644
17-4-55	102,788	99,146	97,946	299,880

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 16-4-55	9-4-55	17-4-54
BRASIL (*)	Santos	1,873,000	1,824,000	1,754,000
	Rio	118,000	136,000	310,000
	Vitória	113,000	112,000	104,000
	Paranaguá	213.000 (°)	229.000 (%)	534.000 (%)
	Pernambuco	15,000	20,000	19,000
	Bahia	19,000	18,000	23,000
	Angra dos Reis	20,000	27,000	17,000
	TOTAL	2,371.000	2,365.000	2.761,000
COLÔMBIA (*)	Barranquilla	52.166	47.928	77.856
	Cartagena	60.192	59.018	34,833
	Buenaventura	73.108	73.942	127.653
	Cúcuta	167.000	165,085	43.136
	TOTAL	352,466	345,973	283,478

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(°) 210,000 livres e 3,000 retidos.
(%) Livres.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

Repercussões da Conferência da FEDECAME: No transcurso desta semana os jornais têm feito referências aos trabalhos da conferência convocada pela FEDECAME (Federación Cafetera de la America Central, El Caribe y México) e realizada em San Juan de Puerto Rico, com a participação de setenta delegados dos países produtores de café do Hemisfério Ocidental. Para informação dos nossos leitores, transcrevemos algumas das declarações publicadas pelo "Jornal of Commerce", de New York, referentes ao importante certame:

"O Secretário da Agricultura de Pôrto Rico, Sr. Ramon Colon Torres, concitou os Delegados a considerarem sèriamente a criação de uma organização

com a finalidade de remover as incertezas prevalecentes no passado no mercado do café, dizendo que "a estabilidade é tão valiosa para os produtores como para os consumidores, porque o consumo é o problema confrontado atualmente pela indústria do café".

"O Presidente da Fedecame, Sr. Rudolfo Stahl, da Guatemala, afirmou que os membros da dita entidade estavam ansiosos para cooperar com o Brasil e a Colômbia, com o fim de se retornar a um mercado do café estabilizado, o que é tão necessário aos produtores."

O Sr. Horácio Cintra-Leite, Presidente do Bureau Pan-Americano do Café, em declarações feitas à United Press, em Pôrto Rico, disse que os norte-americanos bebem um café muito fraco e deviam aprender a fazer café forte. O Sr. Cintra-Leite concitou a indústria do café a auspiciar em conjunto um programa eficiente de propaganda, com o objetivo de fazer os consumidores beberem mais café e café mais forte. No ano passado, disse o Sr. Cintra-Leite, as importações de café nos Estados Unidos baixaram de 12 a 15% e essa baixa talvez continue ainda por muitos meses, embora a resistência feita pelos consumidores tenha já começado a desaparecer. Concitando também a adoção sem demora de verbas mais adequadas à propaganda do café, através do Bureau Pan-Americano do café, o Sr. Cintra-Leite afirmou que muitas das dificuldades atuais se devem aos esforços de propaganda dos torradores de café, os quais procuram apenas aumentar a venda das suas marcas individuais em lugar de concorrer para o aumento geral do consumo do produto, uma vez que essa propaganda individual tem tido o efeito de influenciar o público norte-americano, no sentido de beber café cada vez mais fraco".

(Nova York, Journal of Commerce, Abril, 1955)

Estabilização do mercado do café: Segundo informa o "Journal of Commerce, os torradores norte-americanos não estão preocupados com os planos de estabilização do mercado de café dos países produtores, uma vez que um tal programa levará muito tempo a tomar forma concreta. Nêsse sentido, comenta o jornal: "A propósito das propostas feitas para tal fim, o Sr. Horacio Cintra-Leite, Representante do Instituto Brasileiro do Café nos Estados Unidos, declara que um dos maiores objetivos colimados pelos produtores de café, em seus esforços conjuntos, é o de encontrar novos mercados para o seu produto. O Sr. Cintra-Leite frizou o fato de que o Bureau Pan-Americano do Café não deseja que ocorra uma escassez artificial do café: ao contrário, trabalhará para que haja um suprimento garantido para todos os mercados, num nível capaz de evitar qualquer alta brusca ou qualquer baixa brusca nos preços do café. O Sr. Cintra-Leite anunciou que o Sub-Comitê da União Pan-Americana examinou detalhadamente o plano para o proposto bureau internacional do café, e que o plano será também estudado pelos peritos dos países latino-americanos antes de ser aprovado, o que é em geral esperado. Mais tarde, serão convidados a participarem do plano os demais países produtores do resto mundo, inclusive os países europeus cujas colônias africanas cultivam o café".

(Nova York, Journal of Commerce, 21/Abril/1955)

O mercado dos EE. UU. e o da Europa: Uma firma de Londres, importadora de café, diz que, infelizmente, não há estatísticas disponíveis sôbre vários países da Europa, sôbre o café, mas é sabido que a Grã Bretanha, a Alemanha

a Suécia e a Dinamarca se acham no momento com grande falta de estoques, supondo-se que a baixa dos estoques na Europa é proporcional à que se observa no mercado dos Estados Unidos. É preciso tem em mente, diz a dita firma, que as importações européias são 50% das norte-americanas e que o declínio de estoques europeus foi de 1.500.000 sacas no período de um ano e o declínio dos estoques, no mundo inteiro, foi de 4.700.000 sacas, isto é, mais ou menos igual ao declínio da exportação do Brasil, de um ano para cá. O Brasil possui estoques que normalmente deveriam ser estoques dos países consumidores — e essa situação — essa falta de estoques — é uma situação perigosa para os países consumidores."

(G. G. Paton & Cia., Nova York, 18/Abril/1955)

N.º 930 CARTA SEMANAL DO MERCADO 29 de Abril de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: De acôrdo com o Departamento do Comércio dos Estados Unidos, as atividades econômicas do país estão agora quase alcançando o nível da primavera de 1953, quando se registrou o seu recorde de todos os tempos. Atribui-se essa intensidade renovada dos negócios ao grande volume de compras feitas pelos consumidores, notando-se um aumento tanto dos negócios como das compras, durante o mês de Março. Êsse aumento teve lugar apesar do contínuo declínio das despesas do Govêrno Federal e do fato de que a produção para a defêsa nacional tenham diminuido, embora em menor proporção. O Departamento do Comércio chama a atenção para o aumento de mão-de-obra observado no mês de Março, em que todos os setores industriais, exceto os da mineração e do comércio, aumentaram o número dos seus empregados, temporàriamente. Os aspectos desfavoráveis da economia, citados pelo Departamento, foram os seguintes: 1) declínio nas despesas com a defesa nacional; 2) o fato de que a renda dos lavradores e os preços agrícolas não partilharam da recuperação econômica; 3) o fato de que a recuperação econômica se processou mais entre os grandes manufatureiros industriais do que entre os pequenos.

Em Março, o índice da produção industrial da Junta da Reserva Federal registrou o seu máximo ponto desde agôsto de 1953. Tomando-se como base os dados atuais referentes à produção de automóveis e de aço (as usinas de aço estão sendo usadas na porporção de 96% da sua capacidade), é provável que o índice de Março seja excedido pelo de Abril.

Investimento industrial: Calcula-se que as emprêsas industriais gastem 3% mais êste ano do, que o ano passado em investimentos de produção, e que os ganhos dessas indústrias sejam de 5% mais do que os do ano passado, segundo dados fornecidos pela McGraw Hill Publishing Company, embora um estudo preliminar feito durante o outono passado parecesse indicar uma diminuição em lugar deum aumento nêsse investimento. As companhias industriais esperam um aumento de cêrca de 7% nas vendas de 1955 e um aumento de 21% no período de 1955/1958. Esperam, também, aumentar a sua capacidade de produção 5% em 1955 e mais 11% até o fim de 1958. O estudo da MacGraw Hill indica que 28% dos gastos totais de 1955 serão empregados nas construções e 72% na compra de equipamento novo. Consta também, a par dêsse estudo,

que as encomendas de máquinas-ferramentas alcançaram no mês de Março um novo recorde, com 26% acima do total do mês de Março de 1954. O aumento das compras de maquinismos dêsse tipo geralmente precedem uma nova expansão da capacidade industrial.

Custo de vida: Os preços das subsistências se mantiveram firmes em Março, como nos três meses precedentes, segundo erporta o U. S. Bureau of Labor Statistics. Foi êsse o mais longo período de estabilidade de preços observando desde o princípio da Segunda Guerra Mundial. O Índice do Custo de Vida, do Bureau, foi de 114.3(1947/49=100) em Março.

Relatórios das emprêsas industriais: Muitas corporações apresentam novos ganhos em seus relatórios, êste mês. A U. S. Steel Corporation teve um novo recorde de lucros no primeiro trimestre do ano, e espera fabricar 108 milhões de toneladas de aço durante 1955, o que corresponderá a uma produção com 85% da capacidade da companhia. O total dos lucros dessa emprêsa, no trimestre, foi de $72.500.000 líquidos — soma que excede a de qualquer outro trimestre. Outras companhias também revelam lucros, como a Yougstown Sheet and Tube, a Republic Steel e as mais importantes companhias de petróleo e outras grandes firmas do país.

Mercado de valores: A Bôlsa de Nova York registrou novos altos níveis esta semana, apesar do aumento impôsto nos depósitos para as transações — de 60 para 70%, desde o fim da semana passada. Destacam-se pelas sua firmeza os preços das ações das companhias industriais e ferroviárias. Na segunda-feira, o número de ações com preços em nível de recorde aumentou de 66 para 101. Os declínios foram poucos. Em conjunto, 50% das ações tiveram aumentos e cêrca de 33% tiveram declínios.

Aspectos gerais: Depois de um período em que os preços do café, no mercado a têrmo, tiveram variações relativamente normais, para mais ou para menos, ocorreu na quarta-feira um declínio máximo, de 200 pontos, ao ser anunciado que o Brasil, no ano de 1955/56, terá de 21 a 22 milhões de sacas disponíveis para a exportação. Essas cifras, contidas em um relatório não oficial, incluem um "carry over" calculado em 5.300.000 sacas em 30 de Junho, bem como o café registrado para 1955/56, no total de 16 a 17 milhões de sacas. Com tal volume de café disponível, declara o mesmo informe, os preços baixarão, a menos que sejam tomadas certas medidas, inclusive a de reter o Govêrno os estoques que se acham em suas mãos e não lançá-los no mercado. Na quinta-feira, o Ministro da Fazenda do Brasil anunciou que o Instituto Brasileiro do Café tinha suspendido as compras de café no restante do ano agrícola, por ter comprado já o bastante para equilibrar a oferta e a procura, achando-se os estoques de café expotável já suficientemente diminuidos, e assim não se justifica a continuação das compras do café, por parte do IBC. O Ministro também declarou que tem a intenção de continuar a política atual do café, de apôio dos preços do café em cruzeiros.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, os preços baixaram de 20 a 61 pontos, num volume de 152 lotes negociados. Na segunda-feira, porém, ocorreu o inverso, ganhando os preços de 30 a 49 pontos, em 115 lotes vendidos. O movimento de alta continuou na têrça-feira, com ganhos de 20 a 46 pontos, em 222 lotes vendidos. Na quarta-feira, os preços de tôdas as posições baixaram ao limite de 200 pontos, com exceção da posição de Maio, que, não tendo limite, baixou 235 pontos. O mercado fechou ontem com baixas de 40 a 200 pontos,

num volume de 470 lotes vendidos. Na semana que terminou ontem, quinta-feira, os preços baixaram de 235 a 402 pontos, ao passo que no mesmo período semanal anterior houve um aumento de 2 a 18 pontos. Nesses dois períodos, foram negociados, respectivamente, 1347 e 737 lotes.

Mercado de físicos: Durante esta semana não foram int ensas as atividades, embora os preços tenham se mantido relativamente firmes. Continuam em baixos níveis os estoques de café verde entre os torradores, estando no fim de Abril nos mesmos níveis em que se achavam no fim do mês de Março, isto é, nos arredores de 1.500.000 sacas. O diferencial entre o preço da posição de Maio, ontem, e o preço do Santos 4 na praça foi de 3,75 cents, aproximadamente, o primeiro fechando em 53,25 cents e o último em 57,25 cents. Os colombianos estavam sendo vendidos ontem a 63,25 cents.

Última hora: Esta manhã, os preços tinham baixado de 45 a 200 pontos, no mercado a têrmo, em relação ao fechamento de ontem. O número de lotes dependendo de entrega era, esta manhã, de 2.587, ao passo que na sexta-feira passada era de 2.614.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

O CAFÉ E A CULTURA: O café é um elemento social de primeira ordem; sendo o centro catalizador de reuniões mundanas, políticas e comerciais, como frequentemente nos informam os cronistas norte-americanos sempre com elogios para "a preciosa rubiácea", porque, substituindo as bebidas alcoólicas, o café se torna pràticamente o símbolo de funções sociais agradáveis e de carater proveitoso. Um aspecto, relativamente recente, nos Estados Unidos, das influências benéficas do café é o que se refere ao ambiente cultural que tão habitualmente se forma numa roda de café, em outros países, tanto da Europa como da América. A êsse propósito, citamos algumas observações feitas por um dos mais conhecidos críticos teatrais de Nova York, Robert Coleman, que escreve no New York Daily Mirror o seguinte:

"Os *Cafés* (chamados Coffee Houses) são relativamente novos nos Estados Unidos, o que é estranho, uma vez que têm sido "instituições" européias durante séculos, da Turquia à Alemanha e da Grécia à Inglaterra. David Garrick (famoso ator inglês) fêz seus primeiros contatos com o mundo do teatro nos cafés de Londres, os quais eram também assìduamente frequentados por outros eminentes, fregueses, como o Dr. Samuel Johnson, Joshua Reynolds, Oliver Goldsmith, William Hogarth, Henry Fielding e Charles Burney... E essas reuniões informais, à volta do "moka" e do "java", tiveram repercussões imortais no mundo da literatura e das artes. Assim, o estabelecimento de Cafés em Manhattan talvez contribua muito para o fomento artístico, co mo aparecimento de novas idéias para a literatura, para o teatro e para a pintura, entre os frequentadores dos Cafés, talvez assim até se inicie uma Renascença qualquer, pelo que nos deveríamos mostrar muito gratos... Aliás, as "Coffee Houses" de Manhattan — locais onde a gente solta a língua e acha incentivo intelectual — se encontram geralmente nas vizinhanças dos teatros, das salas de concêrtos e das galerias de arte — o que não pode ser explicado por simples coincidência, mas sim por uma sequência natural. Repitamos, portanto: possam os Cafés de Nova York trazer-nos alguns Garriks, Johnsons e Hogarths. Que era cultural não adviria!"

(New York Daily Mirror, 15 de Abril, 1955)

CAFÉ DO CONGO BELGA: Segundo informa a União dos Produtores de Café do Congo Belga, em seu recente Relatório Anual, continua em constante aumento o cultivo do café naquela colônia belga, em consequência do estímulo produzido pelos preços remuneradores dos últimos anos. O aumento total foi de 145.112 acres para 200.727 acres de terras cultivadas no Congo Belga para a produção de café, de 1948 para 1953, acreditando-se que em 1954 mais 20.000 acres tenham sido cultivados. Segundo o relatório mencionado, a exportação do Congo Belga e de Ruanda-Urandi, em 1954, foi de 573.183 sacas, no valor de $38.500.000, ao passo que a de 1953 foi de 565.783 sacas em 1953, no valor de $33.500.000. A exportação do café Robusta, do Congo Belga, para os Estados Unidos, aumentou de 42.650 sacas, em 1953, para 55.767 sacas em 1954. Essas cifras indicam que o café Robusta continua a ter grande aceitação entre os importadores norte-americanos, tanto para mesclas de café regular como para mesclas de café solúvel, especialmente pelo fato de que o Robusta é vendido com um preço diferencial de 12 centavos a libra.

A RONDA DO CAFÉ : No centro comercial de Filadelfia, o Banco "Pennsylvania Company" ocupa dois grandes edifícios, em que trabalham nada menos do que 1.200 bancários, os quais estão sendo servidos agora por um sistema especial da "Pausa para o Café", inaugurado pelo próprio Presidente do banco, Sr. William Day, o qual é de opinião de que êsse novo serviço de fornecimento de café e "acessórios" por meio de carrocinhas através das salas das instalações bancárias — contribui, entre outras coisas, para desfazer a atmosfera de demasiada austeridade do seu estabelecimento. Essa circulação democrática do café com biscoitos, em rondas regulares deve estimular tanto os negócios como a atenção dos empregados. Segundo o cronista Ruth Seltzac, que reporta essa inovação, o Presidente acha que o serviço está dando excelentes resultados. Não sabemos se êle se referia exclusivamente ao banco, mas diz a jornalista que só naquela manhã foram vendidas 700 chícaras de café entre os senhores e as senhoras que tão atentamente cuidam dos nossos cheques, dos nossos juros ou dos nossos depósitos e economias...

(Philadelphia Bulletin, Pensilvânia, 3 de Abril, 1955)

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ PELO BRASIL E PELA COLÔMBIA:

	Semanas	*Destinos principais*			
	terminadas em:	*U.S*	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	23-4-55	157,000	65,000	15,000	237,000
	16-4-55	187,000	117,000	2,000	306,000
	24-4-54	92,000	88,000	33,000	213,000
COLÔMBIA (")	23-4-55	64,315	7,997	3,909	76,221
	16-4-55	45,130	4,496	291	49,917
	24-4-54	92,970	7,693	50	100,713

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:

	Semanas	*Países de origem*			
	terminadas em:	*BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
	23-4-55	27,215	153,174	36,499	216,888
	16-4-55	27,652	163,021	36,474	227,147
	24-4-54	118,097	110,445	118,160	346,702

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	*23-4-55*	*16-4-55*	*24-4-54*
BRASIL (*)	Santos	1,778,000	1,873,000	1,808,000
	Rio	81,000	118,000	266,000
	Vitória	121,000	113,000	83,000
	Paranaguá	189,000 (°)	213,000 (%)	551,000 (&)
	Pernambuco	14,000	15,000	18,000
	Bahia	20,000	19,000	24,000
	Angra dos Reis	20,000	20,000	17,000
	TOTAL	2,223,000	2,371,000	2,767,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	39,672	52,166	75,993
	Cartagena	65,032	60,192	29,418
	Buenaventura	84,342	73,108	116,691
	Cúcuta	167,573	167,000	36,370
	TOTAL	356,619	352,466	258,472

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(°) 187,000 livres e 2,000 retidos.
(%) 210,000 livres e 3,000 retidos.
(&) 550,000 livres e 1,000 retidos.

Estatística

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr$ 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CÂMBIO
COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS — COFRES
DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina
Aeroporto de Congonhas (Capital)
Amparo
Andradina
Araçatuba
Araraquara
Araras
Atibaia
Avaré
Barretos
Batatais
Baúru
Bebedouro
Botucatú
Birigui
Bragança Paulista
Brás (Capital)
Caçapava
Campinas
Campos de Jordão
Casa Branca
Catanduva
Dracena
Franca
Gália
Guaratinguetá
Ibitinga
Itapetininga
Itapeva
Itú
Ituverava
Jaboticabal
Jaú
Jundiaí
Lençois Paulista
Limeira
Lins
Lucélia
Marília
Mirassol
Mogi-Mirim
Novo Horizonte
Olímpia
Ourinhos
Palmital
Penápolis
Pinhal
Piracicaba
Pirajuí
Pirassununga
Pompéia
Presidente Prudente
Presidente Venceslau
Quatá
Rancharia
Registro
Ribeirão Preto
Rio Claro
Santa Cruz do Rio Pardo
Santo Anastácio
Santos
S. Bernardo do Campo
São Carlos
São João da Bôa Vista
São Joaquim da Barra
São José do Rio Pardo
São José do Rio Preto
São Simão
Sorocaba
Tanabí
Taubaté
Tietê
Tupã

AGÊNCIA EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás
Goiania — "
Campo Grande — Mato Grosso
Natal — Rio Grande do Norte
Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Rio de Janeiro — Distrito Federal
Uberlândia — Minas Gerais

MATRIZ: Praça Antônio Prado, 6 — São Paulo — Caixa Postal, 789 — Endereço telegráfico: BANESPA

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XX | São Paulo, 15 de Abril de 1955 | N.º 352

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO

SAFRA 1954/1955

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estradas de Ferro	Julho/Fev.	1.ª dezena Março	2.ª dezena Março	3.ª dezena Março	Totais
Santos a Jundiaí	90 205	-	234	1 236	91 675
Sorocabana	600 243	1 343	2 418	9 122	615 126
Paulista	2 558 711	2 527	3 405	16 678	2 581 321
Mogiana	997 999	513	4 314	3 947	1 006 773
Araraquara	1 455 561	1 894	2 789	3 993	1 464 237
Noroeste do Brasil	1 068 611	6 495	6 852	11 987	1 093 945
Central do Brasil	3 295	—	-	184	3 479
Estradas de Rodagem	589	-		240	829
Total	**6 775 214**	**12 772**	**20 012**	**47 387**	**6 855 385**

NOTA: — Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferrov.	Rodov.	Ferrov.	Rodov.	
Meses Julho/fevereiro	43 378	217 475	930	5 963	267 746
1.ª dez. de março	120	13 886	—	-	14 006
2.ª dez. de março	—	9 955	—		9 955
3.ª dez. de março	254	16 093	—	—	16 347
Total	**43 752**	**257 409**	**930**	**5 963**	**308 054**
Dest. Alt. de Santos	1 383	—	—	—	1 383
Total geral	**45 135**	**257 409**	**930**	**5 963**	**309 437**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	Julho/Fev.	1.ª dezena Março	2.ª dezena Março	3.ª dezena Março	Totais
Paraná	132 115	—	—	x —	132 115
Minas Gerais	301 933	—	—	x 254	302 187
Goiás	x 107 142	x —	x 260	x 200	107 602
Mato Grosso	7 225	—	—	—	7 225
Espírito Santo	1 680	170	—	—	1 850
Total	**550 095**	**170**	**260**	**454**	**550 979**

x — Incompletos.

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

SAFRA 1954/1955 (até 31 de Março de 1955)

PAULISTA	Despachado	Liberado	Destino alterado cancelado	A liberar
1.ª dezena julho	791 135	791 135	—	—
2.ª " julho	684 403	684 403	—	—
3.ª " julho	889 768	889 768	—	—
1.ª " agôsto	660 245	660 245	—	—
2.ª " agôsto	804 632	804 632	—	—
3.ª " agôsto	745 414	722 999	—	22 415
1.ª " setembro	501 539	134 898	1 383	365 258
2.ª " setembro	409 399	—	500	408 899
3.ª " setembro	347 061	—	504	346 557
1.ª " outubro	142 472	—	—	142 472
2.ª " outubro	137 726	—	—	137 726
3.ª " outubro	119 991	—	—	119 991
1.ª " novembro	77 954	—	113	77 841
2.ª " novembro	97 499	—	310	97 189
3.ª " novembro	80 145	—	—	80 145
1.ª " dezembro	56 354	—	—	56 354
2.ª " dezembro	63 091	—	—	63 091
3.ª " dezembro	47 229	—	—	47 229
1.ª " janeiro	13 709	—	—	13 709
2.ª " janeiro	19 380	—	—	19 380
3.ª " janeiro	33 666	—	—	33 666
1.ª " fevereiro	18 850	—	—	18 850
2.ª " fevereiro	15 123	—	—	15 123
3.ª " fevereiro	10 264	—	—	10 264
1.ª " março	12 772	—	—	12 772
2.ª " março	20 012	—	—	20 012
3.ª " março	47 147	—	—	47 747
Total	**6 846 980**	**4 688 080**	**2 810**	**2 156 090**
Despolpado	7 576	7 576	—	—
Rodoviário	829	134	455	240
Total geral	**6 853 385**	**4 695 790**	**3 265**	**2 156 330**
Outros Estados				
Paraná	132 115	92 804	—	39 311
Minas Gerais	302 187	196 873	—	105 314
Goiás	107 602	73 243	3 570	30 789
Mato Grosso	7 225	3 695	—	3 530
Espírito Santo	1 850	—	—	1 850
Total geral	**550 979**	**366 615**	**3 570**	**180 794**

Destino Alterado — Rio de Janeiro	1 383	
Cancelado	1 356	
Destino Alterado — Capital	71	
		2 810
Safra 51/52 Apreendido		1 000
Safra 52/53 Apreendido		12 930

Esta publicação retifica as anteriores.

Entradas e embarques de café no Rio de Janeiro, durante o mês de abril e safra 1954/55

MESES	Entradas	Embarques
1954		
Julho	330.878	143.707
Agôsto	329.488	180.816
Setembro	333.482	251.615
1.° trimestre	**993.848**	**576.138**
Outubro	314.577	250.823
Novembro	343.804	290.814
Dezembro	340.418	370.338
2.° trimestre	**998.799**	**911.975**
1.° SEMESTRE	**1.992.647**	**1.488.113**
1955		
Janeiro	248.907	244.699
Fevereiro	273.124	177.616
Março	240.814	240.655
3.° Trimestre	**762.845**	**662.970**
Abril	200.218	233.752

Relação do café exportado pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante o mês de abril de 1955

DIAS	Europa	América Norte	América Sul	América Central	África	Ásia	Cabotagem	Total
1	2.827	10.068	1.402	—	—	—	—	14.297
2	1.051	—	—	—	5.188	—	—	6.239
4	—	6.903	1.599	—	—	—	—	8.502
5	—	—	385	—	—	—	50	435
6	1.000	10.930	—	—	—	—	—	11.930
7	4.065	—	—	—	—	—	—	4.065
11	5.357	37.522	—	—	—	—	—	42.879
14	9.479	—	—	—	—	—	—	9.479
15	38.798	—	1.816	—	—	—	—	40.614
16	6.666	4.010	—	—	—	—	—	10.676
18	389	12.162	—	—	—	—	—	12.551
19	—	—	404	—	—	—	—	404
20	795	7.409	—	—	325	—	50	8.579
22	5.436	9.255	1.932	—	—	100	—	16.723
23	—	5.000	646	—	—	—	—	5.646
25	1.500	3.000	606	—	—	—	—	5.106
26	2.054	—	—	—	—	—	—	2.054
27	—	250	1.040	—	—	—	—	1.290
28	12.451	—	—	—	—	400	—	12.851
29	2.150	—	—	—	—	—	—	2.150
30	2.543	10.509	840	—	3.090	—	300	17.282
Total	**96.561**	**117.018**	**10.670**	—	**8.603**	**500**	**400**	**233.752**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

ABRIL DE 1955

Sacas de 60 quilos

PORTOS DE EMBARQUES	QUANTIDADE EXPORTADA					TOTAL
	Exterior			Consumo de bordo	Cabotagem	
	Est. Unidos	Outros países	TOTAL			
Santos	468 898	180 459	649 357	273	70	649 700
Rio de Janeiro	113 968	119 383	233 351	63	400	233 814
Paranaguá	26 573	15 130	41 703	—	—	41 703
Vitória	12 250	24 166	36 416	9	36 036	72 461
Angra dos Reis	7 945	250	8 195	—	—	8 195
Salvador	—	5 768	5 768	—	1 296	7 064
Recife	3 100	5 101	8 201	25	—	8 226
Total	**632 734**	**350 257**	**982 991**	**370**	**37 802**	**1 021 163**
Janeiro	376 770	406 980	783 750	424	30 155	814 329
Fevereiro	210 097	336 938	547 035	301	12 655	559 991
Março	474 045	407 441	881 486	475	22 390	904 351
Total de Janeiro a Abril	**1 693 646**	**1 501 616**	**3 195 262**	**1 570**	**103 002**	**3 299 834**

Nota : — Por via ferroviária foram embarcados 2.900 sacas em Vitória e rodoviária 418 em Salvador, não computados no total.

Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro, durante o mês de Abril de 1955

VIAS	PROCEDÊNCIAS								TOTAL
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Bahia	Goiás	Pernambuco	Paraíba	
E. F. C. do Brasil	1.136	4.727	—	—	—	—	—	—	5.863
E. F. Leopoldina	—	13.110	3.527	6.730	—	—	—	—	23.367
Rodoviário	8.406	118.269	14.297	10.032	2.675	11.179	5.130	1.000	170.988
Totais	**9.542**	**136.106**	**17.824**	**16.762**	**2.675**	**11.179**	**5.130**	**1.000**	**200.218**

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1955	Santos	Rio	Vitória	Bahia	Paranaguá	A/dos-Reis	Recife	TOTAL
Janeiro	1 796 045	247 292	150 800	3 650	247 935	13 236	20 584	2 479 542
Fevereiro	1 916 557	243 934	158 369	7 332	274 328	12 640	18 126	2 631 286
Março	1 866 863	94 626	160 388	8 259	176 843	6 205	18 316	2 331 500
Abril	1 809 453	60 178	162 846	8 677	176 765	835	16 126	2 234 880
1954 — abril	1 836 244	224 798	43 169	17 213	507 831	—	15 750	2 645 005
1953 — abril	1 847 122	99 635	29 094	6 280	99 635	—	8 728	2 090 494
1952 — abril	1.819 046	700 638	52 623	5 971	489 312	27 003	10 771	3 105 364
1951 — abril	1 591 003	650 954	23 444	13 296	422 871	11 094	26 241	2 738 903

MOVIMENTO DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS

ABRIL DE 1955

DIAS	ENTRADAS						Liberado E.F.S.J.	Liberado E.F.S.	Embarques	Despachos	Vendas	Retirado do estoque	Existência	Exi em do
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense	Total								
1	34 750	1 396	500	525	—	87 171	24 852	12 319	10 900	28 769	34 485	—	1 893 134	
2	16 881	1 425	400	1 095	—	19 801	8 574	11 227	20 533	14 750	38 550	74 953	1 817 449	
4	22 484	1 380	452	—	415	24 731	17 239	7 492	20 077	23 935	60 490	—	1 822 103	
5	29 825	1 386	400	995	—	32 606	21 526	11 080	23 168	38 111	52 504	—	1 831 541	
6	35 332	1 394	—	1 095	—	37 821	22 585	15 236	26 693	70 332	42 661	1 614	1 841 055	
7	29 674	1 359	500	—	—	31 533	19 893	11 640	—	—	8 935	—	1 872 588	
9	24 579	1 151	600	—	415	26 745	17 911	8 834	—	—	4 095	—	1 899 333	
11	35 274	480	500	—	—	36 254	21 247	15 007	86 153	51 781	29 058	—	1 849 434	
12	23 618	1 655	710	1 313	—	27 296	18 396	8 900	28 589	39 399	66 401	—	1 848 141	
13	36 073	2 019	740	—	—	38 832	19 828	19 004	45 342	36 261	55 656	—	1 841 631	
14	33 313	800	400	300	—	34 813	23 768	11 045	33 091	28 145	42 416	—	1 843 353	
15	32 352	—	645	600	—	33 597	21 981	11 616	38 566	36 317	49 003	—	1 838 384	
16	27 874	700	600	980	—	30 154	15 527	14 627	20 330	—	31 865	104 353	1 743 855	
18	26 839	882	500	—	—	28 221	17 649	10 572	27 825	38 865	56 051	—	1 744 251	
19	37 584	500	600	500	—	39 184	25 078	14 106	30 003	23 338	55 162	—	1 753 432	
20	39 898	2 050	300	—	—	42 248	28 286	13 962	11 832	25 378	43 001	—	1 783 848	
22	37 721	1 050	750	595	—	40 116	24 097	16 019	36 331	20 098	46 322	—	1 787 633	
23	36 432	900	436	215	—	37 983	22 669	15 314	32 113	8 978	16 284	37 862	1 755 641	
25	34 609	1 050	700	964	—	37 323	19 496	17 827	5 400	44 474	42 054	—	1 787 564	
26	32 332	1 580	300	1 230	—	35 442	24 207	11 235	19 468	37 801	37 733	—	1 803 538	
27	45 689	2 512	500	—	—	48 701	37 109	11 592	45 238	46 920	25 932	—	1 807 001	
28	23 531	—	400	1 000	—	24 931	19 061	5 870	21 196	15 953	21 181	—	1 810 736	
29	25 745	—	1 100	—	—	26 845	22 985	3 860	32 981	9 969	22 604	—	1 804 600	
30	35 187	2 205	—	550	—	37 942	26 987	10 955	33 083	541	9 701	6	1 809 453	
Total	**757 596**	**27 874**	**12 033**	**11 957**	**830**	**810 290**	**520 951**	**289 339**	**648 912**	**640 115**	**892 144**	**218 788**	—	

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1954/1955

MESES	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Matogrossense	Total	Embarques	Despachos	Retirado do estoque	Revertido ao estoque	Encontrado a + na verif. do estoque	Existência
Julho	195 789	4 122	1 635	500	—	202 046	319 501	311 613	53 617	—	89 826	2 366 686
Agôsto	375 929	6 601	4 330	5 200	—	392 060	203 284	207 299	59 658	—	—	2 495 804
Setembro	396 964	11 784	13 873	7 078	—	429 699	381 079	419 271	1 985	—	—	2 542 439
Outubro	523 791	23 186	3 695	17 449	1 000	569 121	360 822	359 243	60 081	—	—	2 690 657
Novembro	575 000	21 072	3 489	14 505	435	614 501	810 985	773 970	89 249	—	—	2 404 924
Dezembro	625 014	34 099	18 023	8 832	550	686 518	565 101	553 397	101 418	—	—	2 424 923
Janeiro	550 004	27 757	12 041	14 740	1 320	605 862	373 280	371 038	861 760	300	—	1 796 045
Fevereiro	659 998	30 198	2 265	11 332	390	704 183	250 519	254 597	333 152	—	—	1 916 557
Março	793 301	38 054	13 892	13 168	—	858 415	485 339	497 798	422 770	—	—	1 866 863
Abril	757 596	27 874	12 033	11 957	830	810 290	648 912	640 115	218 788	—	—	1 809 453

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

ABRIL DE 1955

(Em cents. por libra (pêso) 453,60)

DIA	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 ext. mole	Tipo 4 ext. mole	Tipo 4	Tipo 7
1	N/cot.	N/cot.	59.00	58.00	N/cot.	45.75
4	"	"	59.00	58.00	"	45.75
5	"	"	58.25	57.25	"	45.50
6	"	"	58.50	57.50	"	45.75
7	"	"	59.00	58.00	"	45.75
11	"	"	58.75	57.75	"	45.75
12	"	"	59.00	58.00	"	45.75
13	"	"	59.00	58.00	"	45.75
14	"	"	59.25	58.25	"	45.00
15	"	"	59.00	58.00	"	45.25
18	"	"	59.00	58.00	"	45.50
19	"	"	58.75	57.75	"	45.50
20	"	"	58.75	57.75	"	45.50
21	"	"	58.75	57.75	"	45.75
22	"	"	58.75	57.75	"	45.50
25	"	"	58.75	57.75	"	45.50
26	"	"	58.50	57.50	"	45.50
27	"	"	58.75	57.75	"	45.50
28	"	"	58.50	57.50	"	45.50
29	"	"	57.25	56.25	"	45.00
Mínima	—	—	**57.25**	**56.25**	—	**45.00**
Média	—	—	**58.72**	**57.52**	—	**45.54**
Máxima	—	—	**59.25**	**58.25**	—	**45.75**

COTAÇÕES DE CAFÉ NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

ABRIL DE 1955

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado T. 4	Sem Descrição Tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
1	422,00	408,00	374,50	310,00	213,80
4	423,50	409,00	376,00	310,00	213,80
5	422,50	409,00	376,00	312,00	214,00
6	422,50	409,00	376,00	312,00	214,00
11	422,50	409,00	376,00	312,00	214,00
12	424,00	409,50	376,00	312,00	214,60
13	424,50	409,50	376,00	312,00	215,00
14	424,50	409,50	376,00	312,00	215,00
15	424,50	409,50	376,00	312,00	214,50
18	424,50	409,50	376,00	312,00	—
19	424,50	409,50	376,00	312,00	217,00
20	424,50	409,50	375,50	312,00	217,50
22	424,50	409,50	375,00	312,00	217,50
25	424,50	409,50	377,50	312,00	217,60
26	424,50	409,50	377,50	312,00	217,50
27	424,00	409,00	377,00	312,00	217,60
28	Nominal	Nominal	Nominal	312,00	216,60
29	Nominal	Nominal	Nominal	312,00	216,70
Média	**423,84**	**409,25**	**376,06**	**311,78**	**215,69**

COTAÇÕES DE CAFÉ A TÊRMO EM NOVA YORK

Em cents. por libra (pêso) 453,60, Contrato "S" ABRIL DE 1955

DIAS	MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO		MARÇO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	55.15	55.15	48.85	50.40	44.05	45.65	41.90	43.40	40.00	40.91
4	56.35	56.05	52.00	52.38	47.46	47.65	45.40	45.40	42.35	42.92
5	55.55	54.05	52.00	50.38	47.10	45.65	44.70	43.40	42.00	40.91
6	53.15	54.80	48.88	48.90	43.70	44.10	41.40	42.06	39.20	40.05
7	54.80	55.15	48.90	49.60	44.30	45.00	42.10	42.85	40.00	40.91
11	54.75	55.45	49.81	50.60	45.66	46.80	43.43	44.40	41.00	42.50
12	55.80	55.50	51.15	50.85	47.60	46.70	45.60	44.70	43.70	42.80
13	55.35	55.15	50.80	49.70	46.18	45.80	44.00	43.80	41.10	41.70
14	55.50	55.45	49.00	50.12	44.90	46.05	43.10	44.00	41.35	41.95
15	55.70	55.85	50.70	50.80	46.75	46.85	44.50	44.70	42.60	42.65
18	56.02	55.85	50.70	51.04	46.89	46.99	44.70	44.91	43.15	43.05
19	55.60	55.60	50.75	50.45	46.35	46.35	44.65	44.20	42.40	42.25
20	55.30	55.40	50.15	50.10	46.00	45.97	43.90	43.82	41.89	41.92
21	55.50	55.50	49.95	50.30	45.80	46.18	44.00	44.02	41.85	42 03
22	55.60	55.30	50.35	49.80	46.35	45.61	44.20	43.41	42.50	41.50
25	55.50	55.60	49.88	50.12	45.85	45.99	44.00	43.74	41.55	41.99
26	56.30	56.00	50.65	50.58	46.40	46.35	44.80	43.94	42.50	42.25
27	56.00	53.65	50.30	48.58	46.15	44.35	43.00	41.94	41.40	40.25
28	54.80	53.25	48.57	46.58	43.60	42.35	41.10	40.05	39.75	38.60
29	52.75	51.25	45.25	44.58	40.35	40.35	39.10	38.15	38.00	37.14
Mínima	**52.75**	**51.25**	**45.25**	**44.58**	**40.35**	**40.35**	**39.10**	**38.15**	**38.00**	**37.14**
Média	**55.27**	**55.00**	**49.93**	**49.79**	**45.57**	**45.54**	**43.48**	**43.34**	**41.14**	**41.41**
Máxima	**56.35**	**56.05**	**52.00**	**52.38**	**47.60**	**47.65**	**45.60**	**45.40**	**43.70**	**43.05**

COTAÇÕES DE CAFÉS NÃO BRASILEIROS EM NOVA YORK

(Em cents por libra (peso) 453,60) — Abril de 1955

PROCEDÊNCIA	DIAS				MÉDIA
	7	14	20	27	
COLÔMBIA :					
Medelin Excelso	2) 59 00	–) 60 3/4	2) 64 00	2) 64 3/4	62 1/8
Armenia	2) 59 00	–) 60 3/4	2) 64 00	2) 64 3/4	62 1/8
Manizales	2) 59 00	–) 60 3/4	2) 64 00	2) 64 3/4	62 1/8
Cucuta	2) 58 1/4	(x)			58 1/4
Bogotá	2) 58 1/2	(x)			58 1/2
Tolima	2) 58 1/2	(x)			58 1/2
Ocana	2) 58 1/2	(x)			58 1/2
COSTA RICA :					
Honduras	N/cot.	6) 60 00	6) 59 1/2	2) 60 1/2	60 00
Atlantic Fino	N/cot.	6) 59 1/2	6) 59 00	2) 60 1/2	59 21/32
EQUADOR :					
Lavado	6) 56 00	6) 56 00	6) 57 00	6) 57 00	56 1/2
Extra não lavado	6) 47 00	6) 49 00	6) 48 00	6) 47 00	47 3/4
GUATEMALA :					
Antigua	N/cot.	6) 61 00	6) 62 00	6) 62 1/2	61 53/64
Extra primeira	N/cot.	6) 59 00	6) 60 00	6) 60 1/2	59 53/64
Lavado bom	N/cot.	6) 58 00	6) 59 00	6) 59 00	58 43/64
Bourbon	N/cot.	6) 56 3/4	6) 57 1/4	6) 58 1/2	57 1/2
HAITÍ :					
Lavado bom mole	6) 56 00	6) 56 00	6) 56 00	6) 57 00	56 1/4
Catado a mão	6) 52 00	6) 52 00	6) 52 00	6) 52 00	52 00
HONDURAS :					
Lavado bom	N/cot.	N/cot.	6) 57 1/4	6) 57 3/4	57 1/2
Tipo 5 comum duro	N/cot.	N/cot.	6) 48 00	6) 48 00	57 1/2
MÉXICO :					48 00
Coatepec	6) 58 00	6) 58 00	6) 58 00	6) 58 00	58 00
Tapachula primeira	6) 57 3/4	6) 57 1/2	6) 57 00	6) 57 3/4	57 1/2
NICARÁGUA :					
Matagalpa	N/cot.	6) 56 00	6) 56 1/2	6) 57 1/2	56 43/64
Lavado primeira	N/cot.	6) 55 1/2	6) 56 00	6) 57 00	56 11/64
EL SALVADOR :					
Lavado primeira	N/cot.	6) 58 00	6) 57 3/4	6) 57 3/4	57 53/64
S. DOMINGOS :					
Lavado bom mole	6) 56 1/2	6) 56 1/2	6) 56 1/2	6) 57 00	58 53/64
Fino	6) 56 00	6) 56 00	6) 57 00	6) 57 1/2	58 53/64
VENEZUELA :					
Maracaibo	6) 56 00	6) 56 1/2	6) 57 1/2	6) 58 00	57 00
CONGO BELGA :					
Lavado robusta	N/cot.	6) 58 00	N/cot.	N/cot.	58 00
Natural robusta	N/cot.	N/cot.	N/cot.	6) 45 00	45 00
MOKA :					
Moka (Arábia)	N/cot.	6) 58 1/2	6) 57 00	6) 57 1/2	57 49/64
N. E. I. :					
Genuino Java lavado	N/cot.	6) 67 1/2	6) 67 1/2	6) 67 1/2	67 1/2
UGANDA :					
Lavado	N/cot.	N/cot.	6) 39 00	6) 38 00	38 1/2

INDICAÇÕES 1 — C. & F. — U.S.A. (Nova York)
2 — Desembarcado á vista líquido
3 — Disponível — Armazens Gerais Nova York
4 — F. O. B. Nova York
5 — F. O. B. País de Procedência
6 — Nominal
–) — Disponível
x) — *Colômbia* — Daqui por diante não haverá mais preços especificados para os tipos CUCUTA, BOGOTÁ, TOLIMA E OCÁNA, pois agora normalmente serão misturados com os tipos mais altos. (Medelin, Armenia e Manizales)

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de **Câmbio Livre,** afixadas pela Bôlsa Oficial de Valôres de São Paulo, durante o mês de

ABRIL DE 1955

DIAS	Inglaterra	Canadá	Est. Unidos	Uruguai	Colômbia	Alemanha	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Argentina	Espanha	Bélgica
1	227,2408	85,0000	82,8861	—	—	—	—	—	—	—	2,9430	2,9185	2,0557	1,6867
2	226,0826	83,0000	82,0338	—	—	20,0000	—	—	14,0000	—	2,9305	—	1,9469	1,5400
4	226,1025	—	81,0093	—	—	—	—	19,6945	—	9,0000	2,9335	2,9000	2,0200	1,6481
5	223,2045	—	80,0667	—	—	—	—	18,9000	12,8000	—	2,8930	2,9000	—	—
6	221,2476	—	80,0619	—	—	—	—	19,2535	13,0520	8,4581	2,8670	2,9000	2,0303	—
11	231,2061	—	83,9418	—	—	—	—	—	—	—	2,8904	2,9000	1,9000	—
12	229,8439	—	81,9323	27,0766	—	—	—	19,6000	—	—	2,9987	2,9000	2,0175	1,5614
13	225,6746	—	80,9410	26,8000	25,00	—	—	19,0000	13,8000	—	2,8001	2,8230	1,9000	—
14	226,3068	—	81,0860	26,8000	—	—	—	19,1400	13,6000	8,7000	2,7494	2,8000	2,0057	—
15	224,4343	—	81,3937	26,0000	—	20,0000	19,50	19,0257	13,4545	8,5000	2,8428	2,8803	2,0300	1,6400
18	227,0000	—	81,2219	26,8000	—	—	—	—	14,0000	—	2,8714	2,9000	1,9216	—
19	226,0116	—	80,9047	26,6000	—	—	—	19,1470	—	—	2,8542	2,8000	2,0240	1,5490
20	225,8611	82,0000	80,5080	26,8000	—	—	—	18,9817	—	—	2,8517	2,8195	2,0199	1,5500
22	224,5125	—	80,7215	26,3300	—	—	—	—	—	8,1000	2,8560	2,7909	1,9517	1,5305
23	224,4448	—	79,9166	—	—	—	—	—	—	—	2,8408	—	1,8900	—
25	222,0117	—	79,7052	25,5000	—	—	—	—	—	8,6000	2,8249	2,8066	1,9000	—
26	222,8577	—	79,4583	—	—	—	—	18,7004	—	8,1534	2,7927	2,8500	1,9636	—
27	223,0000	—	79,5735	26,0264	—	—	—	18,7025	14,3000	8,2000	2,7979	2,8004	1,9800	—
28	223,0047	—	79,4649	25,5000	—	—	—	18,8000	15,6000	8,2148	2,7960	—	1,9796	1,5000
29	224,8723	82,6000	79,7380	—	—	—	—	18,7384	13,2000	8,2000	2,7839	2,8000	1,9238	1,4914
30	223,0392	82,5000	80,5659	—	—	—	—	—	—	—	2,7991	—	—	1,5000
Média	**225,1694**	**83,0200**	**80,8157**	**26,3848**	**25,00**	**20,0000**	**19,50**	**19,0525**	**13,7806**	**8,4126**	**2,8531**	**2,8523**	**1,9715**	**1,5633**

CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

ABRIL DE 1955

(Valor das diversas moedas em dólar)

	Londres £	Montreal $	Rio de Janeiro Cr$	Buenos Aires Peso	Monte-video Peso	Paris Franco	Berna Franco	Stockol-mo Corôa	Madrid Peseta	Lisbôa Escudo	Bélgica Franco	Amster-dam Guilder	Brasil Cr$ Oficial
. . .	2.79. 3/8	1.01.13/16	0.01.25	0.07.23	0.32.00	0.0028.5/8	0.23.33.1/2	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.7/8	0.26.33	0.05.50
. . .	2.79. 9/16	1.01.25/32	0.01.28	0.07.23	0.32.12	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.1/2	0.26.34	0.05.50
. . .	2.79. 9/16	1.01. 3/4	0.01.25	0.07.23	0.32.12	0.0028.5/8	0.23.33.1/2	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.3/4	0.26.34	0.05.50
. . .	2.79. 1/2	1.01. 5/8	0.01.21	0.07.23	0.32.12	0.0028.5/8	0.23.33.1/2	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.3/4	0.26.34	0.05.50
. . .	2.79. 9/16	1.01. 5/8	0.01.23	0.07.23	0.32.12	0.0028.5/8	0.23.33.1/2	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.3/4	0.26.34	0.05.50
. . .	2.79. 5/8	1.01. 5/8	0.01.25	0.07.23	0.32.12	0.0028.5/8	0.23.33.1/2	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.3/4	0.26.34	0.05.50
. . .	2.79.13/16	1.01. 7/16	0.01.26	0.07.23	0.32.25	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.3/4	0.26.34	0.05.50
. . .	2.79. 7/8	1.01.11/32	0.01.26	0.07.23	0.32.25	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.3/4	0.26.34	0.05.50
. . .	2.79.13/16	1.01.11/32	0.01.28	0.07.23	0.32.25	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.1/4	0.26.31	0.05.50
. . .	2.79. 7/8	1.01.11/32	0.01.26	0.07.23	0.32.25	0.0028.5/8	0.23.33	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.3/4	0.26.31	0.05.50
. . .	2.79. 3/4	1.01. 7/16	0.01.26	0.07.23	0.32.25	0.0028.5/8	0.23.33	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.3/4	0.26.31	0.05.50
. . .	2.79.13/16	1.01. 7/16	0.01.26	0.07.23	0.31.75	0.0028.5/8	0.23.33.1/2	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.00	0.26.32	0.05.50
. . .	2.79. 3/4	1.01.15/32	0.01.27	0.07.23	0.31.65	0.0028.5/8	0.23.33.1/2	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.00	0.26.32	0.05.50
. . .	2.79. 3/4	1.01.13/32	0.01.27	0.07.23	0.31.50	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.3/8	0.26.32	0.05.50
. . .	2.79. 3/4	1.01. 5/16	0.01.29	0.07.23	0.31.62	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.1/4	0.26.32	0.05.50
. . .	2.79.13/16	1.01. 7/32	0.01.29	0.07.23	0.31.62	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.1/4	0.26.32	0.05.50
. . .	2.79.15/16	1.01.13/16	0.01.29	0.07.23	0.31.12	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.1/4	0.26.32	0.05.50
. . .	2.79.15/16	1.01. 3/32	0.01.29	0.07.23	0.31.12	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.1/4	0.26.32	0.05.50
. . .	2.80.00	1.01. 1/8	0.01.29	0.07.23	0.31.12	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.3/8	0.26.32	0.05.50
. . .	2.79.13/16	1.01.13/16	0.01.29	0.07.23	0.31.12	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.3/8	0.26.33	0.05.50
. . .	2.79. 3/8	1.01. 3/32	0.01.21	0.07.23	0.31.12	0.0028.5/8	0.23.33	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.1/2	0.36.31	0.05.50
. . .	2.79. 3/4	1.01.29/64	0.01.27	0.07.23	0.31.92	0.0028.5/8	0.23.33	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.9/64	0.26.33	0.05.50
. . .	2.80.00	1.01.13/16	0.01.29	0.07.23	0.32.25	0.0028.5/8	0.23.3/4	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.3/4	0.26.3/4	0.05.50
. . .	**5.594.87.50**	**2.029.187.50**	**25.33**	**1.44.60**	**6.38.47**	**57.25.00**	**4.667.45**	**3.86.80**	**47.20**	**70.00**	**39.827.50**	**5.26.53**	**110.00**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de **Câmbio Oficial,** afixadas pela Bôlsa Oficial de Valôres, durante o mês de **ABRIL** de 1955

DIAS	Inglaterra	Est. Unidos	Uruguai	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Bélgica	França
1	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
2	52,6960	18,82	—	—	—	2,7499	—	—	0,0538
4	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
5	52,6960	18,82	—	4,4253	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
6	52,6960	18,82	—	4,4230	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
11	52,6960	18,82	—	—	—	2,7499	—	—	—
12	52,6960	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
13	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
14	52,6960	18,82	—	4,4259	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
15	52,6960	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
18	52,6960	18,82	—	4,4268	3,6402	—	—	—	—
19	52,6960	18,82	—	4,4259	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
20	52,6960	18,82	—	4,4240	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
22	52,6960	18,82	—	4,4259	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
23	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
25	52,6960	18,82	—	—	—	—	—	—	0,0538
26	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
27	52,6960	18,82	—	4,4254	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
28	52,6960	18,82	5,9369	4,4259	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
29	52,6960	18,82	—	4,4263	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
30	52,6960	18,82	—	—	—	—	—	—	—
Média	**52,6960**	**18,82**	**5,9369**	**4,4256**	**3,6402**	**2,7499**	**0,6607**	**0,3799**	**0,0538**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA — ABRIL DE 1955

DIAS	Londres libra	N. York dólar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguay peso	Suécia corôa	Holanda florim
1	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	6.02.72	3.64.02	4.95.15
2	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	6.03.21	3.64.02	—
4	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	6.03.21	3.64.02	—
5	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	6.03.21	3.64.02	4.95.34
6	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	6.03.21	3.64.02	—
7	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	6.03.21	3.64.02	4.95.34
11	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	6.03.21	3.64.02	—
12	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	6.03.72	3.64.02	—
13	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	6.03.60	3.64.02	—
14	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	6.03.21	3.64.02	—
15	52.69.60	18.82.00	4.42.50	0.65.07	1.35.20	6.03.21	3.64.02	4.94.78
16	52.69.60	18.82.00	4.42.50	0.65.07	1.35.20	6.03.21	3.64.02	—
18	52.69.60	18.82.00	4.42.50	0.65.07	1.35.20	6.02.24	3.64.02	—
19	52.69.60	18.82.00	4.42.50	0.65.07	1.35.20	5.98.41	3.64.02	4.94.78
20	52.69.60	18.82.00	4.42.50	0.65.07	1.35.20	5.98.41	3.64.02	4.94.97
22	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.93.69	3.64.02	—
23	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.94.63	3.64.02	—
25	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.94.63	3.64.02	—
26	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.90.89	3.64.02	—
27	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.87.21	3.64.02	—
28	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.86.29	3.64.02	—
29	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.88.13	3.64.02	—
30	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.86.29	3.64.02	—
Média	**52.69.60**	**18.82.00**	**4.42.65**	**0.65.07**	**1.35.20**	**5.98.25**	**3.64.02**	**4.95.06**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA — ABRIL DE 1955

DIAS	Londres libra	N. York dólar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguay peso	Suécia corôa	Holanda florim
1	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,79 64	3,55 13	4,83 05
2	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,80 09	3,55 13	—
4	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,80 09	3,55 13	—
5	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,80 09	3,55 13	4,83 24
6	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,80 09	3,55 13	—
7	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,80 09	3,55 13	4,83 24
11	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,80 09	3,55 13	—
12	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,80 09	3,55 13	—
13	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,80 55	3,55 13	—
14	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,80 09	3,55 13	—
15	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,80 09	3,55 13	4,82 68
16	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,79 18	3,55 13	—
18	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,79 18	3,55 13	—
19	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,75 55	3,55 13	4,82 68
20	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,75 55	3,55 13	4,82 87
22	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,71 07	3,55 13	—
23	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,71 96	3,55 13	—
25	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,71 96	3,55 13	—
26	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,68 42	3,55 13	—
27	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,64 06	3,55 13	—
28	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,64 06	3,55 13	—
29	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,65 99	3,55 13	—
30	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,64 06	3,55 13	—
Média	**51.40 80**	**18.36 00**	**4,28 30**	**0,63 28**	**1,31 61**	**5,75 30**	**3,55 13**	**4,82 96**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

Bases de uma política racional para o café — II — J. Testa 5
Ocorrência de aleurothrixus myrtacei em cafeeiros no Estado de S. Paulo — A. S. Costa e D. M. Silva 11
Formação de uma fazenda de café — F. R. Pupo de Moraes 14

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Adubação verde do cafèzal 22
Rêde de postos de classificação de café 25
Questões práticas de cafeicultura — Época de plantio — Lauriston Pousa Bicudo 26
Seguro método de proteção aos cafèzais contra as geadas 29
O emprêgo do azôto mineral na adubação do cafeeiro — Ferdinando R. Pupo de Moraes 32
A debatida questão dos sombreamentos dos cafèzais: Problema a reexaminar — José Gomes da Silva 34
A cochonilha verde do cafeeiro — Francisco de Assis M. Mariconi 36
Aplicação de adubos em cafèzal — Lauriston Pousa Bicudo 38
Observações práticas sôbre a adubação no cafeeiro — Sigmar Kaufmann 40
Há cêrca de 8 anos o café mundo novo lançou raízes na terra do bourbon 43
Como construir um viveiro de café 45
Lisbôa bebe café muito melhor que o de S. Paulo e do Rio — Mozart Monteiro
Café do Brasil apreendido pelas autoridades turcas 49
Além de ser a venda clandestina o café é entregue já adulterado 50
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — abril) 51

ESTATÍSTICAS:

Suplemento Estatístico n.º 352 — 5 de abril de 1955 77
Entradas e embarques de café no Rio de Janeiro, abril e safra 54/55 79
Relação do café exportado pelo pôrto do Rio de Janeiro — abril 80
Exportação brasileira de café — abril 81
Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro — abril 82
Café disponível nos portos de exportação do Brasil — Jan.º a abril 82
Cotações de cafés brasileiros no disponível de Nova York — abril 83
Movimento de café na praça de Santos — abril ..... apenso
Movimento de café em Santos — Safra 1954/5 ..... apenso
Cotações de café no disponível em Santos, Rio e Vitória — abril 84
Cotações de café a têrmo em Nova York — Contrato "S" — abril 85
Cotações de cafés não brasileiros em Nova York — abril 86
Câmbio em São Paulo — Oficial — abril 87
Câmbio em São Paulo — Livre — abril ..... apenso
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — abril ..... apenso
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Vendas à vista — abril 88
" " " " " " " " — Compras à Vista — abril ... 89
Balancete da receita e despesa do patrimônio do Instituto de Café do Estado de S. Paulo em 30 de abril de 1955 ..... apenso
Movimento de café no Rio de Janeiro — abril ..... apenso

BALANCETE DA RECEITA E DESPESA DO PATRIMÔNIO DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO EM 30 DE ABRIL DE 1955

RECEITA

	Cr$	Cr$	Cr$
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária :			
Tributária	16.348.181,20		
Patrimonial	18.040.180,10		
Industrial	9.400,00	34.397.761,30	
Extraordinária :			
Diversos		3.264.714,90	37.662.475,20
A DEDUZIR			
Contas do Exercício a Receber			9.847.993,50
			27.814.472,70
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		518.635,50	
Diversos		1.698.950,50	2.217.586,00
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		139.925,40	
Em Bancos		43.263.650,80	43.403.576,20
			73.435.644,90

DESPESA

	Cr$	Cr$
DESPESA ORÇAMENTÁRIA		
Encargos Diversos	218.581,70	
Administração	1.556.542,30	1.775.1
A DEDUZIR		
Contas do Exercício a Pagar		418.1
		1.356.9
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA		
Restos a Pagar — 1951	2.640,00	
Restos a Pagar — 1952	15.241,10	
Restos a Pagar — 1953	424.423,70	
Restos a Pagar — 1954	8.281.162,90	
Diversos	1.548.785,70	10.272 2
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE		
Em Caixa	215.532,80	
Em Bancos	61.590.933,00	61.806.4
		73.435.6

DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE, 30 DE ABRIL DE 1955

WALDEMAR CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade
Substituto — G. Livros - C. R. C.
Sp. n.º 5159

ALBERTO DE BARROS RANGEL
Auditor da Secretaria da Fazenda
C. R. C. – Sp. n.º 4.939

Visto :
MILTON DE AZEVEDO NOGU
Gerente - Substituto

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

ABRIL DE 1955

DIAS	ENTRADAS									EMBARQUES			Retirado do Mercado	Existência
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Esp. Santo	Bahia	Goiás	Pernambuco	Paraíba	Total	Exterior	Cabotagem	Total		
1	—	26 177	—	—	—	—	—	—	26 177	14 297	—	14 297	—	106 506
2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	6 239	—	6 239	—	100 267
4	—	21 799	1 383	—	—	—	—	—	23 182	8 502	—	8 502	—	114 947
5	—	12 509	9 161	—	—	—	—	—	21 670	385	50	435	—	136 182
6	—	11 524	—	—	—	—	—	—	11 524	11 930	—	11 930	—	135 776
7	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4 065	—	4 065	—	131 711
11	—	7 533	—	—	—	—	1 180	—	8 713	42 879	—	42 879	—	97 545
12	5 402	4 847	—	—	—	—	—	—	10 249	—	—	—	—	107 794
13	4 024	3 947	—	4 909	—	—	—	—	12 880	—	—	—	—	120 674
14	—	6 095	—	—	—	—	—	—	6 095	9 479	—	9 479	—	117 290
15	—	3 395	—	—	—	5 680	—	—	9 075	40 614	—	40 614	—	85 751
16	—	—	—	—	—	—	—	—	—	10 676	—	10 676	—	75 075
18	—	4 930	658	2 035	—	—	—	—	7 623	12 551	—	12 551	—	70 147
19	116	4 542	—	4 131	—	—	—	—	8 789	404	—	404	—	78 532
20	—	4 863	—	—	—	5 499	—	—	10 362	8 529	50	8 579	—	80 315
22	—	4 594	5 136	—	—	—	—	—	9 730	16 723	—	16 723	—	73 322
23	—	—	—	—	—	—	—	—	—	5 646	—	5 646	—	67 676
25	—	4 750	933	4 270	—	—	1 505	1 000	12 458	5 106	—	5 106	—	75 028
26	—	5 222	—	—	—	—	—	—	5 222	2 054	—	2 054	—	78 196
27	—	4 921	—	—	—	—	—	—	4 921	1 290	—	1 290	—	81 827
28	—	4 458	—	—	—	—	—	—	4 458	12 851	—	12 851	—	73 434
29	—	—	553	1 417	2 675	—	2 445	—	7 090	2 150	—	2 150	—	78 374
30	—	—	—	—	—	—	—	—	—	16 982	300	17 282	914	60 178
Total	**9 542**	**136 106**	**17 824**	**16 762**	**2 675**	**11 179**	**5 130**	**1 000**	**200 218**	**233 352**	**400**	**233 752**	**914**	

IMPRIMIU:
INDÚSTRIA GRÁFICA SIQUEIRA S/A
RUA AUGUSTA, 235 — SÃO PAULO
Enc. 4584 — 1956

CAFÉ
COLHEITA
SECCAGEM
EXPORTAÇÃO

CAFÉ
SANTOS
DE
CONSUMO
MUNDIAL